Alanis Guillen: A Juma Marruá de 'Pantanal' fala sobre sucesso, sexualidade e política

ela

O GLOBO

ISSN 2178-5139

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 4 DE SETEMBRO DE 2022 ANO XCVIII - Nº 32.535 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R$ 7,00

CRISTIANO MARIZ

Agonia. Claudineia Siqueira, 43 anos e dez filhos, está há 4 anos desempregada

CAMINHOS PARA O BRASIL
IDEIAS PARA ENFRENTAR OS MAIORES DESAFIOS DO PAÍS

Duas pesquisas do Ipec encomendadas pelo GLOBO detalham quais são, na visão dos brasileiros, os sete principais problemas do país. No topo, aparece o desemprego, com menção de 43% dos dois mil entrevistados, em uma sondagem marcada pela apreensão com temas socioeconômicos, na esteira da crise da qual o Brasil começa a sair. Ausentes em 2018, inflação e pobreza/fome/miséria agora têm destaque. A partir dos levantamentos, feitos de Norte a Sul, o jornal inicia a série de reportagens "Tem solução", nas quais serão apresentadas medidas, elaboradas por renomadas instituições, para que o Brasil enfrente e supere os desafios que a população considera mais urgentes neste ciclo eleitoral. PÁGINAS 10 e 11

EDITORIAL
URGE REPUDIAR E COMBATER A VIOLÊNCIA POLÍTICA
PÁGINA 2

MERVAL PEREIRA
Amazônia precisa de ação coordenada
PÁGINA 2

MÍRIAM LEITÃO
Erros na área fiscal têm de ser apontados
PÁGINA 22

LAURO JARDIM
Tarcísio sonha com Planalto em 2026
PÁGINA 6

ELIO GASPARI
As notas de reembolso de Sergio Moro
PÁGINA 16

BERNARDO MELLO FRANCO
Campanha esquenta
PÁGINA 3

PATRÍCIA KOGUT
Série explora o controle do futuro
SEGUNDO CADERNO

SENSACIONALISTA
Vem aí taxa zero para carro-forte
SEGUNDO CADERNO

Dois séculos de mar, festas e contradições

PINTURA DE DEBRET E FOTO DE CUSTODIO COIMBRA

Do ano da Independência ao Bicentenário, o Rio se urbanizou e escondeu belezas naturais atrás de prédios. Mas, segundo historiadores, mantém-se voltado ao mar, e à vida na rua, com deficiências de infraestrutura. PÁGINA 33

HERÓIS OU VILÕES?
Mercenários britânicos ajudaram a definir contornos do Brasil PÁGINA 20

7 de Setembro é preparado com Pix e ideias golpistas

Youtubers e militantes estão usando Pix para, junto com igrejas evangélicas e o agronegócio, financiar caravanas e infraestrutura dos atos de 7 de Setembro. Em ambientes bolsonaristas, organizadores defendem abertamente intervenção militar caso Lula vença o pleito. PÁGINA 4

Com mesas ocupadas, restaurantes voltam a investir e contratar

Bares e restaurantes devem fechar o ano com faturamento 8% acima do nível pré-pandemia e com a recuperação das vagas perdidas com as restrições da Covid. PÁGINA 21

SEGUNDO CADERNO
Um dia de rap na Cidade do Rock

Ainda mais cheio do que a estreia, o segundo dia do festival, dedicado ao rap, teve público mais eclético e com maior quantidade de jovens e mulheres na plateia. Hoje a expectativa é para ver o astro pop Justin Bieber.

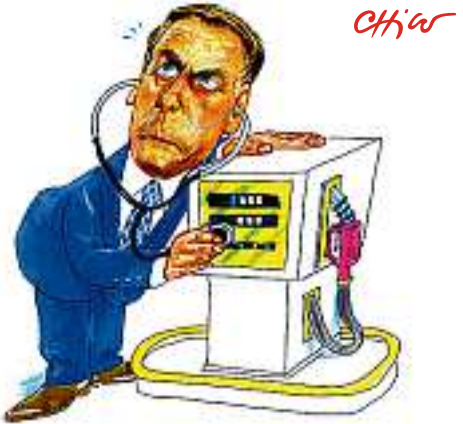
UM NOVO COMEÇO
A (r)evolução de Serena Williams

Serena Williams interrompeu a mais bem-sucedida carreira de tênis da era moderna para buscar outro desafio monumental: transformar-se na atleta com maior sucesso após deixar o esporte, usando sua empresa de investimentos para turbinar negócios de mulheres e negros. PÁGINA 38

EPIDEMIA DE SOLIDÃO
Homens de meia-idade sofrem mais com o isolamento social PÁGINA 29

IMOBILIÁRIA DO TRÁFICO
Área pública vira favela Deus que Me Deu, com aluguéis de mil reais PÁGINA 32

BELEZA SOBRENATURAL
Os locais do Rio que, há quem jure, são habitados por fantasmas PÁGINA 35

— *Vamos ver se abaixando o preço eu subo um pouquinho...*

Opinião do GLOBO

Urge repudiar e combater a violência política

Atentado contra Cristina Kirchner traz preocupação a todo país em que cresce a polarização — como o Brasil

Pelas investigações que vieram a público até o momento, tudo leva a crer que a tentativa de assassinato da vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, tenha sido ato isolado de um brasileiro radicado em Buenos Aires, que nutria simpatias por ideologias de extrema direita. Felizmente, ela sobreviveu ilesa. Mas isso não significa que o atentado não tenha surtido efeito. Numa sociedade polarizada como a argentina, atos dessa magnitude contribuem para acirrar os ânimos.

Foi o que se viu nas manifestações que tomaram as ruas de Buenos Aires e na reação da classe política — sobretudo dos peronistas, preocupados em tirar proveito do ataque atribuindo a responsabilidade aos adversários ideológicos, à imprensa e a outros bodes expiatórios, e não ao autor do crime. É uma atitude que só agrava o clima de ódio e aumenta o risco de novos atos violentos.

A preocupação com a violência política não se restringe à Argentina. Como argumenta o colunista do GLOBO Pablo Ortellado, ela precisa se estender a toda sociedade com polarização crescente. É o caso do Brasil, que também foi palco recente de atentados de motivação política. Felizmente também foram atos isolados, segundo as autoridades, o ataque ao presidente Jair Bolsonaro em Juiz de Fora na campanha de 2018 e o assassinato de um tesoureiro petista em Foz do Iguaçu neste ano. Mas é preciso fazer o possível para que tais episódios não evoluam para a violência organizada.

É certo que não há guerrilhas nem organizações terroristas em operação no território nacional. O país enfrenta, porém, vários grupos armados com interesses políticos nítidos, como as facções criminosas que operam nos presídios ou as milícias cariocas, sobre as quais recai a suspeita de envolvimento no assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista em 2018 (cujos mandantes até hoje não foram descobertos).

Parece evidente, também, que o incentivo ao armamento da população pelo governo Bolsonaro amplia o risco de confrontos violentos. Divergências políticas que outrora se restringiam a discussões inconsequentes de botequim têm com frequência evoluído para vias de fato, fraturando famílias, grupos de amigos e colegas de trabalho. A situação chegou a tal ponto que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) teve de proibir o porte de armas nos locais de votação, para evitar o pior.

Toda violência precisa ser repudiada, não importa de onde venha. O que distingue a civilização da barbárie é a resolução pacífica dos conflitos. É fundamental, sobretudo, que os políticos tenham a sabedoria de não transformar seus adversários (que desejam derrotar) em inimigos (que gostariam de eliminar), de não substituir a rivalidade saudável (intrínseca a qualquer competição) pelo ódio cego e irracional (que nada traz de bom). É um recado que vale para os peronistas e oposicionistas argentinos, para os trumpistas e democratas americanos, para os petistas e bolsonaristas brasileiros — e para qualquer outro grupo político.

É inaceitável a intolerância contra as religiões de matriz africana

Primeiro semestre registrou 46% mais denúncias que 2021. Autoridades têm de garantir liberdade de crença

É inaceitável qualquer intolerância religiosa, mais ainda quando vem contaminada pelo racismo, como ocorre nos ataques aos cultos de matriz africana. No primeiro semestre, houve 383 denúncias de intolerância religiosa ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 45,6% a mais que as 263 queixas no mesmo período do ano passado. No mundo digital, a Central de Denúncias da SaferNet somou 2.813 casos, também de janeiro a junho, crescimento de 654,1% em relação a 2021. Direito gravado na Constituição, a liberdade de consciência e de crença precisa ser garantida pelas autoridades. Elas têm o dever de não deixar as denúncias se esgotarem em meros registros nas delegacias policiais.

A maioria das denúncias recentes se concentra em ataques a terreiros de umbanda e candomblé. Só neste primeiro semestre, houve 81 no Rio de Janeiro, 63 em São Paulo e 29 em Minas Gerais. A perseguição a tais cultos, com frequência por parte de certas correntes evangélicas, não pode ser tratada como aceitável num país onde mais de 55% dos habitantes se declaram pretos ou pardos. A cultura e as crenças dos descendentes de africanos escravizados se misturam às de outras etnias para compor a sociedade brasileira, onde não pode haver lugar para perseguição religiosa ou de qualquer tipo.

Dificuldades práticas precisam ser superadas, como revelou reportagem do GLOBO. Numa noite de janeiro, em Vitória da Conquista, Bahia, no terreiro de candomblé Ìlê Alaketú Asé Omí T'Ogun, onde 30 fiéis celebravam um rito religioso, um carro com o volume da aparelhagem de som no máximo parou na entrada proferindo frases como: "Jesus salva", "Jesus liberta", "Jesus transforma". Foi uma agressão sem sentido a uma prática religiosa que tem de ser respeitada.

A cerimônia foi suspensa, e a polícia chamada. Quando chegou, o carro de som havia ido embora. Foi aberto um inquérito pela Polícia Civil da Bahia. Pouco aconteceu desde janeiro. Uma carta precatória foi enviada à comarca de Mata Verde, em Minas, onde mora o suspeito do ataque, para que ele seja ouvido. Não houve retorno. É quase certo o engavetamento do inquérito.

A impunidade estimula novas agressões, que tendem a ficar mais violentas diante da passividade do poder público. No Rio de Janeiro, ataque semelhante atingiu em junho o terreiro de candomblé Inzo Ngunzu ia Makulundu Kavungo. Um casal de vizinhos pôs músicas em volume alto, enquanto gritava que o culto era "magia negra". A mãe de santo Ana Privat, chamada nos cultos de Mam'etu Kavunjenan, que já havia sido vítima do preconceito contra religiões de matriz africana em 2017, diz que só se sente segura nas grandes celebrações do candomblé com a Polícia Militar na porta.

Já passou da hora de uma ação mais firme das autoridades e de campanhas de esclarecimento para promover o respeito à fé alheia. A tolerância com todas as religiões é uma característica que distingue sociedades democráticas modernas das submetidas ao tacão do autoritarismo e do arbítrio.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA

blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editoria.artigos@oglobo.com.br

Retomar a Amazônia

Chama a atenção como os temas relacionados à Amazônia aparecem relativamente pouco nos debates dos candidatos à Presidência da República, pelo menos não com o protagonismo que merecem diante da crise permanente de desmatamento, das queimadas que se repetem em crescimento, da perda de controle da soberania nacional de partes da região para as mais diversas formas de crime organizado: do comércio ilegal de madeira ao garimpo em terras indígenas; da disputa do território entre quadrilhas internacionais na fronteira até todo tipo de contrabando.

O controle do desmatamento e das queimadas é o que de mais perto interessa à opinião pública global, e o que mais afasta o Brasil dos financiamentos internacionais para uma economia verde sustentável. Mas a perda da soberania nacional para quadrilheiros é o ponto mais vulnerável de nossa segurança interna. É pelas fronteiras que entram drogas e armamentos pesados que financiam o crime organizado que, em diversas facções, atuam em todo o país.

Essa visão holística da questão amazônica está a exigir do futuro governo uma ação coordenada que não se vê em discussão na campanha eleitoral. O recente lançamento do Centro Soberania e Clima, que reuniu nomes como Raul Jungmann (ex-ministro da Defesa), o general Sérgio Etchegoyen (ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional) e Marcelo Furtado (ex-diretor do Greenpeace Brasil), é um exemplo do que pode vir a ser feito. O objetivo do novo *think tank* é exatamente promover diálogo, conexões e convergências entre atores da Defesa e do Meio Ambiente no Brasil e no mundo.

Uma grande campanha, intitulada "Amazônia Mãe do Brasil", está sendo lançada, com o objetivo de dar centralidade ao tema na campanha eleitoral e transformar o Dia da Amazônia, que se comemora amanhã, numa data nacional relevante. O anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública 2022 aponta violência letal muito maior na Amazônia do que na média do Brasil, que já tem uma média em si mesma altíssima. A soberania do Estado brasileiro na Amazônia nunca esteve tão ameaçada como hoje.

> *A violência letal é muito maior na Amazônia do que na média do Brasil. A soberania do Estado nunca esteve tão ameaçada*

Não por invasão de exércitos imaginários, mas pelo avanço de todo tipo de crime e ilegalidade estimulados por um governo que deliberadamente atrofia seus órgãos de fiscalização e punição. O Dia da Amazônia encontra uma região traumatizada pela violência, e envergonhada diante da repercussão mundial das mortes de Dom Phillips e Bruno Pereira.

O anuário de 2022 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública ressalta que a Amazônia tem 30 das 100 cidades brasileiras com taxas de mortes violentas intencionais superiores a 100 por 100 mil habitantes. A violência letal ali é 38% superior à das demais regiões do país. Nos municípios urbanos com mais de 50 mil habitantes e/ou predominância de áreas densamente populosas, a violência letal na Amazônia é 47,9% superior à média nacional desse tipo de município.

"A Amazônia como um todo parece dominada pela lógica dos grupos armados criminosos e, mesmo com as estruturas policiais e militares existentes, que são capazes de atuar quando adequadamente mobilizadas, quem parece organizar a vida da população é o crime organizado, que vai corrompendo e ocupando a economia, a política e o cotidiano da região", descrevem o diretor-presidente do Fórum, Renato Sérgio de Lima, e a diretora-executiva, Samira Bueno.

Eles denunciam que os grupos criminosos atuam como "síndicos da Amazônia, administrando a vida das pessoas, da economia e dos territórios por eles controlados". Em entrevista ao Jornal Nacional, Bolsonaro apostou no discurso de que é preciso relativizar as pressões dos defensores da floresta para gerar empregos. No entanto, nenhum projeto de desenvolvimento tem qualquer chance de parar em pé na Amazônia sem que essa avalanche criminosa seja contida.

A boa notícia é que a emergência já começa a aproximar pessoas e instituições sérias em diálogos novos e promissores. A atuação escancarada de grupos ilegais é incompatível com o Estado de Direito e, portanto, com o desenvolvimento que enganosamente o governo diz desejar para a população que vive naquela região do país. Retomar a Amazônia das mãos armadas de traficantes, grileiros violentos, garimpeiros ilegais e traficantes de madeira é condição básica para se alcançar o desenvolvimento sustentável da região amazônica.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Letícia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira
EDITORA EXECUTIVA DO IMPRESSO: Fernanda Godoy
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Brasil: Carla Rocha - rocha@oglobo.com.br
Rio: Fábio Gusmão - fabio.gusmao@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Claudia Antunes - claudia. antunes@oglobo.com.br
Saúde: Adriana Dias Lopes -adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Capa do site: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo. com.br
Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos
telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R$ 159,00 (O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 5,00
Domingos: RJ, SP, MG e ES: R$ 7,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4333.
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501

_ **SEG** _ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal)
_ **TER**_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ Edu Lyra (quinzenal) _ **QUA**_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto DaMatta (quinzenal) _ **QUI**_ Merval Pereira _ Malu Gaspar
_ **SEX**_ Vera Magalhães _ Flávia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB**_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Ortellado _ **DOM**_ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

ARTIGO

Fundo eleitoral para homens brancos

CARMELA ZIGONI

As novas regras de destinação de recursos para financiamento de campanhas premiam os partidos que investirem em candidaturas de mulheres e pessoas negras. Com isso, cada voto dado a um desses grupos vale o dobro no cálculo do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), também conhecido como fundo eleitoral, além de contar para a destinação de recursos proporcional a candidatos negros nas eleições seguintes. Em 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) já havia votado a favor da cota de 30% de recursos do fundo para candidaturas de pessoas negras.

Sem dúvida, os incentivos contribuíram para o aumento nas candidaturas de grupos sub-representados, como visto no atual pleito. Mas talvez a nova legislação não contasse com um fato: os partidos continuam priorizando os homens e brancos na hora de repassar os recursos do fundo eleitoral. É o que verificamos a partir dos dados da Plataforma 72 horas, que monitora o "fluxo de caixa" do fundo.

Até o dia 2 de setembro, a um mês das eleições, o FEFC repassou cerca de R$ 2,5 bilhões (dos R$ 4,9 bilhões totais) a 10.399 candidaturas. Desse montante, 73% foram para homens e apenas 27% para mulheres — 3% abaixo da cota. Considerando raça/etnia, 66,5% dos recursos foram para brancos, seguidos de pardos com 25%, pretos com 7,6%, indígenas com 0,6% e amarelos com 0,3%.

Reunindo gênero e raça/cor, enquanto as mulheres negras (pretas ou pardas) receberam R$ 262,8 milhões, os homens brancos receberam R$ 1,6 bilhão. Ainda que os partidos tenham até o dia 13 de setembro para transferir todos os recursos da cota de 30% às candidaturas de mulheres e pessoas negras, uma questão se faz urgente: qual o impacto do atraso desse repasse na corrida eleitoral?

A cota do recurso de 30% do fundo eleitoral para negros (pretos ou pardos) é definida a partir do critério de autodeclaração. De acordo com o levantamento do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), elaborado em parceria com o coletivo Common Data, a proporção de candidaturas autodeclaradas negras na disputa de 2022 aumentou 3,5% em relação ao pleito de 2018, enquanto a de brancos sofreu queda de 3,9%.

Considerando todos os 27.957 candidatos(as) aptos(as) nessas eleições, 48,9% são brancos, 35,6% são pardos, 13,9% são pretos, 0,6% são indígenas e 0, 4% são amarelos. Não quiseram divulgar sua raça 149 pessoas (0,6%).

Cabe destacar essa proporção em relação ao espectro político. Os partidos de esquerda concentram mais negros (54,02%), à frente das legendas do centro (49,89%) e da direita (48,12%). O Partido Novo se destaca por ter pouquíssimos negros e nenhum indígena, e a Rede por ter mais candidaturas indígenas. As legendas PSTU e UP contam com mais candidaturas pretas e o PMN com mais pardos.

No entanto existem denúncias de autodeclarações questionáveis, quando reconhecidos brancos, desta vez, registraram-se como pardos, pretos ou também indígenas, no Tribunal Superior Eleitoral.

É fundamental que o tribunal analise as denúncias durante o processo eleitoral de 2022 e também que crie, com participação de organizações da sociedade civil, mecanismos de aperfeiçoamento do sistema de cotas do FEFC para candidaturas negras.

Já existe enorme acúmulo de conhecimento sobre o tema, a partir do sistema de cotas nas universidades e concursos públicos, que pode ser um ponto de partida qualificado para evitar fraudes e autodeclarações orientadas apenas pelo acesso aos recursos públicos de campanha.

Carmela Zigoni é assessora política do Instituto de Estudos Socioeconômicos

N. da R.: Dorrit Harazim voltará a escrever em 25 de setembro

ARTIGO

Ensino domiciliar é risco para educação

JOÃO BATISTA GOMES

Um dos maiores desafios para o desenvolvimento econômico, social e socioambiental do Brasil sempre foi a educação. Promover o acesso a um ensino de qualidade — de norte a sul do país, capaz de preparar nossos jovens para o mercado de trabalho, desenvolvendo ao máximo suas habilidades e competências intelectuais e emocionais — é uma meta que congrega diariamente esforços de milhares de pessoas e centenas de instituições, sejam elas públicas, privadas, beneficentes ou do terceiro setor.

Todos esses esforços e investimentos, embora ainda estejam muito aquém do esperado para uma nação com tamanho potencial como o Brasil, têm reduzido, ano após ano, os índices de analfabetismo, que, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada em 2019, era de 6,6% da população acima de 15 anos, ou cerca de 11 milhões de brasileiros à época. No entanto, pelo andar da carruagem, não alcançaremos a tempo a meta do Plano Nacional de Educação (PNE), que prevê a erradicação do analfabetismo até 2024.

No centro desse desafio estão as escolas, que desempenham um papel fundamental na preparação das nossas crianças para os desafios da vida adulta, dando a elas a oportunidade de uma formação integral, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse conceito prevê a construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea.

> ***Sem preparo, pais dificilmente terão condições de assumir o dever da formação educacional da criança***

É nesse contexto que me preocupo com o avanço do Projeto de Lei que propõe a educação domiciliar no Brasil, o *homeschooling*. São vários os aspectos que precisam ser considerados quando o assunto é a formação, o desenvolvimento e a segurança das nossas crianças. O primeiro deles diz respeito à criação de mecanismos que possibilitem ao MEC e às secretarias de Educação dos municípios acompanhar as etapas educacionais dos alunos cujas famílias optarem pelo ensino domiciliar, caso ele seja adotado.

Atualmente em debate no Senado, o projeto não traz instrumentos suficientes para assegurar ao governo o monitoramento das condições socioemocionais e de aprendizagem dessas crianças. Pelo contrário, as famílias que optarem pelo ensino domiciliar terão apenas de formalizar sua escolha por meio da plataforma virtual e apresentar uma documentação singela, como identificação do estudante e comprovantes de residência e de vacinação, devendo renovar a autorização anualmente.

Para que uma família assuma o dever de ensino de uma criança, no mínimo um dos responsáveis pelos estudos deveria ter licenciatura em pedagogia e/ou pós-graduação em educação com ênfase em ensino e aprendizagem. Sem isso, dificilmente terá condições de assumir o processo de formação educacional da criança.

A Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, assim como outras entidades e organizações do segmento, considera que o avanço dessa legislação, da forma como vem sendo tratada, colocará em risco a educação como um direito humano fundamental, deixando milhares de crianças e adolescentes suscetíveis a violações diversas, contrariando todo o aparato legal, em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente.

João Batista Gomes, padre, é diretor-presidente da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, mestre em ciências contábeis e reitor do Centro Universitário São Camilo de São Paulo

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
bernardomf
bmf@oglobo.com.br

A campanha vai esquentar

A proximidade das urnas vai elevar a tensão na corrida presidencial. As campanhas de Lula e Jair Bolsonaro projetam um acirramento de ânimos nas quatro semanas que faltam até o primeiro turno. Será um "setembro sangrento", prevê um ex-ministro petista.

A nova fase da disputa começou no último domingo, quando os candidatos se enfrentaram no ringue da Band. No primeiro round, Bolsonaro foi ao ataque com o tema da corrupção. Lula ficou nas cordas. Apenas se esquivou dos golpes, frustrando aliados que esperavam um revide.

Se não tivesse perdido as estribeiras ao ser questionado por mulheres, o capitão teria saído como vitorioso. Curiosamente, Lula não foi o único a poupá-lo no debate. Os outros quatro presidenciáveis também ignoraram as rachadinhas, a compra de imóveis em dinheiro vivo, o escândalo dos pastores no MEC.

A tática de turbinar o Auxílio Brasil ainda não rendeu os resultados esperados por Bolsonaro. Segundo o Datafolha, Lula mantém a liderança entre os beneficiários do programa, com 56% das intenções de voto. No mesmo grupo, o presidente aparece com 28%.

A estagnação entre os mais pobres deve incentivar Bolsonaro a aumentar os ataques ao PT. É o caminho mais curto para reduzir a vantagem de Lula, que já vem caindo lentamente a cada pesquisa. Chegou a 21 pontos em maio e recuou para 13 na última semana.

O capitão amarga a maior taxa de rejeição na disputa: 52% dos eleitores dizem não votar nele de jeito nenhum. Se não consegue melhorar a própria imagem, ele tem conseguido emporcalhar a do adversário. A rejeição a Lula era de 33% em maio e agora bate nos 39%. Se subir mais um ponto, igualará o recorde histórico de 40%, registrado em 1994.

As últimas pesquisas reforçaram a probabilidade de segundo turno. Neste caso, o país assistirá a um duelo de rejeições. Bolsonaro chegou ao poder numa eleição marcada pelo antipetismo. Quatro anos depois, precisa reavivar esse sentimento para ter alguma chance de vitória.

O capitão aposta no Sete de Setembro para incendiar sua militância. O PT reforçou a segurança de Lula e discute uma mudança de tom para enfrentar o que vem por aí. O ex-presidente preferia jogar parado, mas tem sido encorajado a rebater os próximos ataques. Numa disputa feroz, será impossível manter o figurino de Lulinha paz e amor.

Gorbachev no Rio

O último líder da União Soviética arrastou multidões em viagens pelo mundo após o fim da Guerra Fria. Não foi diferente em sua visita ao Rio em 1992. Mikhail Gorbachev contou com a escolta de dois agentes russos e 52 policiais brasileiros. O aparato de segurança o livrou de ao menos uma abordagem indesejada.

Depois de uma palestra no Hotel Glória, Gorbachev entrou na mira do português José Alves de Moura, que se notabilizou por beijar Frank Sinatra, João Paulo II e outras celebridades globais. A cena é relatada pelo jornalista Geneton Moraes Neto no livro "Dossiê Moscou":

"Assim que Gorbachev pisa na calçada em direção ao carro, o Beijoqueiro se materializa como uma assombração. Pandemônio entre os seguranças. Gorbachev faz um olhar assustado. Não entende o motivo da confusão. Um agente voa — literalmente — sobre o Beijoqueiro. Os dois caem no chão. O carro arranca. Frustrado, o Beijoqueiro chora".

Em casa, Gorbachev não saboreava a mesma popularidade. Em 1996, cinco anos após o fim da URSS, tentou se eleger presidente da Rússia. Teve 0,5% dos votos.

NA WEB

NAS REDES
Desinformação na campanha
TSE determina remoção de posts que trazem vídeo com falas adulteradas de Lula

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

ELEIÇÕES **2022**

GABRIEL DE PAIVA/07-09-2021

Ataques ao STF. Apoiadores do presidente Bolsonaro em Copacabana no feriado de 7 de Setembro do ano passado: atos antidemocráticos também ocorreram em São Paulo, Brasília e outras capitais

PAUTA BOLSONARISTA

Youtubers usam tom golpista e Pix para turbinar atos, financiados pelo agronegócio e evangélicos

GUILHERME CAETANO
politica@oglobo.com.br
SÃO PAULO E BRASÍLIA

Youtubers e candidatos bolsonaristas que disseminam discursos de teor golpista, lideranças evangélicas e do agronegócio articulam o financiamento dos atos do 7 de setembro, com pautas alinhadas ao presidente Jair Bolsonaro (PL), que busca a reeleição. Na plataforma de vídeos, além de frases evocando a participação das Forças Armadas para assegurar "eleições limpas", são divulgadas chaves Pix, para turbinar as manifestações.

A data, em que se celebra o Dia da Independência, já foi marcada no ano passado por manifestações de cunho antidemocrático com participação do chefe do Executivo. Desta vez, com a corrida eleitoral em curso, os diferentes grupos que pretendem ir às ruas variam entre iniciativas de apoio direto a Bolsonaro, como o aluguel de um trio elétrico pelo pastor Silas Malafaia no qual o presidente deve discursar no Rio, até a instalação de outdoors contra ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). No caso de influenciadores digitais do bolsonarismo, há convocações que citam a "ruptura institucional".

Ontem, às vésperas dos atos, Bolsonaro chamou de "vagabundo" quem deu "canetada" autorizando operação da Polícia Federal contra empresários bolsonaristas, numa alusão ao ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No último mês, a PF cumpriu mandados de busca e apreensão, autorizados por Moraes, contra empresários que compartilharam mensagens de caráter golpista no WhatsApp.

— Não é porque tem um vagabundo ouvindo atrás da árvore a nossa conversa que vai querer roubar nossa liberdade. Agora, mais vagabundo do que esse que está ouvindo a conversa é quem dá a canetada após ouvir o que ouviu esse vagabundo — disse Bolsonaro.

Ataques ao Judiciário são a tônica de publicações de youtubers bolsonaristas que pedem apoio financeiro para os atos. Em um desses vídeos, intitulado "Ruptura à vista" e postado na quinta-feira no Canal Ed Raposo, com 299 mil inscritos, o apresentador cita um eventual pedido de quebra de sigilo financeiro contra Bolsonaro por conta das denúncias envolvendo compra de imóveis em dinheiro vivo pela família do presidente. Ele, então, afirma, que, se Morares decretar a medida, haveria "um momento de ruptura institucional definitiva".

O Pix tem sido usado por bolsonaristas que buscam uma estrutura mais robusta para os atos. Um dos candidatos que tem recebido doações para a manifestação é Alan Lopes Santana (PL), que disputa uma vaga na Assembleia Legislativa do Rio. Com a ferramenta, ele tem arrecadado por meio da ONG Instituto Intelectos, aberta em março de 2021 para, diz, "desmistificar o Brasil para os brasileiros". Santana apresenta um programa no canal bolsonarista no YouTube Todo Poder Emana do Povo, com 149 mil inscritos, e também é o favorecido identificado na chave Pix divulgada no Canal Ed Raposo.

Os canais Vista Pátria (751 mil inscritos), de Allan Frutuozo, e Francisco Mello Oficial (126 mil inscritos) também buscam reforçar a estrutura do evento com doações via Pix. Os discursos de convocação incluem acenos às Forças Armadas para "garantir eleições limpas", frase que costuma embutir a intenção de não aceitar um resultado que não seja a reeleição de Bolsonaro, segundo colocado nas pesquisas de intenções de voto.

— Imagine você, os militares desfilando, muito perto do povo, prestando continência, e as pessoas ali gritando 'salva o Brasil, queremos eleições limpas'. A gente sabe que tudo isso vai mexer muito com as Forças Armadas, e eles sabem disso também — afirma Santana, em um de seus vídeos.

Na reunião entre a Polícia Militar e organizadores do ato de 7 de Setembro previsto para a Avenida Paulista, militantes sugeriram unificar a pauta de todos grupos que compareceram ao encontro em torno da punição de ministros do STF. Não se chegou, contudo, a um consenso, já que o major que conduzia a reunião interrompeu a fala.

A ideia vem de Marcos David Figueiredo de Oliveira, do grupo Moraliza, e tem respaldo entre outras lideranças que levarão caminhões de som para a avenida. É o caso do sargento Paulo Roberto Roseno Júnior, candidato a deputado federal pelo PRTB. Ele defende que Bolsonaro "acione as Forças Armadas para destituir os onze ministros do STF".

— A ação que a gente prega é o cara (Lula) não assumir. Se o Bolsonaro der um chute no balde e acabar com tudo, eu estou dentro — afirmou ao GLOBO após a reunião.

Outro foco de mobilização para os atos está em entidades do agro. O Movimento Brasil Verde e Amarelo, que representa cerca de 200 associações rurais, e que tem entre seus motes pedidos de impeachment de ministros do STF, financiou outdoors espalhados por Brasília. Sob os dizeres "é agora ou nunca", eles trazem convocações para o ato que ocorrerá na capital. No ano passado, antes de manifestações semelhantes, Moraes autorizou busca e apreensão contra o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Soja, Antônio Galvan, por estimular discursos antidemocráticos. Ele é uma das lideranças ligadas ao Movimento Brasil Verde e Amarelo.

DUAS VERTENTES PRINCIPAIS

Lideranças evangélicas, em sua maioria com discursos menos voltados para o enfrentamento com o Judiciário, também têm feito seus chamados pelas redes sociais para os atos de quarta-feira. Um dos mais envolvidos na convocação, porém, é um crítico habitual do STF: o pastor Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e aliado próximo a Bolsonaro.

Malafaia, que também participou da mobilização em 2021 e recentemente chamou Moraes de "desgraçado que rasga a Constituição", pretende receber Bolsonaro em um trio elétrico em Copacabana, ponto central da mobilização bolsonarista no Rio. Haverá no local um palco, montado pela prefeitura, para que autoridades acompanhem demonstrações militares. Bolsonaro, contudo, deve deixar o palco para discursar no veículo de Malafaia.

Ainda que discursos em tom golpista sigam ecoando nas redes, a ação do Poder Judiciário conteve parte do ímpeto. Segundo dados da Novelo Data, houve redução nas menções ao 7 de setembro no grupo dos maiores canais da extrema-direita no YouTube: foram 438 citações em agosto, contra 623 no mesmo mês em 2021. Para Guilherme Felitti, autor do levantamento, o bolsonarismo procurou mobilizar sua base de formas menos expostas, focadas em comunidades fechadas:

— Para a convocatória mais direta, o bolsonarismo explora duas principais vertentes: uma que defende que o evento será o maior da história do Brasil e outra que compara os manifestantes a Dom Pedro.

Procurados, Alan Lopes, Allan Frutuozo e Éder Câmara não responderam. *(Colaboraram Luã Marinatto e Paula Ferreira)*

CONVOCAÇÕES PARA O 7 DE SETEMBRO

Aliados do presidente pedem apoio para motivar as Forças Armadas e mandam recados a ministros do STF

Canal Todo Poder Emana do Povo
149 mil inscritos
Favorecido pela doação: Instituto Intelectos, de Alan Lopes Santana
Visualizações: 209 mil e 133 mil

No vídeo "Avalanche em todo o Brasil", de 8 de agosto, Alan, apresentador do programa, pede doações para comprar bandeiras para o Sete de Setembro. "A gente sabe do medo deles, de os militares estarem próximos do povo", avisa o dono do canal. Uma semana depois, no conteúdo intitulado "O chão vai tremer", Alan voltou a demandar colaboração: "Vamos fazer uma festa emblemática, jamais vista na história", disse.

Canal Ed Raposo
299 mil inscritos
Favorecido pela doação: Instituto Intelectos, de Alan Lopes Santana
Visualizações: 91 mil

Os conteúdos mais recentes do canal trazem, na descrição, o "PIX da manifestação de 7 de setembro", com a chave em nome de Alan Santana, do Intelectos. Uma postagem trata de uma eventual quebra de sigilo financeiro de Bolsonaro por denúncias sobre compra de imóveis em dinheiro vivo pela família do presidente. O vídeo fala em "ruptura institucional definitiva" se a medida ganhar o aval de Alexandre de Moraes.

Canal Vista Pátria
753 mil inscritos
Favorecido pela doação: Allan Frutuozo da Silva
Visualizações: 113 mil

Em 27 de agosto, o canal frisou que "Bolsonaro convocou manifestações" para o 7 de Setembro e, com o número do PIX na tela, lembrou a "arrecadação para nosso carro, que ficará no Rio, na Avenida Atlântica". No título do vídeo, uma estocada em um alvo frequente do bolsonarismo: "Alexandre de Moraes volta atrás", numa alusão a decisões do magistrado sobre propagandas do governo relativas ao Dia da Independência.

Canal Francisco Mello Oficial
126 mil inscritos
Favorecido pela doação: Francisco Alves de Melo
Visualizações: 659 mil

Em transmissão ao vivo que mostrava a saída do presidente Jair Bolsonaro após participar da entrevista ao Jornal Nacional, no dia 22 de agosto, o responsável pelo canal pediu doações aos seguidores: "Estamos com a vaquinha para comprar o nosso drone, para fazer imagens aéreas do Sete de Setembro aqui em Brasília".

VÍDEOS DA EXTREMA-DIREITA CITANDO O SETE DE SETEMBRO

Redução no número de menções em agosto deste ano é fruto da atenção da Justiça aos conteúdos com discursos golpistas, segundo a Novelo Data

	Em 2021	Em 2022
Maio	10	32
Junho	8	76
Julho	26	190
Agosto	623	438

Fonte: Novelo Data

Editoria de Arte

ELEIÇÕES 2022
Próximo passo

Num evento de arrecadação de fundos para sua campanha, Tarcísio de Freitas foi explícito sobre suas ambições políticas. Em pelo menos uma rodinha de conversa de que participou disse que, se for eleito governador de São Paulo, será "o sucessor de Jair Bolsonaro em 2026".

O 'soneca'

Um dos quatro acompanhantes de Jair Bolsonaro no estúdio da Band, Augusto Heleno chamou a atenção de quem estava sentado perto dele por dois motivos na noite do debate. Primeiro, porque lá pelo meio do primeiro bloco, o general já cochilava como se não houvesse amanhã. Repetiu a cena nos dois blocos seguintes, mesmo quando no palco a coisa pegava fogo. E, depois, porque assim que a sonoplastia indicava o fim dos blocos com o áudio mais estridente, Heleno imediatamente acordava, se levantava e andava célere em direção a Bolsonaro para... lhe dar conselhos.

Esperança renovada

A campanha de Jair Bolsonaro ainda conta com o impacto do Auxílio Brasil para ajudá-lo na corrida eleitoral — o que até agora não aconteceu, segundo as pesquisas. A primeira parcela foi paga entre os dias 9 e 22 de agosto. Agora, a esperança é o depósito do segundo mês do benefício de R$ 600, que começa na próxima sexta-feira. A expectativa atual remete ao movimento que ocorreu durante o auge da pandemia: em 2020, a popularidade de Bolsonaro deu um salto a partir do segundo mês de pagamento do auxílio.

No mês que vem

A campanha de Jair Bolsonaro, que previa empatar com Lula em junho, depois em julho e mais tarde em agosto, agora, aposta na segunda quinzena de setembro, quando estiverem a 15 dias para o primeiro turno.

LAURO JARDIM

oglobo.globo.com/laurojardim
Com João Paulo Saconi, Naira Trindade e Rodrigo Castro

Estilo bolsonarista

Além da tradicional motociata, aliados de Jair Bolsonaro preparam uma 'jetskiata' no mar de Copacabana nas comemorações do 7 de Setembro. Para isso, receberam orientações do Comando do 2ª Divisão da Esquadra da Marinha para que mantenham distância de até 300 metros dos 22 navios que navegarão mar afora. A propósito, devido ao Unitas, evento marítimo realizado desde 1960, haverá navios de Argentina, Uruguai, Inglaterra, EUA, Portugal, Namíbia, Chile, México e Camarões. Haverá ainda uma salva de 21 tiros feita do Cisne Branco, o navio brasileiro.

ELEIÇÕES 2022
Não queria

Uma das explicações para o desempenho sofrível de Lula no debate da Band pode ser sua própria resistência em participar do programa. Até a última hora reagia à ideia. Só deu o O.K. para sua equipe no sábado à noite, depois de muita insistência. Dizia que as regras do confronto, aliás, aprovadas por sua equipe, o fariam ser alvo de todos os adversários — o que, de fato, aconteceu. E que teria apenas 20 minutos para falar num debate de quase três horas de duração. Acabou convencido, mas esteve sempre relutante.

Vai depender

Neste primeiro turno, para Lula, debate só o da Globo, no dia 29. E mesmo assim a decisão final se dará em cima do laço, dependendo da estratégia mais conveniente para ele.

Nunca antes

Se eleito, Lula será o presidente da República com mais tempo de permanência no poder de forma democrática: 12 anos. E o segundo em tempo de permanência na Presidência, atrás apenas de Getulio Vargas, que governou 15 anos dos seus quase 19 anos no poder sem a legitimidade das urnas.

Pelo caminho

Ainda faltam 15 mil cadastros de candidaturas a serem analisadas pelo TSE (outras 13 mil estão aptas), mas 561 candidatos já renunciaram ao processo eletivo até o momento. Outros 148 tiveram registros indeferidos, e três tiveram baixa por terem morrido.

GOVERNO
Veto...

Roberto Fendt deixou em 19 de agosto o comando da Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Economia. Desde então, nenhum substituto oficial foi nomeado. Quem ocupa o cargo interinamente é o secretário do Exterior, Lucas Ferraz. Por decisão de Paulo Guedes, vai seguir no posto mesmo sem ser oficializado.

...ideológico

Ferraz não pode ter o seu nome sacramentado no Diário Oficial. Motivo: veto ideológico. Cometeu o crime de ter sido filiado ao PT por um breve período na década de 1990. Mesmo anos atrás tendo entrado no insuspeito Partido Novo (de onde também já saiu), a Casa Civil não o aprovou para a nova função.

BRASIL
Ele, de novo

Pivô da tentativa de pacificação pós-7 de Setembro do ano passado com a construção de uma declaração à Nação, Michel Temer fará, este ano, um posicionamento prévio pedindo a unificação do país.

ANDRÉ MELLO

Uma superprodução

Com aval da Ancine para captar até R$ 27,6 milhões, um filme sobre Tarsila do Amaral poderá ser o mais caro da história do cinema nacional — se, claro, seus produtores conseguirem investidores para o longa, que contará como uma herdeira riquíssima se tornou uma das maiores artistas brasileiras. A narrativa contempla desde a paixão de Tarsila por Oswald de Andrade ao reconhecimento do seu talento num seleto grupo em Paris – embora sua obra-prima "Abaporu" seja produto da volta a um conturbado Brasil da década de 1920. O roteiro é assinado por Daniela Thomas, favorita para dirigir o filme, cujas gravações começam em 2023 e que tem estreia prevista para o ano seguinte. A atriz que interpretará a protagonista não foi ainda escolhida.

Fenômeno TikTok

Colleen Hoover, a autora mais lida no Brasil neste ano, alcança este mês a marca de um milhão de exemplares vendidos desde janeiro. O volume é superior ao de livros comercializados no mesmo período pelas também *best-sellers* J.K. Rowling e Julia Quinn juntas, segundo dados da Nielsen. Sua nova obra "É assim que começa" (Galera Record), continuação do sucesso "É assim que acaba", sairá com a maior tiragem do mercado editorial brasileiro em 2022: 100 mil exemplares. Até o ano passado, Hoover havia vendido 920 mil livros por aqui em uma década de carreira. Fenômeno editorial típico da segunda década deste século, tornou-se uma sensação mundial graças a vídeos no TikTok.

ECONOMIA
Procura-se um sócio

Um mês após ter arrematado por R$ 928 milhões a geradora de energia CEEEG num leilão de privatização promovido pelo governo gaúcho, Benjamin Steinbruch está correndo o mercado à procura de um sócio para o negócio. Inicialmente, Steinbruch entraria no certame num consórcio com a gigante francesa EDP, que desistiu de tudo na última hora. O dono da CSN, então, bancou o lance sozinho, mas agora quer um parceiro para dividir o investimento.

De volta

Depois de dois anos como ministro da Fazenda e três como secretário de São Paulo, Henrique Meirelles voltou à iniciativa privada. Entrou no conselho da Binance, a maior corretora de criptomoedas do mundo. Meirelles não vai admitir publicamente, mas também está no vestiário se aquecendo para, quem sabe, ser chamado por Lula para algum cargo no próximo governo, se o petista for eleito.

Novo modelo

Nos últimos tempos, sem alarde, a Ambev passou a investir de forma diferente em novos negócios. Deixou para trás as fusões e aquisições e aposta agora em parceria. Topa ser minoritária em empresas. Sobretudo as que têm foco em soluções e serviços para consumidores, bares, restaurantes e pontos de venda. Já são mais de dez transações neste novo modelo. A última delas, ocorrida em abril, foi a compra de uma participação na transportadora paulista Imediato, que passou a fazer a gestão dos novos centros de distribuição urbana da Ambev.

FUTEBOL
Zero a zero

Fluminense, Flamengo e Vasco e o governador Cláudio Castro estão combinando rediscutir o edital de concessão do Maracanã lançado no mês passado, mas que não agradou aos clubes. A ideia é lançar um novo edital em fevereiro.

Email - Lauro Jardim: lauro.jardim@oglobo.com.br / João Paulo Saconi: joaopaulo.saconi@infoglobo.com.br / Naira Trindade: naira.trindade@bsb.oglobo.com.br / Rodrigo Castro: rodrigo.oliveira@infoglobo.com.br / Equipe:colunalaurojardim@oglobo.com.br

Moro sofre busca e apreensão de material eleitoral em casa

TRE do Paraná atendeu a pedido do PT. Candidato do PL também é alvo

MARIANA MUNIZ E GUSTAVO SCHMITT
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA E SÃO PAULO

A Justiça Eleitoral no Paraná cumpriu ontem mandados de busca e apreensão de materiais de campanha irregulares nos comitês de dois dos principais candidatos ao Senado pelo estado: Sergio Moro (União Brasil) e Paulo Martins (PL). A medida atendeu a pedidos da federação "Brasil da Esperança", liderada pelo PT. Um dos locais onde foi realizada a busca e apreensão foi o apartamento residencial do ex-juiz, indicado pela campanha como sede de seu comitê central.

Segundo o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), além de diversos materiais impressos que violam a legislação eleitoral, as redes sociais de Moro e Martins têm publicado propaganda irregular, em razão da desconformidade entre o tamanho da fonte do nome do candidato a senador relativamente a dos suplentes.

Ao atender ao pedido das agremiações que integram a federação, a juíza eleitoral Melissa de Azevedo Olivas afirmou que algumas publicações no Twitter, Instagram e no site oficial dos candidatos "sequer mencionam o nome dos suplentes, em absoluta inobservância à legislação eleitoral."

"Quanto às demais redes sociais informadas, é evidente a desconformidade entre o tamanho da fonte do nome do candidato a senador relativamente a dos suplentes", disse a magistrada a respeito do material de Moro.

Pela tiragem dos materiais, ao todo devem ser apreendidos aproximadamente 1 milhão de impressos irregulares, entre adesivos, praguinhas, santinhos e perfurades. A decisão pediu também a remoção de mais de 300 links das redes sociais dos candidatos.

Entre os materiais excluídos, estão todos os vídeos do canal de Sérgio Moro do YouTube, inclusive aqueles com críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, além de dezenas de links nas páginas sociais de sua campanha. Moro reagiu à ação, que classificou de "diligência abusiva", e afirmou que a irregularidade apontada é "nada comparável aos bilhões de reais roubados durante os governos do PT e do Lula".

"O crime? Imprimir santinhos com letras dos nomes dos suplentes supostamente menores do que o devido. Não me intimidarão, mas repudio a tentativa grotesca de me difamar e de intimidar minha família", escreveu o ex-juiz numa rede social.

O advogado da federação petista, Luiz Eduardo Peccinin, afirmou que "o critério é objetivo e praticamente toda a campanha dos candidatos irregular". Por meio de nota, a defesa de Moro negou desconformidade com as regras eleitorais, disse que pedirá a "reconsideração da decisão" e que "nada foi apreendido" na residência do ex-juiz.

"Repudia-se a iniciativa agressiva e o sensacionalismo da diligência requerida pelo PT", diz o texto divulgado pelo advogado do candidato, Gustavo Guedes.

GUSTAVO MINAS/BLOOMBERG/17-11-2021

Irregularidade. Decisão da Justiça Eleitoral também removeu vídeos do canal de ex-juiz, hoje candidato ao Senado

ELEIÇÕES 2022

Candidatos disputam narrativa palavra a palavra

Campanhas compram termos que os eleitores pesquisam no Google para que suas versões apareçam no topo das buscas; para especialistas, a estratégia, autorizada pela Justiça Eleitoral, serve para privilegiar um discurso em detrimento de outro

ALICE CRAVO, BERNARDO MELLO, DANIEL GULLINO E LUCAS MATHIAS
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

Além de impulsionarem conteúdos nas redes sociais, candidatos à Presidência têm comprado palavras-chave para que versões de suas próprias trajetórias ou de críticas feitas por adversários apareçam no topo de pesquisas no Google. O expediente, que faz parte dos recursos de propaganda política autorizados pela Justiça Eleitoral, vem proporcionando uma guerra de versões através da plataforma de busca, que reúne por vezes na mesma página anúncios pagos com links de notícias e de outros sites, que nem sempre estão de acordo com a versão propagandeada.

A campanha do ex-presidente Lula (PT), que havia gastado até sexta-feira mais de R$ 400 mil com este tipo de anúncio textual, investiu cerca de R$ 70 mil para exibir, desde o último dia 26, um link para o site oficial do petista com os dizeres "A inocência de Lula". O anúncio, que cita vitórias judiciais do petista que reverteram condenações no âmbito da Operação Lava-Jato, foi exibido mais de 450 mil vezes no período, sendo ativado por combinações de palavras-chave como "processos", "Lula" e "Sergio Moro", ex-juiz responsável pelas sentenças, anuladas por incompetência de foro.

Versões semelhantes do anúncio, que também citam a prisão do ex-presidente como "farsa" e "injusta", chegaram a ser exibidas pelo Google durante a sabatina de Lula no Jornal Nacional. A campanha do petista informou que o Google chegou a suspender o anúncio por detectar que a página à qual ele destina, o site oficial de Lula, ficou indisponível, o que pode ocorrer por volume elevado de acessos.

Dados disponibilizados pelo Google Trends ajudam a explicar a estratégia. Termos como "Lula prisão", "Lula corrupção", além de variações como "Lula inocente" tiveram pico de buscas em 29 de agosto, um dia depois do primeiro debate, em que o assunto rendeu um embate entre o petista e o presidente Jair Bolsonaro (PL).

As diretrizes do Google permitem que candidatos direcionem anúncios de acordo com gênero, idade e para estados ou municípios específicos, e que participem de uma espécie de "leilão" de palavras-chave. A plataforma divulga publicamente todos os conteúdos pagos por campanhas eleitorais, mas não detalha todas as palavras que acionam a exibição dos anúncios.

Com nível de investimento significativamente menor em anúncios de texto, a campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) seguiu estratégia semelhante à de Lula em uma de suas propagandas. Sob os dizeres "Pelo bem do povo" e mencionando a capacidade de "resistir", o anúncio em questão leva para um vídeo que procura apresentar o presidente como alguém que seria vítima de ataques constantes de adversários. O vídeo começa com um objeto que simula a cabeça de Bolsonaro sendo chutada em um campo de futebol. A campanha do PL também tem usado anúncios do Google para pedir doações.

JOGO ALGORÍTMICO

As campanhas de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB), por sua vez, buscam associá-los a pautas e projeções favoráveis. Um dos anúncios do pedetista afirma que ele é o "candidato que cresce" nas pesquisas, embora no último Datafolha ele tenha oscilado na margem de erro. Já a campanha do MDB procurou dar destaque a conteúdos que ligam Tebet a bandeiras como a redução do desmatamento e direitos das mulheres.

— As palavras-chave são também uma estratégia para que os assuntos e os temas que nós imaginamos que possam ser de interesse do eleitorado permaneçam bem posicionados — afirmou Felipe Soutello, marqueteiro de Tebet.

Um dos anúncios contratados pela emedebista, por exemplo, traz os dizeres "Chega de machismo". A propaganda foi programada para começar dois dias antes de sua sabatina no JN, quando houve pico de buscas com os termos "Machismo Tebet", segundo o Google Trends.

No caso da campanha de Lula, há conteúdos que procuram desmentir informações falsas atribuídas ao petista, como acusações de que fechará igrejas ou acabará com o Pix. Para a pesquisadora Rose Marie Santini, coordenadora do NetLab da UFRJ, a compra de anúncios exibidos em pesquisas do Google envolve tentativas de enfrentar desinformação e de aproveitar o "jogo algorítmico" das plataformas — ou seja, a exibição em primeiro plano de conteúdos que atendem aos comportamentos habituais de buscas feitas por usuários.

— O anúncio é uma forma de privilegiar seu conteúdo na plataforma. É mais uma das estratégias para tentar fazer vencer um tipo de narrativa em detrimento de outra.

Também acaba sendo efetivo porque passam despercebidas, para a maioria, as pequenas letras que indicam se trata de um anúncio — avaliou.

No geral, incluindo outros formatos de anúncio, a campanha de Lula já investiu R$ 2,05 milhões no Google, enquanto Bolsonaro gastou R$ 141 mil, desde o início oficial da campanha. Na pré-campanha, entretanto, o PL já havia gasto R$ 801 mil em anúncios no YouTube. Lula tem destinado mais recursos ao impulsionamento de conteúdo e buscado também atingir públicos específicos, como jovens, mulheres e moradores do Nordeste. Bolsonaro tem evitado segmentar anúncios.

— Bolsonaro tem influenciadores de direita, que dominam o YouTube há muito tempo. Lula, para se eleger, precisa "ciscar" nesse terreno — diz Fabrício Moser, especialista em Comunicação e Mobilização Política Digital.

Marco Aurélio Ruediger, diretor da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da FGV, destaca que o Youtube também pode ser usado para "recortar" momentos.

— Eles podem recortar os eventos e remontar a partir da sua interpretação dos melhores ângulos — avalia.

GUERRA DE NARRATIVAS

Candidatos à Presidência e a cargos majoritários nos estados usam palavras-chave para impulsionar suas versões em pesquisas no Google

LULA (PT)
R$ 422 mil em 17 anúncios de texto
10 milhões de visualizações

Processos na Lava-Jato

Legado do Pix

Conheça a Verdade - Lula Não Vai Acabar com o PIX

JAIR BOLSONARO (PL)
R$ 7 mil em 2 anúncios de texto
90 mil visualizações

Ataques na campanha

Doação de recursos

CIRO GOMES (PDT)
R$ 18 mil em 8 anúncios de texto
121 mil visualizações

Desempenho em pesquisas

Vote em quem cresce, vote Ciro
Conheça as Propostas de Ciro Gomes, candidato à Presidente da República e Vote 12.

SIMONE TEBET (MDB)
R$ 77 mil em 17 anúncios de texto
1,1 milhão de visualizações

Machismo

Chega de Machismo
Propaganda Eleitoral. Coligação Brasil Para Todos. CNPJ 47.453.686/0001-30

Editoria de Arte

ELEIÇÕES 2022

Pesquisas dão nova divisão de forças para o próximo Senado

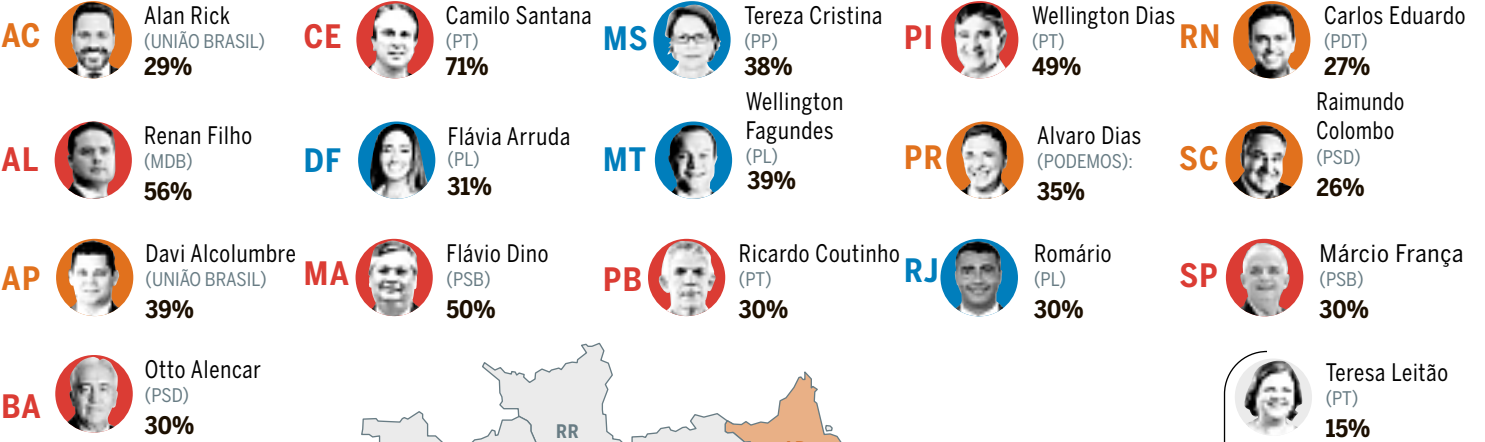
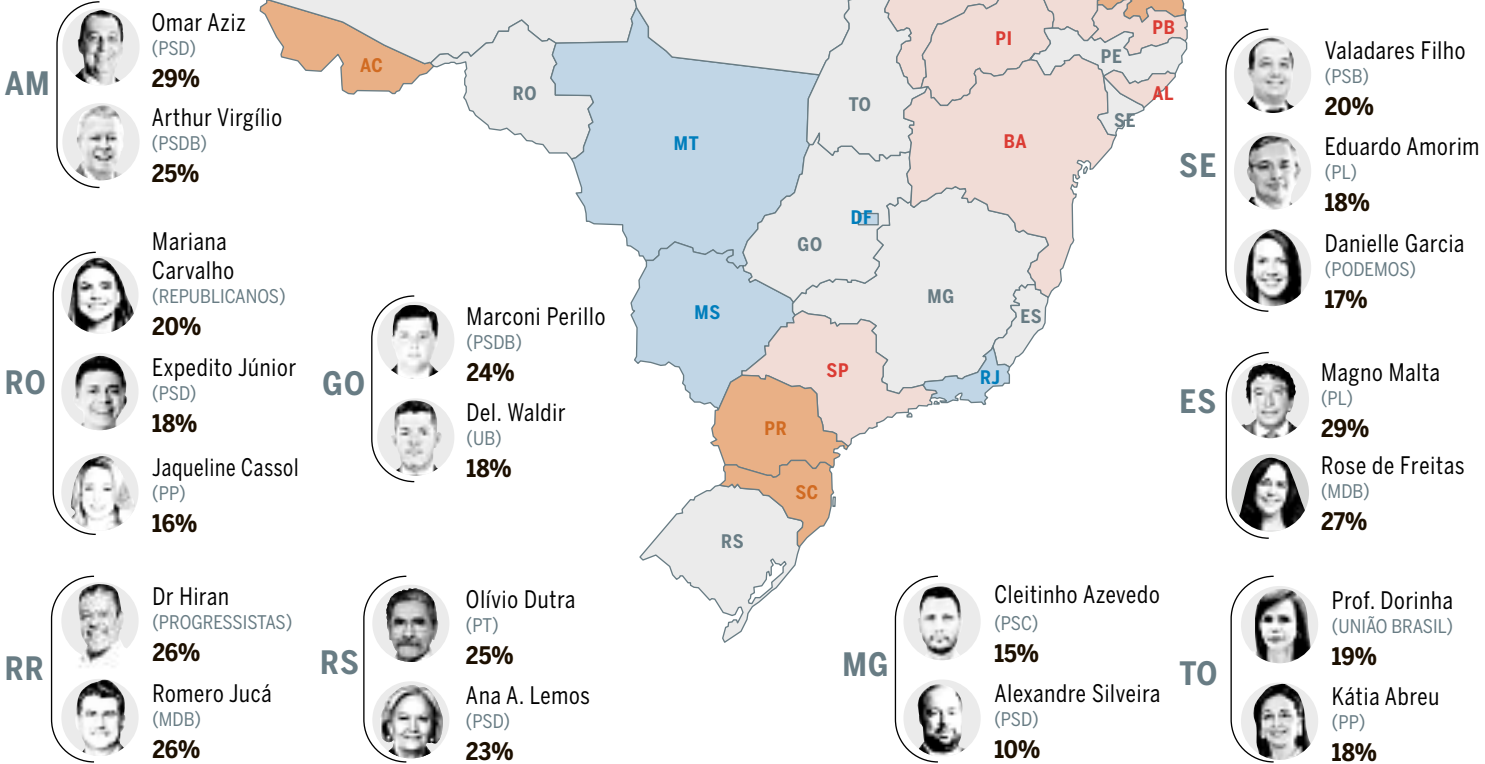
Casa vai renovar 27 cadeiras. Aliados de Lula são favoritos em sete estados, e em outros quatro liderança é de bolsonarista

ANA FLÁVIA PILAR E JAN NIKLAS
politica@oglobo.com.br

A um mês das eleições, candidatos apoiados pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lideram a disputa ao Senado em sete estados, enquanto nomes ligados ao presidente Jair Bolsonaro (PL) aparecem à frente em quatro. Levantamento do GLOBO com base nas últimas pesquisas de intenções de voto do Ipec mostra ainda que nos demais estados há empate na liderança ou preferência por candidatos de partidos que não se alinharam à polarização nacional.

Desde a pré-campanha, o Senado é visto como prioridade tanto por Lula quanto por Bolsonaro em uma futura gestão. O presidente, que conseguiu formar uma maioria mais consolidada na Câmara, principalmente depois de apoiar a eleição de Arthur Lira (PP-AL), teve no Senado seu calcanhar de Aquiles na relação com o Congresso.

Neste ano, será renovado um terço da Casa, o que equivale a 27 senadores. Atualmente, MDB (com 13 cadeiras) e PSD (11) são as maiores bancadas. Na próxima legislatura, a trinca de partidos que sustenta a candidatura de Bolsonaro (PL, PP e Republicanos) partirá de um tamanho de 11 senadores.

Para Lula, que tem proximidade com boa parte da bancada emedebista, eleger muitos aliados é a chance de formar uma maioria no Senado, o que dificilmente acontecerá na Câmara, onde precisará de maior negociação para vencer votações.

Acompanhando a distribuição geográfica da maior força de Lula na disputa presidencial, o Nordeste concentra os candidatos favoritos a uma vaga no Senado que são aliados do petista. Dos sete lulistas que lideram as pesquisas, seis são da região: Otto Alencar (BA), Camilo Santana (CE), Renan Filho (AL), Ricardo Coutinho (PB), Flávio Dino (MA) e Wellington Dias (PI). Completa a lista Márcio França, do PSB, em São Paulo.

O mesmo acontece com Bolsonaro, cujos aliados bem cotados para se eleger ao Senado estão concentrados no Centro-Oeste, região onde o presidencial vai bem: Flávia Arruda (DF), Wellington Fagundes (MT) e Tereza Cristina (MS). No Rio, Romário, senador pelo PL, completa o quadro.

No estado, o ex-jogador teve o caminho para a reeleição facilitado pelo racha na esquerda, que entrou dividida na eleição com Alessandro Molon (PSB) e André Ceciliano (PT).

— A imagem transmitida ao eleitorado é de desconfiança. Foi um erro brutal que se cometeu, e agora não há mais volta. Além disso, Romário já é senador e está no estado que é o berço do bolsonarismo. Ele se aproveita do voto conservador — analisa o cientista político da Fundação Getulio Vargas (FGV) Eduardo Grin.

O mesmo, com sinais trocados, aconteceu em São Paulo, onde Márcio França foi beneficiado pelo racha no campo bolsonarista, que tem o ex-ministro Marcos Pontes (PL) e a deputada estadual Janaína Paschoal (PRTB) disputando votos.

Em alguns estados, Lula tem um aliado em condições competitivas, ainda que não seja o primeiro colocado isolado. É o caso do Amazonas, onde Omar Aziz (PSD) tenta se reeleger fazendo campanha colado à imagem do presidente. Ele está em empate técnico com Arthur Virgílio (PSDB), que tem fugido da nacionalização apostando em temas locais. Em terceiro lugar está o candidato de Bolsonaro, Coronel Menezes (PL).

> Figuras de proa do atual governo, como Damares e Mourão, têm dificuldades

Há ainda estados em situação de confronto direto, com cenário de equilíbrio nas pesquisas entre lulistas e bolsonaristas. Em Minas Gerais, Cleitinho Azevedo (PSC), apoiado pelo presidente da República, marcou 15%, em empate técnico na margem de erro com Alexandre Silveira (PSD), da coligação de Lula no estado. Em Sergipe, estão tecnicamente empatados o candidato de Lula, Valadares Filho (PSB), com 20%, e o candidato de Bolsonaro, Eduardo Amorim (18%).

Em cinco estados, os candidatos líderes nas pesquisas não são apoiados nem por Lula, nem por Bolsonaro: Acre, Amapá, Paraná, Rio Grande do Norte e Santa Catarina.

Ex-presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil) concorre à reeleição liderando a disputa no Amapá, com 39%, sem se atrelar à disputa nacional. Em segundo lugar, Rayssa Furlan (MDB), cujo partido lançou Simone Tebet para a Presidência, também faz campanha com foco na política estadual. Já o terceiro colocado na corrida, Capi (PSB), aposta em Lula como cabo eleitoral para tentar crescer nas pesquisas.

RACHA NO BOLSONARISMO

Em Goiás, o líder das pesquisas, Marconi Perillo (PSDB), passa ao largo da nacionalização da disputa para o Senado. Ele tem 24% das intenções de voto, em empate técnico com Delegado Waldir. Ex-aliado de Bolsonaro, o candidato do União Brasil também se mantém neutro na disputa nacional.

No Distrito Federal, há uma disputa entre duas candidatas do campo bolsonarista. A ex-ministra Flávia Arruda (PL), que lidera a disputa, enfrenta a concorrência da também ex-ministra Damares Alves (Republicanos). Com apoio da primeira-dama Michelle Bolsonaro, Damares alcança quase a metade das intenções de voto de Flávia, filiada ao partido do presidente: 31% a 16%.

Outras figuras de proa do governo Bolsonaro apresentam dificuldades. O ex-ministro Rogério Marinho (PL) vê Carlos Eduardo (PDT) à frente no Rio Grande do Norte. No Rio Grande do Sul, o vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) é o terceiro, atrás do petista Olívio Dutra e de Ana Amélia (PSD).

ELEIÇÕES 2022

Lula tem maior rejeição entre homens em 20 anos

Levantamento a partir de pesquisas Datafolha mostra que 44% dos eleitores do sexo masculino dizem 'não' ao ex-presidente, que empata tecnicamente com Bolsonaro (48%). No índice geral, petista é rejeitado por 39%, perto de seu teto histórico

FLÁVIO TABAK
flavio.tabak@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

A pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira acendeu alertas sobre os níveis de rejeição ao candidato à Presidência pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Com 39% dos eleitores dizendo que não votariam nele "de jeito nenhum", o petista se aproxima de seus níveis mais elevados nesse ranking negativo que preocupa qualquer político — em 1994, por exemplo, Lula atingiu 40% de rejeição no Datafolha de 13 a 15 de setembro. Há, no entanto, um segundo sinal de alerta: um abismo que começa a se abrir entre homens e mulheres.

Eleitores homens nunca rejeitaram tanto um candidato petista à Presidência em duas décadas. Levantamento feito a partir de resultados do Datafolha pela pesquisadora Andressa Rovani, do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop/Unicamp), revela o recorde negativo de Lula. Com 44% de rejeição no público masculino (eram 40% há 15 dias), o petista atingiu o maior patamar para um candidato do partido desde as eleições de 2002 e está, no limite da margem de erro, empatado com o candidato à reeleição pelo PL, Jair Bolsonaro — que tem 48% de rejeição entre homens e 55% entre mulheres.

Há 20 anos, muitas mulheres já negavam Lula: 35% (mesmo número de hoje), enquanto somente 27% dos homens não queriam o petistas. Agora, o quadro se inverteu. Os dados deste ano são do Datafolha, contratado pela Folha de S.Paulo e TV Globo. Em agosto de 2018, quando ainda aparecia nos questionários do Datafolha mesmo preso há meses em Curitiba, Lula conseguia ser menos rejeitado do que hoje: 33% entre o público feminino e 35% no masculino — nove pontos a menos na comparação com 2022.

— As eleições de 2014 representam um ponto de virada na rejeição masculina ao PT. Naquele ano, quando a então presidente Dilma Rousseff buscava a reeleição, eleitores e eleitoras apresentaram a mesma taxa de rejeição à petista: 34%. A partir daí, são os homens que passam a liderar a rejeição aos candidatos do PT — analisa a pesquisadora Andressa Rovani, cujo estudo será publicado pelo Observatório das Eleições, do IDDC/INCT.

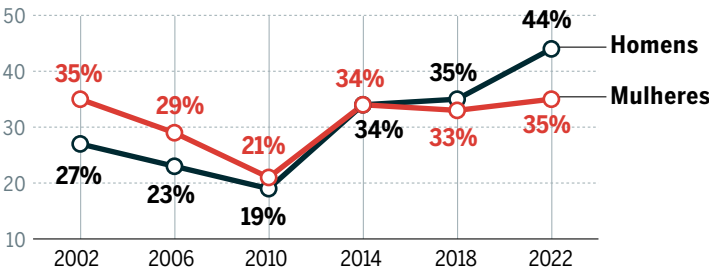
DIVULGAÇÃO/RICARDO STUCKERT/31-08-2022

Barreira. Lula em ato de campanha em Manaus: ex-presidente enfrenta obstáculos para expandir apoio entre homens

Essa inversão de rejeição entre mulheres e homens em relação a candidatos do PT coincide, diz a pesquisadora, com o aumento da percepção de que a corrupção é o principal problema do Brasil. Em 2003, eram só 4% que diziam isso na pesquisa Datafolha. Em 2015, com os efeitos da Operação Lava-Jato, 34% já viam a corrupção como o foco número um de preocupação. E os homens, aqueles que passaram a rejeitar mais Lula, em 2015 já eram mais sensíveis ao tema: 39% deles escolhiam corrupção contra 28% das mulheres.

— Em pesquisa Datafolha feita pouco antes do segundo turno de 2018, 12% dos homens afirmavam que o combate à corrupção era o motivo que os levaria a votar em Jair Bolsonaro, contra 7% das eleitoras mulheres — acrescemta Andressa.

O 'NÃO' A CANDIDATOS DO PT À PRESIDÊNCIA

Veja os números para os meses de agosto desde 2002 entre homens e mulheres

Fonte: Pesquisas Datafolha nos meses de agosto disponíveis no Banco de Dados do Cesop/Unicamp

Editoria de Arte

ESTRATÉGIA SEM EFEITO

A rejeição de praticamente quatro em cada dez eleitores a Lula indica que a escolha do ex-tucano Geraldo Alckmin, hoje no PSB, como vice na chapa petista até o momento não foi capaz de diminuir a resistência dos segmentos mais conservadores ao ex-presidente.

— Lula sempre apostou em um vice conciliador, e desta vez ele se aprofundou nessa linha ao trazer um político que já foi seu adversário, com um perfil moderado para demonstrar a intenção de construir um grande pacto. Esse gesto pode ajudar a diminuir a rejeição, o que até agora não foi suficiente, e também agregar votos — analisa Lucio Rennó, professor de ciência política da UnB. *(Colaborou Nicolas Yori)*

Lista para Economia em eventual gestão petista tem 5 cotados

Aliados dizem que Lula não discute o tema nem em seu círculo mais íntimo; mercado, porém, pressiona para saber quem conduzirá a pasta

SÉRGIO ROXO
sergio.roxo@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O deputado federal Alexandre Padilha (PT-SP) fez uma breve fala introdutória sobre os planos do ex-presidente Lula na última quinta-feira, na sede da Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham) em São Paulo, e anunciou que estava à disposição para perguntas. No comando da sabatina, o conselheiro Hélio Magalhães foi direto ao ponto e imediatamente indagou qual seria o perfil do comandante da economia em um eventual novo governo do petista.

— É a pergunta que o mercado tem feito. Há um interesse em saber quem será o responsável por conduzir a economia — explicou Magalhães, ex-presidente do CitiBank no Brasil, após o fim da palestra de Padilha.

Integrante do grupo de cotados para o posto, o deputado recorreu a falas do próprio Lula para responder.

— O presidente Lula tem dito que uma característica fundamental é que seja alguém do diálogo, da construção política. O ministro não pode ser alguém que tem uma tese própria.

Padilha é citado entre os petistas como um possível ministro da Fazenda justamente pela capacidade de diálogo demonstrada quando foi ministro das Relações Institucionais no segundo governo Lula. Uma eventual nomeação do deputado repetiria a experiência de Antonio Palocci em 2002: um médico encarregado de cuidar da economia. Pesa contra o parlamentar, porém, em relação a outros citados, o fato de ter pouco capital político, já que nunca venceu uma eleição majoritária.

Após a fala de Padilha na Câmara Americana, Hélio Magalhães ainda fez uma referência a uma informação divulgada pela Folha de S.Paulo de que o mercado apostava no vice de Lula, Geraldo Alckmin, como futuro responsável pela área. No entorno de Lula, é consenso que o ex-tucano tem grandes chances de ocupar um ministério, mas colocá-lo à frente da Economia, uma área e sujeita a turbulências, é considerado pouco provável. Sendo vice, Alckmin não poderia ser demitido do ministério sem provocar uma crise no governo.

A vasta lista de cotados tem pelo menos outros quatro nomes: o ex-prefeito Fernando Haddad, o senador Jaques Wagner, o ex-governador Wellington Dias, e o ex-diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) Roberto Azevêdo, citado em uma reportagem da agência Bloomberg. Todos têm pontos avaliados como negativos que podem ser empecilhos.

Haddad é candidato ao governo de São Paulo. Se vencer, será governador. Caso perca, a nomeação para o ministério poderia soar como prêmio de consolação. Dias vem de um estado com pouco peso no jogo político nacional. Wagner não mostrou nos últimos anos disposição para tarefas espinhosas ao recusar as candidaturas a presidente pelo PT em 2018, depois que Lula foi barrado pela Lei da Ficha

> *"Uma característica fundamental é que seja alguém do diálogo, da construção política"*
>
> **Alexandre Padilha,** sobre o desejo de Lula para o perfil ideal

> *"Ele (Lula) pode até ficar ruminando, mas não fala para ninguém"*
>
> **Jaques Wagner,** a respeito do mistério acerca da escolha

Limpa, e a governador da Bahia este ano. Azevêdo, depois de ser indicado o primeiro brasileiro a comandar a OMC num esforço do governo Dilma Rousseff, passou a ser visto com desconfiança pela esquerda quando, em 2019, a sua mulher, a embaixadora Maria Nazareth Farani Azevêdo, bateu boca com o ex-deputado Jean Wyllys na ONU. Maria Nazareth tinha sido chefe de gabinete do ministro Celso Amorim durante o governo Lula.

Aliados dizem que o ex-presidente não discute os nomes cotados para comandar a pasta nem no seu círculo mais íntimo.

— Ele pode até ficar ruminando na cabeça dele, mas não fala para ninguém — diz Jaques Wagner.

O senador pela Bahia já avisou a Lula que não gostaria de comandar o setor. Seu interesse seria ajudar o petista numa função de um secretário com status de ministro voltado a articulações e assuntos do dia a dia do presidente. Um outro aliado acredita que, se Lula tivesse que escolher hoje o comandante da Economia, não teria um nome. Em 2002, Palocci só foi nomeado 44 dias depois do segundo turno.

TEM SOLUÇÃO

O GLOBO contratou o Ipec para identificar o que os brasileiros percebem como os maiores problemas do país. Os resultados mostram o desemprego no topo, primeiro tema da série Tem Solução, que estreia hoje. Renomadas instituições elaboraram medidas a serem adotadas nas áreas problemáticas, que serão detalhadas ao longo da semana. A boa notícia é que há, sim, solução

ELEIÇÕES 2022

TRABALHO FORMAL, PORÉM MALEÁVEL

DESEMPREGO É MAIOR PREOCUPAÇÃO DOS BRASILEIROS, QUE DESEJAM CARTEIRA ASSINADA E FLEXIBILIDADE

MANOEL VENTURA
manoel.ventura@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

Em uma economia que dá sinais de recuperação após um período de quedas abruptas, as relações de trabalho provocam inquietações nos brasileiros. Seja pela falta de oportunidades, o desejo de um vínculo mais forte, traduzido pela carteira assinada, ou a aspiração por flexibilidade em modelos e horários no pós-pandemia, o tema é o principal destaque de duas pesquisas inéditas realizadas pelo Ipec a pedido do GLOBO. A primeira delas, feita de maneira presencial em 128 cidades de todas as regiões, expõe que o desemprego é percebido como o maior problema do país — 43% elencam o item como um dos três desafios mais graves.

Há quatro anos, a saúde surgiu na dianteira das preocupações, com o desemprego logo depois. O cenário foi modificado, entre outros aspectos, pelos efeitos da pandemia sobre o bolso da população — inflação e fome, que não apareciam em 2018, vieram à tona. Ao longo desta semana, O GLOBO vai apresentar a lista dos temas vistos com mais apreensão pelos brasileiros, com personagens simbólicos e propostas estruturais para que o país supere os obstáculos. Amanhã será a vez da corrupção, encarada como a maior barreira por 36%.

O levantamento, que ouviu 2 mil pessoas acima de 16 anos, revela ainda que a preocupação com o desemprego é maior entre as mulheres (45%, contra 40% dos homens), no grupo que parou de estudar no ensino médio (46%) e nas parcelas mais vulneráveis, já que aumenta conforme mais pobre é o estrato: 53% dos que têm renda familiar mensal até um salário mínimo tratam o assunto de forma prioritária, índice que é de 31% entre os que recebem mais de cinco salários.

DADOS NÃO MOSTRAM TUDO

Nos recortes regionais, é no Nordeste que a falta de ocupação aparece ainda com mais evidência: 46%. A região concentra quase metade dos beneficiários do Auxílio Brasil, o equivalente a 9,4 milhões de famílias. O tema também preocupa mais quem mora nas periferias dos grandes centros urbanos (51%) do que nas capitais (39%).

Ainda que haja melhora, já que o IBGE apontou, na quarta-feira, que o desemprego segue em queda e foi a 9,1% no trimestre encerrado em julho, os dados oficiais não revelam o quadro completo. Enquanto a campanha à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) enxerga no resultado um possível trampolim eleitoral, o pesquisador Fernando Veloso, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV), pondera que é preciso ir além da taxa de desocupação para entender o que está acontecendo.

Na medida, entram apenas aqueles que estão procurando por uma vaga e não encontraram, ou seja, ficam fora os 4,2 milhões que desistiram. Se esses voltassem ao mercado de trabalho, a taxa de desemprego seria de dois dígitos. Já os subocupados, os que gostariam de trabalhar mais horas, ainda somam 6,5 milhões.

Entre os desocupados, um dos casos mais preocupantes é o dos há mais de dois anos sem uma vaga. Cálculos do Ibre/FGV estimam esse número em aproximadamente 3 milhões, cerca de 30% do total. Claudineia Siqueira, 43 anos, é um dos muitos exemplos. Desde a última campanha presidencial, a mãe de dez filhos vive de bicos e de assistência do governo *(leia relato abaixo)*.

A segunda pesquisa feita pelo Ipec a pedido do GLOBO, também realizada em julho, mostra a predileção pelo emprego formal: 59% disseram preferir trabalho com carteira assinada, índice alavancado por quem tem apenas o ensino fundamental. O resultado do levantamento, feito pela internet com 2 mil pessoas acima de 16 anos, das classes A, B e C, é reflexo do que acontece na vida real. A taxa de informalidade continua em um patamar em torno de 40% — cerca de 39 milhões de trabalhadores nessa condição. Também fazem parte desse grupo os que trabalham por conta própria sem CNPJ e trabalhadores familiares. O grupo é alvo dos presidenciáveis na campanha eleitoral, com promessas direcionadas, por exemplo, aos que atuam nos serviços de entrega via aplicativo.

— Apesar da recuperação vigorosa, temos uma desocupação oculta e uma grande quantidade na informalidade — diz Helio Zylberstajn, professor da Faculdade de Economia da USP.

NOVAS PERSPECTIVAS

Com tudo isso, é óbvio que o bolso do trabalhador foi afetado. A renda real até tem ensaiado uma reação. Cresceu este ano e, no último trimestre, chegou a R$ 2.693. Mas o valor ainda está 5% abaixo do pré-pandemia.

— A renda ficou menor, a inflação subiu, e as pessoas estão com dificuldade de se colocar no mercado de trabalho — afirma Veloso, do Ibre/FGV.

Mesmo com a queda na renda média, as mudanças na relação entre os trabalhadores e as empresas, aceleradas na pandemia, indicam que vão seguir como a tônica — 30%, por exemplo, concordam em ter mais um dia de descanso na semana, ainda que isso represente uma queda de 20% no salário. Os números são ainda mais expressivos com relação a outros aspectos: 80% dizem que gostariam de trabalhar em casa ou em locais alternativos quando necessário, e 76% afirmam que prefeririam escolher o próprio horário de trabalho.

Em uma campanha eleitoral acirrada, as responsabilidades pelas mazelas são empurradas de um lado ao outro. No caso do mercado de trabalho, há parcelas de culpa a serem assumidas por representantes distintos do espectro político. O Brasil entrou na fase da taxa de desocupação de dois dígitos no começo de 2016, consequência da recessão provocada pelo governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Bolsonaro aponta essa herança e a pandemia como causas dos problemas atuais. Embora os dois fatores tenham de fato sido graves, o governo contribuiu para complicar o quadro. Ainda antes da aparecimento da Covid-19, a recuperação do mercado de trabalho era insuficiente.

Pesquisa O GLOBO/IPEC

O DRAMA EM NÚMEROS

Os três maiores problemas do Brasil hoje são os mesmos de 2018. O que mudou foi a ordem. Desemprego ganhou a dianteira. Os mais pobres são os que mais percebem o tema como problema. Brasileiros querem mais flexibilidade com carteira assinada

Desemprego é o maior problema do Brasil

O percentual dos que apontaram a falta de trabalho em 2022 é quase o mesmo do de 2018, dentro da margem de erro (em % dos entrevistados)*

2022

Problema	%
Desemprego	43
Corrupção	36
Saúde	33
Educação	28
Inflação	18
Segurança Pública/ Violência	17
Pobreza/ Fome/ Miséria	17

Hoje, **73 milhões** apontam desemprego como um dos três maiores problemas, exatamente o mesmo número de há quatro anos **

2018***

Problema	%
Saúde	46
Desemprego	45
Corrupção	40
Segurança Pública/ Violência	38
Educação	32
Drogas	16
Impostos elevados	10
Falta de moradia	10

Fonte: IPEC / *Pesquisa presencial com 2.000 pessoas com 16 anos ou mais, feita entre 1 e 5 de julho em 128 municípios. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou menos. ** Projeção feita a partir dos percentuais para desemprego na pesquisa considerando população acima de 16 anos de 162,3 milhões em 2018 e 170,1 milhões em 2022 *** Pesquisa feita pela CNI com mesma metodologia em dezembro de 2018 ****Pesquisa com 2.000 internautas com 16 anos ou mais das classes A,B e C feita entre 20 e 27 de julho. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou menos.

O indicador do Ibre/FGV que mede as incertezas na economia é didático. Ele cresce a partir de 2015 e se mantém acima da média da série histórica, iniciada em 2001. A pandemia fez o índice bater um recorde, mas, antes e depois da crise sanitária, o estilo do presidente, os erros e omissões do governo ajudaram a manter o número no alto.

— Quando a incerteza é grande, os empresários resistem a investir. Isso compromete a criação de postos formais — diz Veloso.

A pedido do GLOBO, o Ibre/FGV organizou uma série de prioridades para o próximo presidente. Aumentar a escolaridade, a qualidade do ensino e criar uma poupança para trabalhadores de baixa renda são alguns pontos. Outro é a aprovação de um projeto de lei que permite o pagamento, feito pelo governo, de entidades privadas que atingirem metas de interesse social. Assim, serviços que vêm sendo prestados pelo Estado com resultados decepcionantes poderão ganhar eficiência.

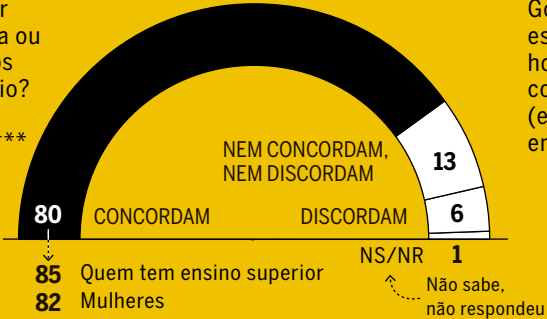
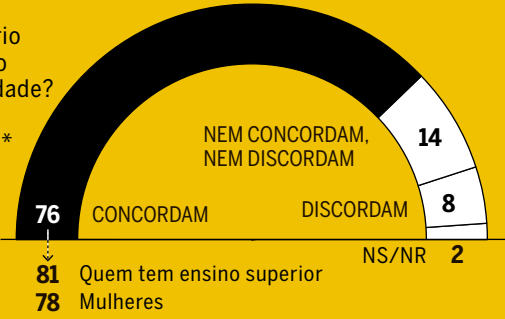
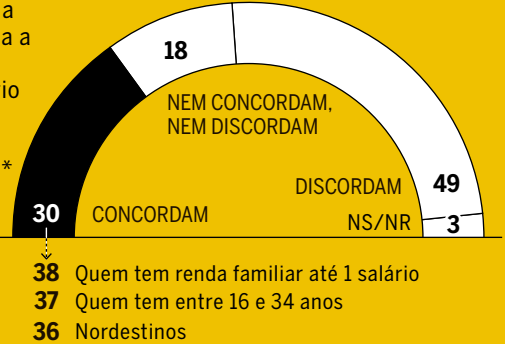
São baixas as taxas de sucesso dos órgãos estatais responsáveis por treinamento e recolocação. As chances podem aumentar se o governo passar a tarefa para a iniciativa privada e condicionar o pagamento ao resultado (a obtenção e retenção do emprego por determinado tempo).

— Precisamos ouvir as demandas dos empregadores e ter uma outra visão de mundo — diz o pesquisador Fernando de Holanda Barbosa Filho, do Ibre/FGV.

Reduzir as incertezas fiscais e políticas é outra questão essencial.

— O país tem que voltar a crescer. A única maneira eficaz de gerar ocupação é essa. É urgente — resume Helio Zylberstajn, da USP.

PARA ACESSAR TODO O CONTEÚDO DO TEM SOLUÇÃO, APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE AO LADO

CRISTIANO MARIZ

À procura. Claudineia Siqueira, que vive de bicos e benefícios sociais desde 2018, quando perdeu o emprego de cobradora de ônibus

VIVI PARA CONTAR

‘Tem dia que acordo e fico desesperada. Quero um emprego’

Mãe de dez filhos, a ex-cobradora de ônibus Claudineia Siqueira está desempregada em Brasília desde 2018. Vive de bicos e benefícios

Estou desempregada desde 2018. Antes trabalhava como cobradora de ônibus. Trabalhei por cinco anos e oito meses. Falaram que a gente ia ser remanejado para outras empresas, mas acabou que a gente não teve essa oportunidade.

Vivo de bico e de benefícios do governo. Por exemplo: eu faço faxina ou a pessoa vai trabalhar e não tem com quem deixar a criança e vem e me paga. É assim que eu vou me virando. Às vezes, junto umas latinhas. Uma vez escolho pagar uma dívida, outra vez escolho comprar o que comer.

Tenho dez filhos. Dois moram com a avó, mas no fim do ano vão passar a morar aqui. Moram comigo um filho de 16 e outro de cinco anos. O menor é o mais complicado porque já cobra leite, fruta, biscoito, essas coisas. Aí ele fica: “Aqui em casa não tem nada”. Tem dia que agradeço de ter o arroz da cesta (de doação).

Quando a gente ganha uma cesta, você vem agradecendo por estar com aquilo. Se você não ganha, você já vem chorando e pensando em como vai passar a semana todinha. Já teve dia de deixar de comer alguma coisa e falar: “Não, não vou comer isso aqui, vou guardar para ele (filho menor)”.

Tem dia que acordo e fico desesperada. A gente tem até alguns eventos aqui e eles perguntam: “o que mais vocês querem?”. Eu falo: “Quero um emprego”. Para me estabilizar, construir minha casa.

Como a empresa que eu trabalhava abriu falência, a gente foi obrigado a colocar na Justiça. Aí, toda vez que vou pedir emprego, eles já puxam os antepassados e já vê aquele histórico de estar na Justiça. Aí já prejudica.

Para procurar emprego vou nas agências e envio currículos pela internet. Tenho também um grupo no WhatsApp e no Facebook em que vejo as vagas. Já perdi as contas de quantas vezes mandei currículo, para vários supermercados, para ser faxineira. Já mandei vários. Eu falo que não sei o que acontece. Quando eu chego para fazer entrevista, o povo liga e diz que não tem mais a vaga.

AS PRIORIDADES para o mercado de trabalho

O GLOBO convidou o Observatório da Produtividade Regis Bonelli, parte do Instituto Brasileiro da Economia (Ibre), da Fundação Getulio Vargas (FGV), para elaborar uma lista de medidas que devem ser adotadas pelo próximo governo com a intenção de facilitar a criação de empregos

REDUZIR A INCERTEZA FISCAL E POLÍTICA

Por que é importante: num país com alto grau de incerteza política e fiscal, os empresários resistem a investir. Com menos investimento e menor criação de novos negócios, o crescimento do número de postos de trabalho formais fica comprometido. Desde 2015, os indicadores de incerteza do Brasil estão acima da média histórica.

AUMENTAR O NÚMERO DE JOVENS QUE TERMINAM O ENSINO MÉDIO E O DOS QUE INGRESSAM E FINALIZAM O ENSINO SUPERIOR, ALÉM DE MELHORAR A QUALIDADE DO ENSINO

Por que é importante: o aumento da escolaridade é um dos fatores fundamentais para a geração de empregos e para a queda da informalidade. Os efeitos na renda também são incontestáveis. Sem os avanços na educação registrados nas últimas três décadas, a renda média do trabalhador teria ficado praticamente estagnada. Ela não cresceu muito, é verdade. Poderia ter sido muito pior.

APROVAR PROJETO DE LEI DO SENADO 338/2018, QUE PERMITE PAGAMENTO POR PARTE DO GOVERNO À ENTIDADE PRIVADA QUE ATINGIR META DE INTERESSE SOCIAL

Por que é importante: o contrato de impacto social poderá ser usado em diversas áreas do governo. A principal mudança é o foco no resultado. O instrumento pode ser utilizado para a qualificação profissional e também para a intermediação de mão de obra. Exemplo: o Sistema Nacional de Emprego (SiNE), que faz o casamento entre desempregados e empresas, tem baixa taxa de sucesso. A abertura de agências privadas remuneradas pelo governo pode mudar isso se o pagamento estiver condicionado à recolocação do desempregado.

REDUZIR AS CONTRIBUIÇÕES PREVIDENCIÁRIAS DE EMPREGADOS E EMPREGADORES NA FAIXA DE UM SALÁRIO MÍNIMO

Por que é importante: na remuneração de um mínimo, os encargos previdenciários com o salário têm custo elevado em relação ao que o trabalhador produz. Para estimular a formalização, governo deve abrir mão de parte desses encargos. Essa política deve atingir todos os trabalhadores de baixa renda, independentemente de setor

APROVAR PROJETO DE LEI 5343/2020, QUE CRIA UMA POUPANÇA PARA TRABALHADORES DE BAIXA RENDA

Por que é importante: trabalhadores formais e informais de baixa renda, inclusive os de apps de entregas de comida, são vulneráveis a qualquer mudança na economia. Um seguro em forma de poupança depositado mensalmente pelo governo equivalente a 15% do rendimento do trabalho poderia ser sacado em situações específicas.

ELEIÇÕES 2022 GUERRAS CULTURAIS

Estereótipos acirram disputas políticas sobre temas morais no Brasil

Pesquisas da USP mostram que diferença entre progressistas e conservadores nessa seara é menor do que os dois lados creem

ELISA MARTINS
E PABLO ORTELLADO
politica@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Ex-candidato pelo partido Republicano nos Estados Unidos, o político conservador Pat Buchanan perdeu as prévias para George W. Bush em 1992, mas conseguiu três milhões de votos naquele ano. Na convenção nacional do partido, já apoiando a candidatura de Bush, ele fez um discurso histórico: disse que as eleições eram "sobre quem somos, sobre o que acreditamos, sobre o que defendemos". Afirmou ainda que havia uma "guerra religiosa em curso, pela alma da América". Buchanan foi o primeiro candidato das guerras culturais, as divisões na sociedade sobre temas morais que invadiram a política.

Depois de Buchanan vieram outros, como Donald Trump, também nos EUA, Matteo Salvini, na Itália, Marine Le Pen, na França, e o presidente Jair Bolsonaro. A retórica de que há uma "guerra do bem contra o mal" é repetida à exaustão nas guerras culturais, que começaram nos anos 1960 como uma reação conservadora a uma suposta ameaça dos progressistas. Mas os progressistas também distorceram e caricaturaram os conservadores. E fazem isso até hoje.

Pesquisas recentes mostram como as guerras culturais se acirraram porque há também um embate de estereótipos: conservadores veem nos progressistas uma conspiração contra a família e a civilização ocidental, por exemplo, enquanto progressistas apresentam os conservadores como pessoas que defenderiam a violência e a opressão. Quando se olha para a distribuição da opinião dos brasileiros sobre temas morais, há de fato diferença entre progressistas e conservadores. Porém, ela é muito menor do que os dois lados acreditam, como discute o sétimo e último episódio de "Guerras Culturais: uma batalha pela alma do Brasil", um podcast original Globoplay, produzido pelo GLOBO.

Um estudo da Universidade de São Paulo (USP) mergulhou nesse conflito, a partir de um levantamento dos temas morais que entraram no debate público nos últimos anos, e selecionou 11 sentenças que seriam afirmações do ponto de vista progressista e outras 11 do ponto de vista conservador.

A pesquisa ouviu 1.100 pessoas na capital paulista, questionando se elas concordavam ou discordavam dessas afirmações. As respostas foram divididas em três recortes: progressista, conservador religioso e um terceiro grupo, que se mostrou progressista nos costumes, mas punitivista com criminosos.

Algumas conclusões eram esperadas. À afirmação "Precisamos punir os criminosos com mais tempo de cadeia", 91% dos conservadores religiosos concorda-

TEMAS MORAIS

Pesquisa analisou a concordância entre bolsonaristas convictos, bolsonaristas arrependidos e não bolsonaristas sobre questões relacionadas às guerras culturais no Brasil

Bolsonaristas **convictos** | Bolsonaristas **arrependidos** | **Não são** bolsonaristas

O movimento gay corrompe as crianças
100
80
60
40
20
0
49%
28%
12%

Fonte: Pablo Ortellado e Marcio Moretto

Editoria de Arte

ram, contra 20% dos progressistas. Já 78% dos progressistas concordaram com a frase "fazer aborto deveria ser um direito da mulher", mas, entre os conservadores religiosos, isso representa apenas 19% deles. E 53% dos conservadores concordam com a sentença "A união de pessoas do mesmo sexo não constitui uma família", enquanto entre progressistas e entre punitivistas laicos isso representa 8%.

Outras afirmações, porém, mostraram menos contraste entre os grupos: 84% dos conservadores concordavam, por exemplo, que "a mulher deve ter o direito de usar roupa curta sem ser incomodada", e 60% concordavam que "não se deve condenar uma mulher que transe com muitas pessoas". Ou seja, a pesquisa mostrou que o grupo conservador, apesar do nome, não era tão conservador assim. Tinha posições intermediárias.

Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou que, em comparação com os outros grupos, os progressistas apresentaram um perfil distante da realidade da maioria da população brasileira: mais branco, rico e escolarizado.

— O mesmo não acontece com os outros grupos, principalmente os conservadores religiosos. Eles representam muito melhor o conjunto da população — diz o professor e pesquisador da USP Marcio Moretto.

> Para especialistas, muitas vezes há mais ódio e intolerância com o "adversário" do que propriamente divergências

Os dados chamam a atenção para outra característica das guerras culturais nos últimos anos: como elas assumiram, também, um caráter de luta de classes. A concentração de progressistas nos setores mais escolarizados e de renda os afastou da base popular. E não só: levou a que os progressistas traçassem um retrato deturpado da classe trabalhadora, associado a uma religiosidade fanática ou a uma sexualidade reprimida. Isso não passou despercebido no *front* político. Tanto que, hoje, são os conservadores que se apresentam como defensores dos valores morais dos trabalhadores.

Essa ideia embasa a retórica populista a que conservadores e bolsonaristas recorrem com frequência, como mostra outra pesquisa da USP deste ano.

Os entrevistados foram divididos entre bolsonaristas convictos (os que votaram em Bolsonaro em 2018 e querem votar de novo em 2022), os bolsonaristas arrependidos (que não querem mais votar nele) e os não bolsonaristas.

No estudo, 49% dos bolsonaristas convictos concordaram com a afirmação "O movimento gay corrompe as crianças", contra 13% dos não bolsonaristas. Já em relação a "as feministas são contra os valores da família", 55% dos bolsonaristas convictos concordaram, em comparação a 14% dos não bolsonaristas. E 64% dos bolsonaristas convictos concordaram com a frase "os professores estão abordando temas que contrariam os valores da família", contra apenas 16% dos não bolsonaristas.

As respostas a essas e outras afirmações da pesquisa reforçam uma tendência de antagonizar com determinados segmentos sociais e colocá-los como oposição ao grupo conservador.

— É o que o bolsonarismo elegeu como elite, contra a qual o povo deveria se insurgir. Isso conecta a chave das guerras culturais com o bolsonarismo — diz Moretto.

Os pontos de vista desse grupo, porém, não devem ser confundidos com as posições das lideranças conservadoras. O mesmo questionário de 11 afirmações da primeira pesquisa foi aplicado, em outro momento, a católicos que peregrinaram para Aparecida do Norte e a evangélicos que participaram da Marcha para Jesus, em São Paulo.

— Das pessoas que estavam em Aparecida, 83% dos católicos concordaram que a escola deveria ensinar a respeitar os homossexuais. O índice é bem alto também entre os evangélicos, de 77% — conta Moretto.

Já 76% das pessoas que estavam na Marcha para Jesus concordaram com a afirmação "a mulher deve ter o direito de usar roupa curta sem ser incomodada".

— Os grupos religiosos, principalmente os evangélicos, se mostraram menos conservadores do que o esperado antes de aplicar a pesquisa — acrescenta o professor da USP.

ÓDIO E INTOLERÂNCIA

Os pesquisadores observaram que, longe de generalizações, há uma ampla gama de católicos e evangélicos que defende, por exemplo, os direitos de mulheres e homossexuais.

— Frequentemente se divide o mundo evangélico em dois personagens, o pastor charlatão que manipula as pessoas ou o coitadinho que ficou submisso a esse tipo de controle mental por ser menos escolarizado, portanto com menos capacidade de se defender intelectualmente — diz o antropólogo Juliano Spyer.

A questão, ele reforça, revela o problema de classe nesse embate:

— Há um preconceito. E dificuldade de observar.

Especialistas no tema afirmam que o fim das disputas que dividem a sociedade entre progressistas e conservadores e polarizam a política passa por entender que muitas vezes há mais ódio e intolerância com o "adversário" do que propriamente divergências.

ELEIÇÕES **2022 NOS ESTADOS**

Paraná ensaia repetir tradição de reeleger governador

Ratinho Junior marcou 46% na última pesquisa Ipec; apesar de ter o apoio de Bolsonaro, ele tem mantido distância do titular do Planalto. Roberto Requião (PT), que está 22 pontos atrás, tenta colar no ex-presidente Lula na tentativa de virar a eleição

BIANCA GOMES
bianca.gomes@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

As eleições para o governo do Paraná caminham na direção de manter uma tradição que já perdura há quase três décadas: a reeleição do atual chefe do Executivo estadual. Na última pesquisa Ipec, divulgada na semana passada, o governador Ratinho Junior (PSD) aparece com chances reais de ser reconduzido ao cargo ainda no primeiro turno, marcando 46% das intenções de voto. Se a vitória se concretizar, ele será o quarto governador a conquistar dois mandatos seguidos, ao lado de Jaime Lerner, Roberto Requião e Beto Richa.

A baixa rotatividade no governo paranaense é explicada, em partes, pela ausência de uma oposição atuante no estado, afirma o cientista político Bruno Bolognesi, coordenador do Laboratório de Partidos e Sistemas Partidários da Universidade Federal do Paraná (LAPeS/UFPR):

— O Paraná tende a ser um estado bastante conservador. Quase sempre mantém quem está no poder. Uma das explicações é o fato de o estado ter uma tradição fraca de oposição. O PT, que faria esse papel, sempre esteve em Londrina, e não em Curitiba, na capital. E, na medida em que o Requião perdeu força, a oposição acabou — diz Bolognesi.

Para o especialista, a estabilidade política na região e a homogeneidade social na base da economia também contribuem para que haja tantas reeleições.

— Tirando o centro-sul, que é pobre, a agricultura sempre foi muito bem. E num lugar em que as coisas são estáveis, você não vê mudança política.

Nas eleições deste ano, o estado vê outra tradição tomar corpo: a definição do pleito no primeiro turno, tendência observada desde as eleições de 2010. De acordo com a sondagem mais recente, Ratinho se aproxima dos 60% dos votos válidos, patamar que garantiria o término na primeira rodada.

Especialistas acreditam que este ano não será diferente, mas a campanha do ex-governador Requião, que aparece 22 pontos distante do atual mandatário, ainda vê espaço para mudança no cenário.

Eles argumentam que na pesquisa Ipec espontânea, quando os entrevistados não têm acesso a uma lista de candidatos para escolher, 60% dizem ainda não saber em quem votar no mês de outubro.

PADRINHOS POLÍTICOS

Ex-prefeito de Curitiba e governador do Paraná por três mandatos, Requião construiu toda a sua carreira política no MDB, mas deixou o partido no ano passado após perder a disputa pelo controle do diretório estadual.

A estratégia do petista no pleito deste ano tem sido defender seu legado à frente das gestões municipal e estadual, reforçando feitos como a implantação do ensino integral e a construção da Ferroeste.

Em busca de uma virada improvável, Requião também tem procurado desgastar a imagem de Ratinho Junior junto à opinião pública: na primeira inserção de propaganda no rádio e na televisão, ele disse que o cargo de governador do Paraná está "vago". E no primeiro debate, em que o chefe do Executivo não compareceu, criticou os gastos milionários da gestão estadual com o projeto da engorda da faixa de areia da praia de Matinhos, no litoral, uma das bandeiras do candidato do PSD.

Mas a principal cartada do candidato petista é colar sua imagem à do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) — embora, no estado, Lula tenha 35% das intenções de voto, contra 41% de Bolsonaro, segundo o Ipec. Na propaganda divulgada no horário eleitoral de rádio e televisão, o ex-governador reforça o elo por meio do jingle que repete a frase "Quem é Requião é Lula, quem é Lula é Requião".

O uso do palanque presidencial já não se faz presente na campanha de Ratinho Junior. Apesar de ter o apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL), o governador tem mantido distância do chefe do Executivo federal e da disputa nacional como um todo. Em seu programa eleitoral, Ratinho Junior não mencionou Bolsonaro e ainda fez um discurso pela "união" e contra os "extremos".

Aliados do governador avaliam que mesmo que Bolsonaro tenha vantagem sobre Lula no estado, a rejeição do presidente da República poderia "contaminar" a campanha de Ratinho Junior à reeleição. Por isso, o melhor é adotar uma postura "em cima do muro" e sem se envolver em polêmicas, assim como tentou fazer ao longo do mandato, por exemplo, ao não assinar cartas de governadores direcionadas a Bolsonaro durante a pandemia.

Com o maior tempo de televisão entre todos os postulantes, o atual governador, que se diz crítico da política tradicional, aposta na continuidade de ações de sua gestão para se manter à frente do Palácio Iguaçu, em especial o aumento da orla de Matinhos e a segunda ponte ligando o Paraná ao Paraguai.

PEDÁGIO É TEMA CENTRAL

Assim como já ocorreu em pleitos anteriores, o futuro dos pedágios no estado marcou o primeiro debate ao governo do Paraná e já é um dos grandes temas das eleições deste ano. Os contratos de concessão de rodovias venceram no final do ano passado e, neste momento, quem passa pelo pedágio do estado, um dos mais caros do país historicamente, encontra as cancelas abertas.

Requião, que já tinha a pauta da redução de preços dos pedágios como sua principal bandeira em pleitos anteriores, propôs este ano um modelo com tarifas populares, apenas para custear os gastos com manutenção. Já Ratinho Junior, que chegou a prometer tarifas até 50% mais baratas, agora defende em seu plano de governo uma nova concessão com "tarifa justa".

Outro tema central no debate eleitoral é o da tarifa de água e energia. O estado teve uma das piores crises hídricas dos últimos 90 anos, o que pressionou as empresas estatais. A Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar) fez um rodízio, enquanto a Copel, de energia, precisou aumentar o subsídio aos mais pobres. Entre as propostas dos candidatos está o congelamento das duas tarifas.

O RAIO X DA DISPUTA

Principais candidatos a governador

Ratinho Junior (PSD)

Filho do apresentador de TV Ratinho, o governador foi deputado estadual e federal, além de secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano. Este ano, vai contar novamente com o apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL)

Roberto Requião (PT)

Governador do Paraná por três mandatos, foi senador e prefeito de Curitiba. Deixou o MDB no ano passado, após quase quatro décadas no partido. É o candidato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na disputa

OUTROS CANDIDATOS > Professora Angela Alves (PSOL), Professor Ivan Ramos (PSTU), Adriano Teixeira (PCO), Ricardo Gomyde (PDT), Joni Correia (DC), Vivi Motta (PCB) e Solange Ferreira Bueno (PMN)

Temas do debate eleitoral

Preço do pedágio

Cancelas de praças de pedágio do estado estão abertas e sem cobrança de tarifa desde o final do ano passado, quando os contratos de concessão terminaram. Candidatos têm apresentado diferentes propostas para resolver o problema, como a realização de uma nova licitação ou a criação de um "pedágio de manutenção" que custeie serviços básicos

Tarifa de luz e água

Estado teve uma das piores crises hídricas das últimas nove décadas, o que colocou pressão sobre as empresas estatais. A Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar) fez um rodízio, enquanto a Copel, de energia, precisou aumentar o subsídio aos mais pobres. Entre as propostas colocadas pelos postulantes está o congelamento das duas tarifas

Principais candidatos ao Senado

Alvaro Dias (Podemos)

Iniciou carreira na política na década de 1960, como vereador em Londrina. Está em seu quarto mandato como senador

Sergio Moro (União Brasil)

Ex-juiz federal e ex-ministro do governo Bolsonaro, foi o responsável por julgar na primeira instância os casos relativos à Operação Lava-Jato no Paraná e por condenar o ex-presidente Lula

Paulo Martins (PL)

Foi comentarista de telejornais antes de ingressar na política. É deputado federal da base aliada do presidente Jair Bolsonaro

OUTROS CANDIDATOS > Eneida Desiree (PDT), Dr. Carlos Eduardo Saboia (PMN), Laerson Matias (PSOL), Orlando Pessuti (MDB), Roberto França da Silva Junior (PCO), Rosane Ferreira (PV), Aline Sleutjes (PROS)

Eleições anteriores

* Referência varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de zero, menor é o indicador para os quesitos de saúde, educação e renda. Quanto mais próximo de 1, melhores são as condições para esses quesitos

GUIA O GLOBO ELEIÇÕES: ACESSE O QR CODE E CONFIRA OS CANDIDATOS PELOS ESTADOS

Ex-aliados, Moro e Alvaro Dias se enfrentam pelo Senado

Com o desenrolar da campanha, ex-juiz e senador passaram da troca de farpas para ataques abertos, com ameaça de ir à Justiça

SÃO PAULO

A disputa ao Senado pelo Paraná tem na linha de frente dois antigos aliados: o senador Alvaro Dias (Podemos) e o ex-juiz Sergio Moro (União), que caiu de paraquedas em sua terra natal após ter o domicílio eleitoral em São Paulo negado pela Justiça. Com o andar da campanha, o senador e o ex-juiz passaram da troca de farpas para ataques mútuos.

Dias foi um dos principais responsáveis pela entrada de Moro na política, mas a relação dos dois ficou abalada com a saída repentina do ex-ministro de Jair Bolsonaro do Podemos e da disputa presidencial. O desconforto aumentou com a disputa pela mesma vaga.

Além de já terem feito parte do mesmo partido, os dois têm em comum o discurso de combate à corrupção e de defesa da Operação Lava-Jato.

Em uma escalada no embate eleitoral, Moro acusa o Podemos, de Alvaro Dias, de não tomar medidas contra suspeitas de corrupção interna, e afirma que condicionou a sua permanência no partido à contratação de uma auditoria externa para apurar possíveis irregularidades.

A sigla, por sua vez, sustenta que Moro beneficiou a empresa de um amigo advogado, que supostamente não teria apresentado relatórios de prestação de serviço referente ao trabalho de formulação do programa de governo do ex-juiz. E que o ex-juiz exigiu reembolso do fundo partidário para repaginar o visual com roupas de grife. Os dois lados ameaçam ir à Justiça para resolver a contenda.

Antes, o ex-juiz chegou a negar que Dias tenha sido seu padrinho político. O senador, por sua vez, classificou o assunto como um "debate menor". Pessoas próximas do senador disseram que ele ficou magoado com Moro.

Segundo a última pesquisa Ipec, Dias lidera com 35% das intenções de voto, seguido de Moro, com 24%. Correndo por fora está ainda Paulo Martins (PL), que marcou 4%.

Embora Martins esteja distante dos dois primeiros colocados, dois fatores preocupam os adversários: o percentual de 79% de indecisos na pesquisa espontânea e o fato de ele ter o apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O cientista político Bruno Bolognesi, coordenador do Laboratório de Partidos e Sistemas Partidários da Universidade Federal do Paraná (LAPeS/UFPR), afirma que o lavajatismo e o apoio a Moro estão mais concentrados na capital, Curitiba, enquanto Dias tem ampla vantagem no interior do estado. Dias está em seu quarto mandato de senador, sendo o terceiro consecutivo.

— Alvaro (Dias) é um político tradicional, tem apoio político, e toda uma estrutura que está colocada já há muitos anos pelo estado. Além disso, ele tem força no interior e é ligado ao agronegócio — afirma Bolognesi.

O especialista acredita que os percalços de Moro na vida política devem atrapalhar sua campanha. O ex-juiz deixou o governo acusando Bolsonaro de interferir indevidamente na Polícia Federal. Em esforço para atrair de volta apoiadores de Bolsonaro, o ex-ministro publicou um vídeo no qual diz que ele e o presidente têm "o mesmo adversário", em referência ao ex-presidente Lula (PT). Em outra peça publicitária, Moro, que é chamado de traidor por apoiadores de Bolsonaro, afirma que "traição é abandonar os seus princípios e valores". *(Bianca Gomes)*

ELEIÇÕES 2022

Clãs buscam emplacar novos quadros na Paraíba

Postulantes competitivos são de famílias tradicionais ou alinhados a elas. No Senado, candidatura de líder está sub judice

MALU MÕES
maria.correa.rpa@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Estado em que a política é historicamente dominada por oligarquias, a Paraíba está desde 2011 sem um representante direto dos clãs familiares no posto de governador, mas esses núcleos estão apostando na eleição deste ano para mudar o cenário com novos quadros.

O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) é estreante na disputa pelo Palácio da Redenção, mas sua família já ocupou a sede do Executivo paraibano. Ele é neto do ex-governador Pedro Gondim (PSD). A força do clã também aparece no Senado, onde duas das três vagas do estado são ocupadas pelo próprio Veneziano e por sua mãe, Nilda Gondim (MDB). O emedebista ainda é filho do ex-deputado federal Vital do Rêgo (PDT) e irmão do ministro do Tribunal de Contas da União Vital do Rêgo Filho.

Fora da família, Veneziano tem como padrinho Ricardo Coutinho (PT), ex-governador que hoje concorre ao Senado na chapa do afilhado.

— Todos os candidatos competitivos, independentemente do seu cunho ideológico, têm aliados a eles grandes famílias tradicionais com forte peso político na Paraíba — conclui o cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba José Artigas de Godoy.

O deputado federal Pedro Cunha Lima (PSDB) está nesse rol. Ele é filho e neto dos ex-governadores Cássio e Ronaldo Cunha Lima. Na sua chapa, concorre ao Senado Efraim Filho (União Brasil), cujo pai, Efraim Morais, foi presidente da Câmara dos Deputados.

Veneziano e Pedro estão junto com Nilvan Ferreira, do PL, partido do presidente, disputando um lugar no segundo turno com o governador João Azevêdo, do PSB. De acordo com a pesquisa Ipec divulgada na segunda-feira, Azevêdo tem 32% das intenções de voto, seguido por Pedro (16%), Nilvan (15%) e Veneziano (14%), tecnicamente empatados em segundo lugar. Os demais candidatos alcançaram 1% ou não pontuaram. Brancos e nulos são 12%; não sabem/não responderam, 8%.

Azevêdo, que tenta a reeleição, não é de família tradicional, mas escolheu como vice Lucas Ribeiro (PP), que foi vice-prefeito de Campina Grande, é filho da senadora Daniella Ribeiro (PP) e sobrinho do deputado federal Aguinaldo Ribeiro (PP).

Azevêdo tem ainda o apoio de Geraldo Alckmin (PSB), vice na chapa de Lula. A Paraíba é um dos estados em que PT e PSB não fecharam alianças regionais, mas Azevêdo tem usado a imagem do petista.

Candidato bolsonarista na disputa, Nilvan Ferreira também não vem de família de políticos, mas tem na sua chapa o empreendedor Bruno Roberto (PL), filho do deputado federal Wellington Roberto (PL), concorrendo ao Senado. Em 2020, Ferreira chegou ao segundo turno na disputa pela prefeitura de João Pessoa, perdendo por menos de dez pontos percentuais. Radialista e ex-apresentador de programas policiais na TV local, ele é conhecido como "Datena da Paraíba". Seu discurso foca principalmente em "combater à esquerda" e na defesa do nacionalismo.

CORRIDA PARA SENADOR

Na corrida pelo Senado, Ricardo Coutinho está na dianteira no Ipec, com 30% das intenções de voto, mas uma condenação contra ele no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) deixa a corrida incerta — o caso trata de abuso de poder político na eleição de 2014. A pena tem como efeito a inelegibilidade até 5 de outubro, o que levou o Ministério Público Eleitoral a pedir a cassação da candidatura. A solicitação ainda será analisada pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba.

A aliança entre PT e MDB no estado foi costurada para atrair apoio a Lula de ao menos parte dos partidos de centro. Veneziano e Coutinho aproveitam para atrelar suas imagens à do ex-presidente. Um empecilho para o ex-governador nessa tentativa é Pollyanna Dutra (PSB), candidata ao Senado na chapa de Azêvêdo. Ela, que alcançou 8% no Ipec, foi do PT e também se associa ao petista, mesmo que indiretamente.

Em segundo lugar na sondagem, citado por 20% dos eleitores, está Efraim Filho, que usa a bandeira de ser "ficha limpa" para se contrapor a Coutinho. Bruno Roberto, com 5%, em um discurso alinhado ao do presidente Jair Bolsonaro (PL): sinalizações ao eleitorado conservador, ao agronegócio, além da defesa das armas. Os demais candidatos não passaram de 2% das intenções de voto para o Senado.

O RAIO X DA DISPUTA

POPULAÇÃO ESTIMADA	4.059.905 pessoas (2021)
IDH*	0,658 (2010)
RENDIMENTO MENSAL DOMICILIAR PER CAPITA	R$ 876 (2021)
MATRÍCULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	540.919 (2021)
LEITOS DO SUS	7.066 (2022)

PRINCIPAIS CANDIDATOS A GOVERNADOR

João Azevêdo (PSB)
Atual governador é engenheiro civil. Foi professor universitário, e secretário de Ciência e Tecnologia na Paraíba e de Infraestrutura em João Pessoa. É apoiado por Alckmin.

Pedro Cunha Lima (PSDB)
É deputado federal e presidente do Instituto Teotônio Vilela. Filho e neto de ex-governadores, tenta se afastar da polarização nacional, mas já mostrou alinhamento a Bolsonaro.

Nilvan Ferreira (PL)
Candidato de Bolsonaro é radialista e foi apresentador de TV — chamado de "Datena local". Ficou em segundo lugar na disputa pela prefeitura de João Pessoa em 2020.

OUTROS > Veneziano Vital do Rêgo (MDB), Adjany Simplicio (PSOL), Adriano Trajano (PCO), Antônio do Nascimento (PSTU) e Major Fábio (PRTB)

PRINCIPAIS CANDIDATOS AO SENADO

Ricardo Coutinho (PT)
Foi governador, prefeito de João Pessoa e líder sindical. O MPE diz que ele está inelegível e pediu a cassação da candidatura.

Efraim Filho (União Brasil)
Advogado e deputado federal desde 2007. Seu pai foi presidente da Câmara dos deputados.

Pollyanna (PSB)
É deputada estadual. Foi prefeita de Pombal e secretária estadual de Desenvolvimento e da Articulação Municipal.

OUTROS > Bruno Roberto (PL), Sérgio Queiroz (PRTB), André Ribeiro (PDT), Alexandre Soares (PSOL) e Manoel Messias (PCO)

Principais pontos do debate eleitoral

Seca
Ações para combate à seca e a privatização da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) mobilizam o debate.

Esquerda dividida
Lula apoia Veneziano; Alckmin, João Azevêdo. O emedebista tentou barrar na Justiça o uso da imagem do petista pelo adversário.

Corrupção
A Operação Calvário, sobre desvios de verba no governo Ricardo Coutinho, é citada para atacar Azevêdo, que era secretário na gestão.

ELEIÇÕES ANTERIORES

ELEITO ○ NO 1º TURNO ● NO 2º TURNO

2002 ○	2006 ●	2010 ●	2014 ●	2018 ○
Cássio Cunha Lima (PSDB) 51,35%	Cássio Cunha Lima (PSDB) 51,35%	Ricardo Coutinho (PSB) 53,7%	Ricardo Coutinho (PSB) 52,61%	João Azevêdo (PSB) 58,18%
Roberto Paulino (PMDB) 48,65%	José Maranhão (PMDB) 48,65%	José Maranhão (PMDB) 46,3%	Cássio Cunha Lima (PSDB) 47,39%	Lucélio Cartaxo (PV) 23,41%

*Referência varia de 0 a 1. Quanto mais próximo do zero, menor é o indicador para os quesitos de saúde, educação e renda. Quanto mais próximo de 1, melhores são as condições para esses quesitos.

ELIO GASPARI
oglobo.globo.com/opinião
editoria.artigos@oglobo.com.br

O Datafolha e Marco Maciel

Bolsonaro parece preso na piada de Marco Maciel, o grande vice-presidente de Fernando Henrique Cardoso. Faltando alguns dias para a eleição, o marqueteiro disse ao candidato:

— O nosso adversário está na frente, mas vem caindo, enquanto estamos subindo.

Ao que o candidato perguntou:

— E o senhor acha que a intersecção das duas linhas ocorrerá antes ou depois do dia da eleição?

Pelo Datafolha, em três meses Lula perdeu três pontos e está com 45% e Bolsonaro ganhou cinco ficando com 32%. Admitindo-se que ele recupere a aceleração, pois na última semana ficou parado, a intersecção das duas linhas ocorreria em 2023.

O Datafolha levou água para a possibilidade de um segundo turno. Ciro Gomes e Simone Tebet tiveram bons desempenhos no debate de domingo, mas continuam comendo poeira.

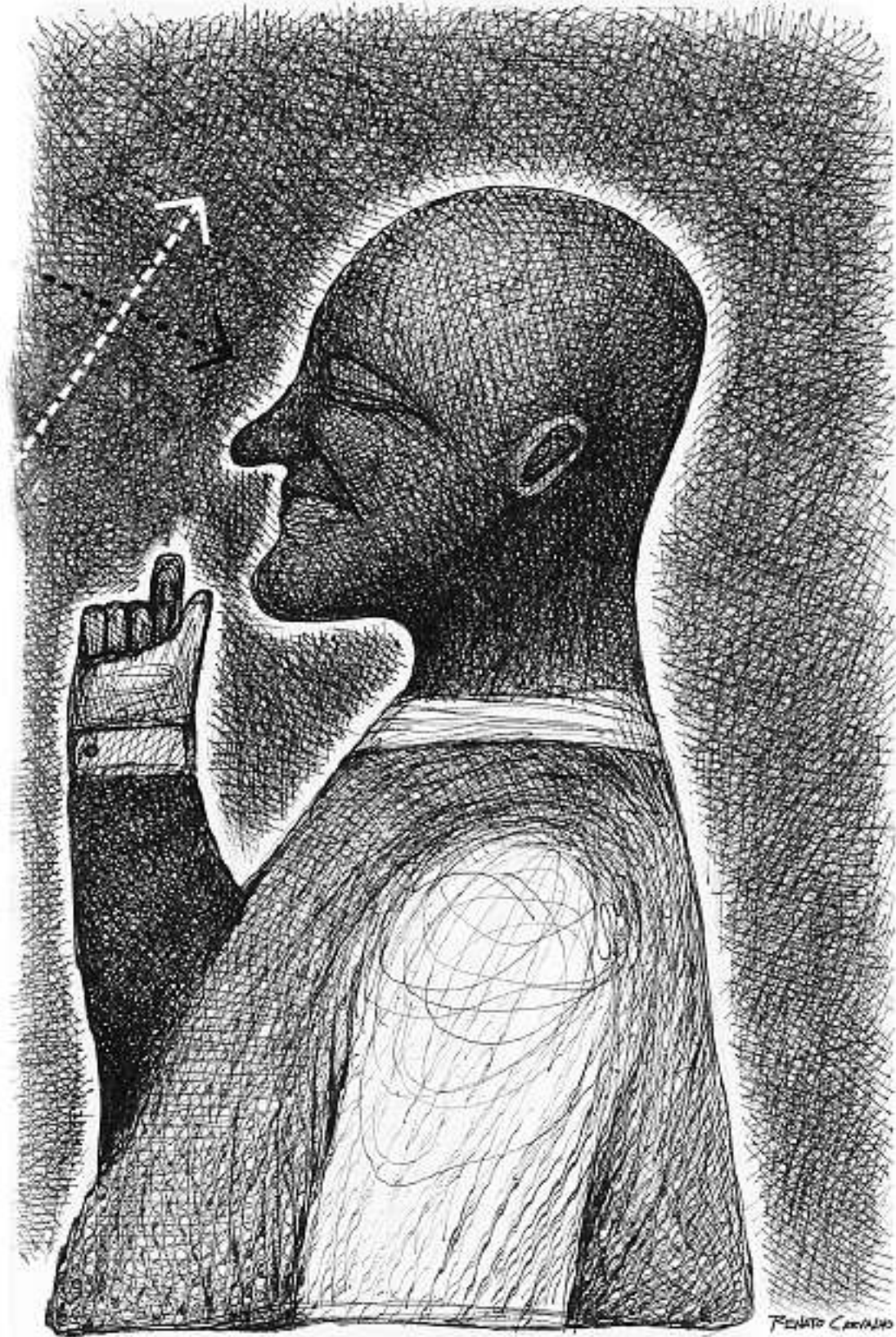
O sinal de perigo para Bolsonaro continua vindo de Minas Gerais. O governador Romeu Zema, que se elegeu na maré de 2018 e descolou-se de Bolsonaro, está com 52% das preferências (cresceu 5 pontos). Na região Sudeste, é em Minas que Lula mantém a maior vantagem sobre o capitão: 49% x 29%.

Só o tempo dirá quanto custará ao PT e a Fernando Haddad, seu candidato ao governo de São Paulo, ter aninhado na sua vice a mulher de Márcio França, que abandonou a disputa, apoiando-o. A professora Lúcia França tem sólida carreira profissional, mas é novata em disputas eleitorais. Márcio França lidera a disputa pelo Senado.

Briga pela bala

A Taurus aborreceu-se com a decisão do Exército de propor a suspensão definitiva da exigência de fiscalização para a importação de armas e munições. A barreira seria substituída pela certificação internacional dos produtos.

Veterana defensora da venda de armas, a Taurus celebrizou-se em 1999, quando seu presidente, Carlos Alberto Murgel, explicou: "Não é o revólver, a faca ou o porrete que comete assassinato, que mata, que agride. São as pessoas que fazem isso." De lá para cá, o governo brasileiro passou a estimular a posse de armas, e o mercado nacional tornou-se mais atrativo.

Com várias fábricas e uma montadora nos Estados Unidos, onde ela se tornou uma empresa poderosa, a Taurus exporta a maior parte de sua produção.

O afrouxamento da fiscalização para a importação de armas atrairá mais fornecedores para o mercado brasileiro. Diante desse risco, a indústria advertiu: A nova regra "incentiva empresas como a Taurus, que possuem fábrica no exterior, a reduzirem os investimentos no Brasil, passando a produzir nas unidades no exterior e exportarem para o Brasil, já que essa falta de isonomia cria custos que tiram a competitividade da indústria nacional".

Nos últimos 50 anos, esse tem sido o argumento de todas as indústrias para fechar o mercado nacional.

Como agora as armas caíram na roda, o debate seria enriquecido se algum interessado colocar no pano verde uma nova vertente:

Quem está interessado na abertura do mercado brasileiro para os fabricantes internacionais de armas?

Talvez algum conhecedor do mercado saiba, pois até 2018 a turma da bala parecia formar um sólido bloco.

Afinal, como disse Carlos Alberto Murgel na defesa das armas, não são as canetas que fazem as normas: "São as pessoas que fazem isso".

O FUTURO DO STF

Se ninguém se mexer, o próximo presidente ajudará a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 275, que aumenta de 11 para 15 o número de ministros do Supremo Tribunal Federal.

A PEC foi apresentada em 2013 e desengavetada em setembro do ano passado. É um docinho. Agrada deputados, senadores, alguns magistrados e procuradores, bem como a onipresente Ordem dos Advogados.

Os quatro novos ministros seriam nomeados pelo presidente do Congresso, a partir de listas tríplices enviadas pelo Conselho Nacional de Justiça, pelo Conselho do Ministério Público e pela OAB, dependendo da aprovação pelas maiorias da Câmara dos Deputados e do Senado.

Essa girafa ampliaria o número de ministros, mas reduziria a carga de trabalho e os poderes do Supremo Tribunal, limitando-o a tratar de questões constitucionais. O varejão seria transferido para o Superior Tribunal de Justiça.

Bolsonaro já indicou que simpatiza com a ideia de expandir o Supremo. Lula nunca foi tão longe.

EREMILDO, O IDIOTA

Eremildo é um idiota e tem um fraco por bandidos desde o milênio passado, quando o assaltante Lúcio Flávio ensinou que "bandido é bandido, e polícia é polícia".

Com tantos maganos prometendo combater a corrupção, o cretino acha que deveria ser organizada alguma homenagem aos assaltantes que levaram o carro da senhora Rosyneide Cordeiro, em Cariacica (ES), há uma semana.

Ela estava com suas duas crianças e os bandidos mandaram que saíssem do veículo, levando-o. No carro, estava a cadeirinha especial do menino Kauã, de 4 anos, avaliada em R$ 17 mil. Dois dias depois, o carro foi devolvido, com um bilhete:

"O crime pede perdão. Na hora da tensão não deu para ver o problema da criança. E o carro está sendo devolvido."

CNJ ENGARRAFADO

No dia 12, a ministra Rosa Weber assumirá a presidência do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça. No CNJ, ela encontrará uma fila de algo como 200 processos esperando julgamento.

Sem maiores esforços, poderá zerar essa conta em três meses.

Limpará a pauta e mostrará a que veio.

MORO E OS PARTIDOS

O ex-juiz Sergio Moro diz que deixou o partido Podemos porque pretendia auditar suas contas e a proposta não andou. Vá lá.

O partido rebateu mostrando as notas fiscais que ele apresentou, pedindo reembolso de R$ 45 mil. Listava a compra de roupas, inclusive bermudas, além de uma despesa com alfaiate.

Se ele tivesse achado notas fiscais desse tipo no sítio de Atibaia, pobre Lula.

Como juiz na Vara de Curitiba, Moro conheceu à saciedade as vísceras dos partidos políticos nacionais.

Como dizia Guimarães Rosa, em geral são casas onde homens sérios entram, mas por lá não passam.

LULA SE MEXEU ANTES

Bolsonaro deixou passar a primazia na condenação da tentativa de assassinato da ex-presidente argentina Cristina Kirchner. Logo ele, que há quatro anos correu risco de morte ao tomar uma facada em Juiz de Fora.

Lula pulou na frente condenando o atentado, atribuindo-o a um "criminoso que não sabe respeitar divergências e a diversidade".

A iniciativa era conveniente, até porque o cidadão que empunhava a pistola é brasileiro.

DEMOFOBIA

Aqui e ali aparecem comentários que especulam sobre a adesão dos brasileiros mais pobres a Bolsonaro por causa do dinheiro do Auxílio Brasil.

É um raciocínio lógico, contaminado por uma pitada de demofobia.

Lula ganhou prestígio popular com o Bolsa Família, mas em seus oito anos de governo aumentou o salário mínimo, alavancou as cotas nas universidades, fez o Prouni e estimulou a agricultura familiar.

DIREITO DE RESPOSTA

Direito de resposta em cumprimento à condenação imposta à Editora Globo nos autos do processo nº0002003-81.2009.8.19.0009 ajuizado por Vantuil Marques Chiapini em face da Editora Globo, em curso perante à Comarca de Bom Jardim

- VANTUIL FOI VEREADOR DO PPS, ELEITO EM 2000 COM 492 VOTOS E EM 2004 COM 377 VOTOS;
- AS DUAS LAVRADORAS ENTREVISTADAS NÃO CITARAM O NOME DE VANTUIL;
- VANTUIL NÃO RESPONDE A QUALQUER PROCESSO PENAL OU ADMINISTRATIVO, CONFORME CERTIDÕES EM SEU PODER;
- VANTUIL NUNCA FOI ADJUNTO DA CHEFIA DO INSS EM BOM JARDIM;
- QUEM APARECE DE TERNO NA FOTO É O EX-VEREADOR VANTUIL;
- O EX-VEREADOR VANTUIL NUNCA SE ENVOLVEU EM FRAUDES DE BENEFÍCIOS OU QUALQUER ILÍCITO PENAL.

Governistas lideram eleições gaúcha e capixaba, diz Ipec

Ex-governador, Leite (PSDB) cresce no Sul; no ES, Casagrande (PSB) pode vencer em primeiro turno

BERNARDO MELLO
bernardo.mello@infoglobo.com.br

Pesquisas divulgadas pelo Ipec na noite de sexta-feira apontaram vantagem dos candidatos da situação aos governos do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), e do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB). Em ambos os estados, as corridas ao Senado, por outro lado, apresentam empates na liderança. Os levantamentos têm margem de erro de três pontos.

Leite, ex-governador que renunciou em abril e decidiu posteriormente concorrer a novo mandato, lidera a disputa gaúcha com 38% das intenções de voto, segundo o Ipec — seis pontos a mais do que na pesquisa anterior do instituto, divulgada em 15 de agosto. Candidato a governador apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro no estado, o ex-ministro Onyx Lorenzoni (PL) também cresceu, cinco pontos, e se consolidou em segundo, com 24%. O petista Edegar Pretto, apoiado pelo ex-presidente Lula, tem 9%, e está tecnicamente empatado em terceiro com Luis Carlos Heinze (PP), que tem 6%.

Na corrida ao Senado, Olívio Dutra (PT) e Ana Amélia (PSD) oscilaram positivamente dentro da margem de erro e aparecem tecnicamente empatados, com 28% e 25%, respectivamente. O vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) também oscilou para cima, e tem 18%.

Já na eleição capixaba, que teve sua primeira pesquisa divulgada pelo Ipec, o atual governador Casagrande aparece com 56% das intenções de voto, resultado que lhe daria vitória no primeiro turno. Carlos Manato (PL), candidato do palanque bolsonarista, aparece distante na segunda colocação, com 19%.

A disputa pelo Senado no Espírito Santo tem o ex-senador Magno Malta (PL), aliado de Bolsonaro, e a atual senadora Rose de Freitas (MDB), que busca novo mandato na chapa de Casagrande, empatados com 27% das intenções de voto.

Em ambos os estados, Lula aparece com 42% das intenções de voto à Presidência. O desempenho, numericamente superior ao de Bolsonaro — que tem 34% entre os gaúchos e 39% entre os capixabas —, é mais estreito do que o quadro nacional, no qual o petista aparece com 44% contra 35% do atual presidente, segundo o Ipec.

ELEIÇÕES 2022

Viradas no 1º turno ocorreram em 10% dos casos

Em 50 eleições desde a redemocratização, à Presidência e nos dez maiores colégios eleitorais, líder nas pesquisas a um mês do pleito manteve o posto em nove a cada dez disputas. Witzel, Alckmin, Zema, Sartori e Camilo foram os 'azarões'

NICOLAS IORY
nicolas.econmoto.rpa@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Arrancadas a cerca de um mês da votação em primeiro turno são eventos raros. Nas 50 eleições para governador e presidente analisadas desde 1989 pelo GLOBO, em só cinco ocasiões um candidato que não liderava as pesquisas de intenção de voto em setembro conseguiu ser o mais votado no primeiro domingo de outubro. Todas elas ocorreram em disputas estaduais: na corrida ao Planalto, todos os que apareciam em primeiro, ainda que em situação de empate técnico com outro nome, confirmaram o favoritismo nas urnas.

O levantamento teve como base 42 pesquisas feitas nos dez estados com os maiores colégios eleitorais do Brasil nos últimos 28 anos. Os dados foram comparados com os resultados das votações no primeiro turno. A mesma análise foi feita com oito pesquisas nacionais para cada uma das eleições presidenciais desde 1989.

Nos estados, foram considerados levantamentos do Datafolha e do antigo Ibope feitos em setembro do ano eleitoral.

Nas poucas vezes em que o líder em intenções de votos acabou superado nas urnas, o responsável pela façanha foi eleito governador. O primeiro a alcançar esse feito foi Geraldo Alckmin na eleição paulista de 20 anos atrás. Então candidato pelo PSDB, o hoje vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) era citado por 25,4% dos eleitores em setembro de 2002, mas teve 38,3% dos votos válidos no primeiro turno.

Alckmin deixou para trás Paulo Maluf, do PPB (hoje PP). O então líder nas pesquisas ficou fora até mesmo do segundo turno (foi ultrapassado também por José Genoino, do PT), situação que se repetiu só uma vez nos estados com pesquisas analisadas pelo GLOBO. No Rio Grande do Sul, Ana Amélia (à época no PP) foi superada em 2014 por Tarso Genro (PT) e José Ivo Sartori (PMDB), que viria a ser eleito.

Além de Alckmin e Sartori, conseguiram a virada no primeiro turno Camilo Santana (PT) no Ceará (2014), Romeu Zema (Novo) em Minas Gerais (2018) e Wilson Witzel (então no PSC) no Rio de Janeiro (2018).

Witzel foi o caso mais emblemático. O ex-juiz era citado por 1,5% dos entrevistados pelo Datafolha em setembro de 2018. Cresceu ao colar sua imagem à de Jair Bolsonaro e terminou o primeiro turno com 41,28%, mais que o dobro do segundo colocado, Eduardo Paes. Witzel foi eleito e sofreu impeachment um ano e oito meses após a posse.

O cientista político Alberto Carlos Almeida lembra que as pesquisas de intenção de voto não têm o objetivo de prever o resultado das eleições e que ações dos candidatos mudam o cenário de modo contínuo. Mas considera que os dados levantados a partir do Centro de Estudos e Opinião Pública (Cesop) da Unicamp refletem o comportamento da maioria de decidir cedo seu candidato a governador. A eleição de 2018, avalia, foi "excepcional":

— O fim das doações de empresas tornou mais difícil o crescimento de um terceiro nome, porque antes eles atraíam mais recursos assim que subiam nas pesquisas. Agora quem já começa grande se mantém. A não ser em contextos específicos, como o de 2018, em que havia um desejo de ir contra o sistema — diz o autor do livro "Erros nas pesquisas eleitorais e de opinião".

Para Sérgio Praça, pesquisador da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, a indicação de que um candidato lidera a disputa pode seduzir mesmo quem não tem afinidade com seu nome:

— O viés de confirmação também influencia. A pessoa pode gostar mais de um candidato, mas vota em outro porque esse tem mais chances de derrotar alguém de quem ela não gosta. Acaba sendo mais atraente participar da vitória.

EDILSON DANTAS/18-02-2020
Witzel. Ex-governador do Rio teve a maior virada

EDILSON DANTAS/14-04-2022
Alckmin. Primeiro a alcançar o feito, em São Paulo

DIVULGAÇÃO/LUIS IVO
Zema. Governador de Minas surpreendeu em 2018

1,5%
era o índice de Wilson Witzel nas pesquisas em setembro de 2018
Candidato no Rio decolou ao ligar imagem à de Bolsonaro

REPRODUÇÃO

Um aceno aqui... Ceciliano, com adesivo vermelho, ao lado do prefeito do Rio, Eduardo Paes, e de Rodrigo Neves (PDT)

REPRODUÇÃO

... e outro ali. Nas redes, aliados de Castro, como o deputado Max Lemos (PROS), aproximam petista do governador

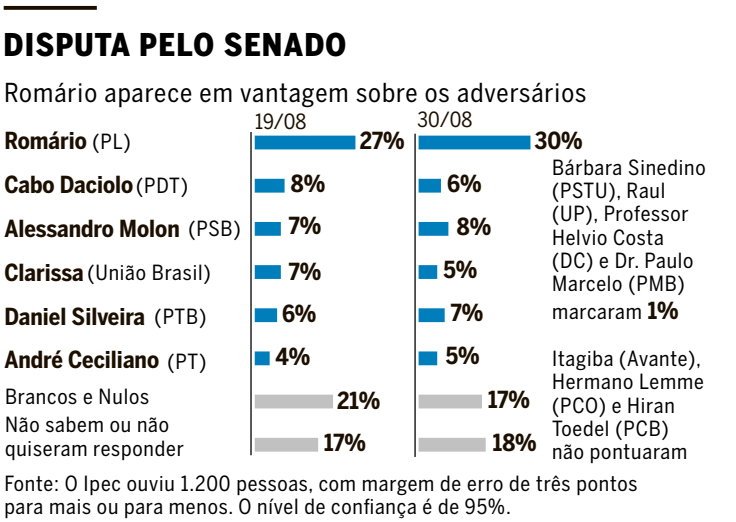
Embolado, Ceciliano acena a Castro e Neves

Candidato petista ao Senado, que tem explorado apoio de Lula na campanha, busca ampliar alianças com oponentes de Freixo. Molon (PSB), que também disputa eleitorado à esquerda e empata em segundo, mira na classe artística

LUCAS MATHIAS
lucas.mathias@oglobo.com.br

Sem conseguir até agora chegar a dois dígitos de intenções de voto na corrida ao Senado pelo Rio, o candidato do PT, André Ceciliano, que tem apostado na associação ao ex-presidente Lula (PT) na propaganda eleitoral, busca ampliar suas alianças para crescer. Ceciliano, embora apoie oficialmente o candidato do PSB ao governo, Marcelo Freixo, tem se cercado de aliados próximos ao governador Cláudio Castro (PL) e ao prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSD), que apoia a candidatura de Rodrigo Neves (PDT).

Ceciliano já esteve presencialmente em ao menos dois eventos eleitorais com Castro, com quem estabeleceu proximidade como presidente da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). Embora evite posar com Castro, Ceciliano tem visto aliados usarem sua imagem junto à do governador mesmo quando não está presente.

Nas últimas semanas, Ceciliano também se juntou a Neves em agendas organizadas por Laura Carneiro (PSD), aliada de Paes e candidata a deputada federal, e por candidatos do PSD à Alerj. Paes, que não oficializou sua preferência para o Senado, chegou a acenar no início da campanha com um apoio a Alessandro Molon (PSB), que disputa o eleitorado mais à esquerda com Ceciliano. Na última pesquisa Ipec, Molon e Ceciliano apareceram tecnicamente empatados, com 8% e 5%, respectivamente. Ambos estão embolados ainda com Daniel Silveira (PTB), com 7%, Cabo Daciolo (PDT), com 6%, e Clarissa Garotinho (União), com 5%. Segundo o Ipec, Romário (PL) lidera com 30%.

DISPUTA PELO SENADO

Romário aparece em vantagem sobre os adversários

Fonte: O Ipec ouviu 1.200 pessoas, com margem de erro de três pontos para mais ou para menos. O nível de confiança é de 95%.

Apesar de Castro apoiar formalmente Romário, aliados de sua coligação, como o deputado estadual Max Lemos (PROS), o ex-deputado Marco Antônio Cabral (MDB), filho do ex-governador Sérgio Cabral, e o ex-prefeito de São João de Meriti Sandro Mattos (Solidaridade) têm publicado nas redes sociais imagens de Ceciliano junto ao governador.

Ontem, numa agenda que reuniu Paes, Neves e Ceciliano na Zona Norte do Rio, o candidato do PT ao Senado elogiou a gestão do postulante do PDT na prefeitura de Niterói, e disse "não ter dúvidas de que ele vai fazer o mesmo no estado". Ao mesmo tempo, o deputado estadual Chico Machado (Solidariedade) anunciava uma agenda de sua campanha à reeleição em Macaé com as imagens de Castro e do petista.

Ao GLOBO, Ceciliano argumentou que "a política tem dinâmica própria" e, por isso, "é impossível controlar" o uso de sua imagem.

— Nunca mudei minha posição política por isso. A prioridade é a eleição do presidente Lula, e em segundo a minha eleição.

Molon, por sua vez, aposta no apoio da classe artística na tentativa de crescer nas pesquisas. Amanhã, o Circo Voador receberá um show de arrecadação de recursos para a campanha do candidato do PSB, com nomes como Caetano Veloso, Maria Gadú e Pretinho da Serrinha.

NA WEB
LEVANTAMENTO DO MAPBIOMAS
Reflexos do desmatamento
Amazônia perdeu 14,5% de superfície de água nos últimos 20 anos

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

TRÊS ANOS DE ESPERA POR DIREITO

Soropositivos ainda lutam para reabilitar aposentadorias cassadas

GUITO MORETO

LUCAS ALTINO
lucas.altino@oglobo.com.br

Três anos após a promulgação da lei que garante isenção de revisão de aposentadorias por invalidez para portadores de HIV, cerca de 3.500 pessoas ainda lutam para reabilitar seus benefícios, suspensos após pente-fino do INSS. Em 2017, uma portaria do governo federal determinou a realização de perícias de revisões para beneficiários de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, o que resultou na cassação de milhares de pagamentos. No caso dos portadores de HIV, associações se empenharam em mostrar que a doença traz sequelas crônicas e, em 2019, uma nova lei passou a isentar as revisões para pessoas nessa condição.

Quem já havia perdido o benefício antes da aprovação da lei, no entanto, seguiu na batalha judicial para recuperar o direito. A Turma Nacional de Uniformização de Jurisprudência (TNU) julgou que a Lei Renato da Matta, como foi batizada a legislação, em homenagem ao ativista da causa, não teria efeito retroativo. Mas também foi decidido que pessoas que, até a data da promulgação do texto, ainda recebiam a chamada Mensalidade de Recuperação — o prolongamento do pagamento do benefício por 18 meses após a cassação — continuavam cobertas da isenção e, portanto, deveriam permanecer aposentados. Mesmo assim, o INSS não reabilitou a maioria dessas aposentadorias.

— Não estamos falando de jovens, mas de aposentados há 30, 40 anos. Os chamamos de sobreviventes da Aids, porque viveram numa época em que os poucos medicamentos existentes eram extremamente tóxicos, e causavam envelhecimento precoce e várias sequelas. Nas revisões, peritos do INSS viam baixa carga viral em alguns exames de sangue e davam alta — explica a advogada Patricia Diez Rios, que cuidou de muitas ações de pessoas contestando as cassações. — Muita gente foi parar na rua ou abandonou tratamento. É uma bola de neve enorme.

Muitos dos casos culminaram em ações judiciais. Houve sentenças favoráveis, mas a maioria seguiu sem o direito garantido.

Em 2020, o Ministério Público Federal do Rio Grande do Sul entrou com uma ação para reativar todas as aposentadorias cassadas. Há quatro meses, um acórdão da Justiça Federal determinou o retorno do benefício a quem recebia a Mensalidade de Recuperação até a promulgação da lei, um grupo estimado, por associações que militam no tema, estimado em 3.500 pessoas.

O INSS interpôs embargos de declaração, e o processo segue em trâmite. A Justiça entendeu que é preciso aguardar o prazo de 60 dias úteis antes de fazer valer o acórdão. A procuradora federal Ana Paula Carvalho de Medeiros, responsável pela ação, afirmou que se a medida não for cumprida após o prazo, será exigida a execução judicial em novo pedido.

— Várias pessoas que perderam o benefício nos procuraram. Eram pessoas com dificuldade muito grande de se reinserir no mercado de trabalho, por todas as questões que vivem. Para a pessoa estar aposentada por invalidez, ela já passou por auxílio doença, o que demonstra que a saúde é debilitada, e o legislativo reconheceu que portadores de HIV não deveriam se submeter a essas revisões — diz a procuradora.

Procurado, o INSS não se manifestou e não informou dados sobre a quantidade de aposentadorias cassadas.

VIDAS NO LIMBO

Morador de Porto Alegre, Roberto Ackermann espera que a ação do MPF consiga reaver sua aposentadoria, cassada em 2018 numa das fases do pente-fino. Diagnosticado com HIV em 1990, ele conseguiu trabalhar até 2005, quando começou a notar problemas de locomoção no serviço como perito de sinistro.

— Eu sentia muitas dores na perna e não sabia o que era. Um dia, a perna não obedeceu, e eu bati de carro atrás de um ônibus. Sorte que estava devagar — lembra Ackerman, de 56 anos, que segue tomando o coquetel de remédios e tem a carga viral hoje controlada.

Após o acidente, ele passou por exames e então foi descoberta uma doença desmielinizante — que ataca o sistema neurológico — posteriormente confirmada como esclerose múltipla, distúrbio decorrente do HIV. Ackermann passou dois anos recebendo auxílio doença, mas em 2007 a perícia retirou o benefício. Ele entrou na Justiça e, em 2008, sua aposentadoria por invalidez foi determinada.

Dez anos depois, na revisão do benefício, Ackermann conta que a consulta durou apenas cinco minutos. Cinco minutos para a avaliação de corte da aposentadoria. Ackermann diz que o INSS não o encaminhou para o setor de reabilitação profissional, medida adotada em outros casos de "curados". Ele acionou novamente a Justiça. Perdeu.

> Há 4 meses, a Justiça Federal determinou o retorno do benefício a quem o recebia até a promulgação da lei

Com a Lei Roberto da Matta, ele voltou a pleitear o direito, mas a justiça considerou que a causa era de "coisa julgada", ou seja, mesmo assunto da ação anterior, e não foi possível novo processo.

— Estou no limbo, vivo com muita dívida e recebo ajuda de amigos. A sorte é que tenho um apartamento, no momento com um quarto alugado, mas vou precisar vender. Não tenho condição de trabalhar, se eu caminhar, sinto muitas dores — explica Ackermann, que também desenvolveu depressão grave. — Parei de tomar o antidepressivo por falta de dinheiro, e só sigo com o tratamento com infectologista no SUS.

O "limbo" citado por Ackermann é ainda mais grave no caso de Fernanda Falcão, de 59 anos. Mesmo tendo recebido auxílio-doença por oito anos, ela nunca conseguiu a aposentadoria por invalidez e ficou sem nenhum dos benefícios, após o pente fino de 2017.

— Estou vivendo de rifa, de ajuda de amigos. Só quero meu direito à saúde, sigo todo tratamento, me cuido, mas tem dias que meu corpo não aguenta — explica Falcão, que chegou a recuperar o auxílio por um ano, em 2020, por decisão judicial, mas que foi revertida ano passado.

— Já fiz trocentas mil perícias. Não te olham como ser humano, só te encaixam numa tabela — diz.

Jornalista de formação, ela está fora do mercado de trabalho desde 2011, quando os efeitos dos medicamentos viraram um entrave. Naquele ano, através da Justiça, já que o INSS não concedeu o benefício de imediato, ela conseguiu receber o auxílio doença.

— Me aposento, por idade, em 2024, mas como vou sobreviver até lá? São 11 anos fora do mercado de trabalho e muitos dias acordo mal, por efeitos do remédio.

CUSTO SOCIAL

Soropositivo e ativista da causa, Renato da Matta hoje trabalha na gerência de Aids da Secretaria municipal de Saúde do Rio. Após receber auxílio doença por seis anos, ele teve alta e não conseguiu sua aposentadoria por invalidez. Apesar de celebrar que sua lei conseguiu recuperar o benefício de muitas pessoas, ele lamenta que outros tantos ainda enfrentem um calvário.

— O pente-fino pegou gente aposentada há 25 anos. Como a pessoa fora do mercado há tanto tempo, arrebentada pelo tratamento, vai voltar ao emprego? Não houve essa preocupação — protesta da Matta, que diz ser um "absurdo" precisar redigir uma lei "óbvia".

Ele afirma que a supressão do benefício trouxe estrago e custo social enormes:

— Muita gente morreu após perder benefício, até por suicídios. Alguns tiveram falha terapêutica porque não tomavam mais remédio, e outros ficaram sem renda para comer. É uma economia burra, porque o custo que o INSS coloca em cada recurso judicial e os gastos do estado com UTI são maiores do que se pagassem as aposentadorias.

Nome de lei. Soropositivo, Renato da Matta também teve benefício retirado e hoje trabalha na gerência de Aids da Secretaria municipal de Saúde do Rio

> *"Não estamos falando de jovens, mas de aposentados há 30, 40 anos, que viveram numa época de medicamentos extremamente tóxicos*
>
> **Patricia Rios,** advogada que tocou ações contra cassações

> *"Estou no limbo, vivo com dívida e recebo ajuda de amigos. Não tenho condição de trabalhar. Se eu caminhar, sinto dores*
>
> **Roberto Ackermann,** soropositivo e com sequelas graves

> *"O pente-fino pegou gente aposentada há 25 anos. Como a pessoa fora do mercado tanto tempo, arrebentada pelo tratamento, volta?*
>
> **Renato da Matta ,** soropositivo e ativista

CHICO OTAVIO
chico@oglobo.com.br

Eram os britânicos heróis destemidos ou meros mercenários ambiciosos?

Centrais para unificar o país, estrangeiros contratados por D. Pedro I foram criticados por brutalidade contra os primeiros brasileiros

Um contratempo interrompeu John Pascoe Grenfell quando o oficial inglês ditava um relatório ao Comando Naval no Rio sobre as operações da frota brasileira na Guerra da Cisplatina (atual Uruguai), em 1826. Dias depois, justificaria o atraso: a bordo da nau "Caboclo", ele fora obrigado a interromper o relato após levar um tiro que o faria perder a mão direita.

Eram assim, relatam especialistas no tema, os militares britânicos que combateram, remunerados, sob as ordens de D. Pedro I nos primeiros anos após a declaração de Independência do Brasil: corajosos, impassíveis, experientes e ambiciosos.

O historiador Nélio Galsky, que em 2006 apresentou na UFF a tese de mestrado "Mercenários ou libertários: as motivações para o engajamento do Almirante Cochrane e seu grupo nas lutas da Independência do Brasil", defende que o país não teria os atuais contornos sem a ação dos britânicos, especialmente nas costas da nova nação, com uma Marinha ainda em formação e focos de resistência à Corte do Rio de Janeiro concentrados nas províncias do Nordeste e do Norte.

Autoridades navais e outras correntes da historiografia, no entanto, discordam. E os enxergam como piratas regulamentados, cujo interesse central era o de enriquecer com a prática do corso contra navios e bens dos adversários vencidos.

Encabeçados pelo escocês Thomas Cochrane, veteranos da Royal Navy e da Companhia das Índias migraram para a América Latina interessados em participar das lutas de emancipação contra as tropas portuguesas e espanholas. O motivo era menos idealista do que prático: eles se opunham às medidas tomadas pelo governo britânico, após as Guerras Napoleônicas (1803-1815), para enquadrar os oficiais da Marinha, avessos à hierarquia e disciplina, entre elas justamente o fim da prática do corso.

BRASIL SERIA 40% MENOR

Nomes como Cochrane, o Comandante Grenfell e o capitão John Taylor foram decisivos nas Guerras de Independência, entre 1822 e 1824, aponta Galsky, especialmente contra as resistências nas então províncias da Bahia, Maranhão e Pará, com guarnições fiéis a Lisboa. Sem eles, alguns historiadores preveem que o Brasil poderia ter perdido até 40% do atual território, cindido por províncias interessadas em manter o vínculo com Portugal.

— No Chile, onde combateu contra os espanhóis, Cochrane dá nome a um navio. Aqui, nada. A Marinha nunca batizou um de seus navios com nomes dos oficiais britânicos. E eles foram tão heróis na Cisplatina e na unificação do Brasil, por exemplo, quanto o Duque de Caxias *(patrono do Exército brasileiro)* e o Almirante Tamandaré *(patrono da Marinha brasileira)* — lamenta Nélio Galsky.

A comemoração do Bicentenário da Independência, crê o historiador, oferece oportunidade para rever esta percepção. Ele não exclui em seu raciocínio o fato de que os britânicos tinham interesse em ficar com os bens inimigos, razão pela qual são classificados como mercenários, mas sustenta que alguns deles, como John Taylor e o Comodoro Bartholomew Hayden, irlandês, por exemplo, acabaram constituindo família no Brasil. Grenfell foi inclusive representante diplomático do país no Reino Unido. E Cochrane recebeu da monarquia o título de Marquês do Maranhão.

"Eles foram tão heróis da unificação do Brasil quanto o Duque de Caxias e o Almirante Tamandaré"

Nélio Galsky, historiador

"Eles eram mercenários. Saíram pelo mundo com o propósito de ganhar dinheiro"

Armando de Senna Bittencourt, ex-diretor do Patrimônio Histórico da Marinha

Embora Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, tenha iniciado a carreira como oficial da fragata Niterói, comandada à época por John Taylor, na qual participou diretamente dos conflitos contra a frota portuguesa em 1823, a Marinha trata com cautela o papel dos britânicos na formação da doutrina naval nacional. Procurado, o Centro de Comunicação Social da força informou que não abordaria o assunto.

Ex-diretor do Patrimônio Histórico da Marinha, Armando de Senna Bittencourt, almirante reformado, reconhece que os britânicos eram "grandes marinheiros". E que supriram uma carência das forças brasileiras, mas que não vieram ao Brasil por patriotismo:

— Não há dúvida de que eram mercenários. Saíram pelo mundo com propósito de ganhar dinheiro. A Marinha reconhece a importância deles, mas não incentiva uma adoração por Cochrane, por exemplo, como a para o Tamandaré, quase deificado na frota.

A visão crítica, que inclui narrativas sobre o caráter especialmente violento das ações dos britânicos, encontrou acolhida em correntes da historiografia. O professor Nelson Werneck Sodré (1911-1999), em "Formação histórica do Brasil", escreveu que, nos conflitos após o Grito do Ipiranga, coube à Marinha, então improvisada, reprimir as "zonas insubmissas, sob comando, inclusive, de expedições punitivas de chefes estrangeiros, autênticos mercenários, cuja brutalidade nas ações policiais deixa sulco profundo na história da nossa gente".

Entre os argumentos que oferece para a revisão desses conceitos, Nélio Galsky destacou que, apesar dos interesses financeiros, os oficiais britânicos investiram em um forte laço de fidelidade com os comandados. O historiador citou um episódio no Chile, no qual um marinheiro caiu no mar e Cochrane mergulhou para salvá-lo.

— Na era do corso, em que os navios passavam muitos meses navegando, os oficiais precisavam criar laços com a tripulação. Uma das razões era evitar o motim, mas de fato havia essa forte relação entre eles — diz.

De fora. Cochrane foi contratado para comandar a s forças navais de Pedro I

BLEFE EM SÃO LUÍS

Sem o Almirante Cochrane, afirma Galsky, o Brasil não teria conquistado as províncias do Maranhão e do Pará. No Maranhão, ele usou o blefe como tática em julho de 1823. Cercou o porto e alertou que aguardava a chegada de mais 20 navios, que bombardeariam São Luís se as autoridades não se rendessem à frota imperial. Na dúvida, o governo local jogou a toalha, ato decisivo para o fim da resistência local.

O descompromisso dos oficiais britânicos com suas origens também foi demonstrada, pontua Galsky, em episódios singulares. Nas campanhas do Chile e do Peru, por exemplo, eles comandaram ataques a navios ingleses que levavam alimentos para tropas espanholas. E na Guerra da Cisplatina, enfrentaram uma frota argentina reforçada por marinheiros e oficiais, também britânicos, contratados pelo país vizinho.

— Era, naquela ocasião (e com oficiais britânicos lutando dos dois lados), quase uma guerra civil — brinca o historiador.

Ao final dos embates, a fatura era cobrada. Enquanto os países da Europa Ocidental firmavam, em raros tempos de paz no Velho Continente, novos acordos legais para enquadrar suas Marinhas, os veteranos britânicos compreenderam a instabilidade no cenário latino-americano como oportunidade para fazer negócios, defendendo inclusive o direito a saquear as suas presas. Alguns, relatam os historiadores, chegaram a firmar contratos específicos antes de iniciar combates. Duzentos anos depois, seus legados para o país que surgia segue em saudável discussão.

Economia

NA WEB

NUNCA TE VI, SEMPRE TE AMEI

Carro da Apple é objeto de desejo

Veículo ainda nem existe, mas pesquisa mostra que 26% das pessoas comprariam

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

ROBERTO MOREYRA

Gostinho de novidade. Sálua Bueno é sócia da Amélie Crêperie e criou o Juliette Bistrô na pandemia. Setor investiu em digitalização e busca profissionais com um olhar no salão e outro nas vendas on-line

MENU, POR FAVOR?

O NOVO RESTAURANTE

Setor volta a investir, contratar e busca conciliar toque pessoal e venda on-line

RAPHAELA RIBAS
raphaela.ribas@infoglobo.com.br

Com a reabertura da economia, o brasileiro voltou a sair para trabalhar, fazer compras e... comer. Depois de dois anos de pandemia, saem de cena as receitas de pão caseiro na porta da geladeira e se multiplicam as opções de menus, que podem ser degustados no restaurante ou em casa. É uma virada de chave para os bares e restaurantes, setor que foi duramente afetado, com fechamentos, demissões e dívidas, e que agora espera encerrar o ano com alta de 5% no faturamento em relação a 2021 e de 8% na comparação com 2019, período anterior à pandemia, segundo a Abrasel, associação que representa a categoria.

O hábito de apreciar uma refeição em que não foi preciso listar e comprar ingredientes ou arear as panelas depois deve ganhar mais força neste segundo semestre, com a injeção de recursos na economia do Auxílio Brasil, a Copa do Mundo, a volta do turismo e a desaceleração nos preços. Para as empresas, é hora de "botar água no feijão", contratar e investir. Com a demanda maior, o setor conseguiu, em julho, reajustar preços em linha com a inflação pela primeira vez, diz a Abrasel. Até o fim do ano, 35% das empresas pretendem contratar, com perspectiva de criação de cem mil vagas. Com isso, seria possível zerar o 1,3 milhão de demissões feitas na pandemia.

Mas para fisgar a clientela, que se acostumou com a velocidade e comodidade das compras on-line, não basta mais apenas oferecer sabor e preço compatível. É preciso apostar em digitalização e mão de obra capacitada.

— Foi um choque cultural muito grande (a digitalização) — afirma Sálua Bueno, sócia da Amélie Crêperie, que somou mais três unidades às cinco existentes no Rio, e da Juliette Bistrô, criada na pandemia, e que hoje tem três lojas. — Havia resistência dos funcionários e dificuldade em aprender porque é diferente quando se atende à mesa e pela tela. Se houver um problema no pedido, você se desculpa pessoalmente e, com simpatia, resolve na hora. No delivery, tem que ter mais habilidade porque a tela é mais fria.

A empresária tem planos para novos restaurantes em 2023 e em outras cidades, além disso contratou 39 profissionais recentemente. Para ela, o perfil da mão de obra requer agora mais agilidade e foco multiatenção, com um olho no salão e outro nas vendas on-line.

EDILSON DANTAS

Contrata-se. Edrey Momo é sócio de 11 pizzarias e tem 15 vagas abertas, com previsão de mais dez até o fim do ano

INVESTIMENTO EM PESSOAL

O sinal adiante é positivo, mas os empresários ainda acertam as contas da fatura deixada pela pandemia. Segundo Sálua, a meta é compensar o aperto financeiro daquele período, no qual foi necessário recorrer a recursos do Pronampe, a linha de crédito emergencial.

Bruno Catão, sócio de sete estabelecimentos, entre pizzarias e restaurantes em Recife, Pernambuco, saiu do vermelho em março e agora se considera no empate:

— Estamos na fase de recuperação financeira. O setor foi muito afetado pela redução de fluxo de pessoas e pelo aumento de gastos, mas agora vemos luz no fim do túnel.

Segundo Paulo Solmucci, presidente da Abrasel, os novos negócios já apontam que a retomada alcança resultados pré-pandemia:

— Foram fechadas 335 mil empresas na pandemia, mas, nos últimos 12 meses, 520 mil novos negócios surgiram. Destes, 85% são MEIs,o que ressalta o empreendedorismo por necessidade, e 10% são de grande porte, o que reforça o crescimento do setor.

Em São Paulo, o empresário Edrey Momo, sócio de 11 pizzarias, dois restaurantes e uma padaria, vê melhora ao alcançar números pré-pandemia. Mesmo com o regime híbrido, há fluxo e tíquete médio maiores, diz. Este ano, abriu uma *dark kitchen* e 15 novas vagas, com previsão de mais dez até dezembro. As preocupações são a inflação e a mão de obra, até mesmo a básica:

— Falta gente para cozinha. Não tem cozinheiro, ajudante, garçom, e o que tem está muito "cru".

Em Copacabana, no Rio, abriu recentemente o Kinjo, que mescla comida peruana e japonesa, a mais nova marca do chef Marco Espinoza, que já tem outras sete. São 15 operações entre Rio, Brasília e São Paulo, e o empresário planeja abrir outros sete endereços nessas cidades:

— O Rio é um mercado muito forte pelo turismo, há demanda, e nossa proposta é diferenciada. Temos uma equipe estrangeira.

O quadro de funcionários ao qual ele se refere é treinado no Peru por uma empresa criada pelo grupo ano passado para preencher a lacuna de cargos como chefs, cozinheiros, barman e gerente no Brasil. A dificuldade de Espinoza é um retrato do mercado, que busca profissionais com novo perfil.

Espinoza está trabalhando com um novo software para organizar as tarefas de cada loja, mensurar rentabilidade por metro quadrado, valor do aluguel, número de funcionários e auxiliar o controle dos pedidos na cozinha.

— O funcionário demandado hoje é mais digital. Com a venda em vários canais on-line, inclusive na mesa, e o cliente usando a internet para consultar, fazer compra e interagir, tem que saber mexer nos aplicativos — avalia Solmucci.

TECNOLOGIA PARA MIMAR

A rede HNT, que tem lojas de frango frito em oito estados, também recorreu à tecnologia para se adaptar ao novo cenário. Segundo o sócio-fundador Dany Levkovits, o desempenho já supera os números pré-pandemia. E a expectativa é de alta, com os eventos do segundo semestre. Nos próximos meses, serão abertas mais seis lojas. A rede investiu em cursos gamificados para a equipe.

— Se o colaborador estiver na dúvida se um prato leva bacon ou não, ele pode consultar por um QR Code em um tablet que fica na cozinha como é a montagem do produto — explica Levkovits.

O empresário também é CEO da FoodsBrands, grupo que reúne oito operações em *dark kitchens*, e avalia que algumas das novas tendências são fazer o pedido a caminho do restaurante, sistema de fidelização e *cashback*. Para ele, os novos ingredientes tecnológicos só vão tornar a receita mais ao gosto do freguês, sem perder a relação com o cliente:

— A tecnologia dá dados, e com eles é possível ser assertivo para customizar o atendimento e mimar o cliente.

Pensando na qualificação de mão de obra, o chef Elia Schramm prevê abrir até o fim do ano uma escola no coração de Botafogo, Zona Sul do Rio. Durante o dia, serão oferecidas aulas gratuitas a moradores das comunidades, e à noite, cursos pagos com renomes da gastronomia brasileira:

— O curso de capacitação tem dois meses, sendo que no primeiro são as aulas e no segundo estágio, com restaurante parceiros, o que ajuda a viabilizar contratações.

Tecnologia e mão de obra qualificada podem ser aliados do setor no momento em que o brasileiro tenta equilibrar a vontade de consumir e o orçamento apertado. Segundo Hudson Romano, gerente sênior de consumo fora do lar da consultoria Kantar, o sanduíche ainda sai na frente na disputa com o prato completo, assim como o petisco e a cerveja, mais em conta.

— O valor consumido nos bares e restaurantes aumentou, mas não subiu o tíquete médio. Ou seja, gasta-se o mesmo por menos ou por um produto inferior — avalia. — Daqui para a frente teremos grandes efeitos no setor, e um deles é a Copa do Mundo, que será no verão e deve impulsionar o consumo.

"O funcionário demandado é mais digital. Com a venda em vários canais on-line, inclusive na mesa, e o cliente usando a internet para consultar, fazer compra, tem que saber mexer nos aplicativos"

Paulo Solmucci, presidente da Abrasel

"Foi um choque cultural muito grande (a digitalização)"

Sálua Bueno, sócia da Amélie Crepêrie e da Juliette Bistrô

MÍRIAM LEITÃO

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao
miriamleitao@oglobo.com.br
Com Alvaro Gribel (de São Paulo)

Visão dois pesos e duas medidas

Economista com preocupação fiscal que não vê o descalabro que é o governo Bolsonaro nesta área tem visão seletiva. O governo furou o teto várias vezes, pedalou precatórios, fez escolhas erradas, usou as crises como uma licença para gastar sem critério e armou bombas fiscais. Os erros cometidos pelo PT são explorados à exaustão por esses analistas, que, no entanto, não parecem se incomodar com os mesmos erros feitos agora. Neste espaço, sempre critiquei os rombos e distorções em governos petistas. Com a mesma régua, alerto para a herança que ficará da atual administração que vai pesar nos próximos anos.

As declarações do ministro Paulo Guedes, na quinta-feira, são emblemáticas da maneira como se administra as contas públicas. No mesmo dia em que exibiu seu ufanismo irrealista, ao dizer que o Brasil cresce mais do que a China, ele falou em decretar calamidade. O uso desse instrumento previsto nas leis fiscais brasileiras foi banalizado e virou licença para fugir de todo o ordenamento das contas públicas. Em julho, decretou-se emergência para fazer um aumento oportunista e eleitoreiro em benefícios sociais. Agora, o ministro acena com a calamidade para tentar sustentar o estelionato eleitoral que Bolsonaro já comete ao prometer manter o benefício nesse valor, mas não incluir no Orçamento.

Essa foi a principal reclamação do relator do Orçamento, senador Marcelo Castro (MDB-PI), ao receber o projeto orçamentário enviado pelo Executivo, na última semana: "Quem promete é candidato, ao presidente cabe propor. Por que ele não fez isso?" Tecnicamente, a resposta é que se colocar isso no Orçamento estoura o teto. O problema é que não encontrar uma saída orçamentária é uma confissão da equipe econômica de que aprovou um benefício apenas para ser usado na campanha. Ademais, o teto de gastos já foi desmoralizado várias vezes pela mesma turma.

O colunista Alvaro Gribel escreveu no meu blog sobre as sete armadilhas deixadas no Orçamento para o próximo governo, que, em resumo, são: não prevê despesas dadas como certas, faz projeções otimistas sobre arrecadação, adota renúncias fiscais inaceitáveis e confirma a pedalada dos precatórios, que já está virando bola de neve. A estimativa do Tesouro é que R$ 22,3 bilhões em precatórios não serão pagos este ano. No ano que vem, outros R$ 28,85 bilhões. Tudo somado, R$ 51 bilhões de esqueletos vão para o armário, e a conta continuará subindo ano após ano.

> ***Não faz sentido apontar os erros passados do PT na área fiscal e não fazer a mesma cobrança sobre a lambança do governo Bolsonaro nas contas públicas***

O governo aproveita o forte aumento da arrecadação para dizer que faz um ajuste fiscal sério. Não fez, e a prova é que o déficit volta ano que vem. O governo tem contado com receitas temporárias, como antecipação de dividendos, e tem se beneficiado de receitas de *commodities*, que são voláteis. Pelo lado das despesas, tem postergado despesas, fazendo ajustes na boca do caixa.

Para derrubar a inflação em período eleitoral, o governo federal abriu mão de impostos sobre combustíveis e escreveu no Orçamento que isso custará R$ 53 bilhões no ano que vem. Como sabem os bons economistas, renúncia fiscal é gasto. Nesse caso, regressivo e irracional, porque estimula o consumo de combustível fóssil. Além disso, impôs aos estados uma perda de arrecadação que já foi judicializada e virou suspensão do pagamento de dívida, gerando mais um nó federativo.

Contas públicas em desordem produzem efeitos colaterais que atingem principalmente os pobres. O Brasil viu isso no governo Dilma, quando as pedaladas viraram aumento de inflação, queda do PIB e alta do desemprego. O desequilíbrio fiscal sempre piora a vida dos mais pobres. Como na administração petista houve erros e acertos na área fiscal, é natural que o mercado financeiro e todos os economistas perguntem: quais serão as balizas fiscais que Lula pretende adotar caso confirme nas urnas o seu favoritismo nas pesquisas? O PT precisa explicar. Não é conversa de mercado, é preocupação real com a sustentabilidade de qualquer projeto econômico, social e político.

O que não faz sentido é apontar os erros passados do PT e não fazer a mesma cobrança sobre a lambança dos últimos anos. Bolsonaro desestabilizou o teto de gastos, usou decretos de calamidade e emergência como gambiarras para despesas sem controle e contratou várias distorções que amanhecerão na mesa do próximo presidente no dia seguinte ao da posse.

ENTREVISTA

Gustavo Werneck/ CEO DA GERDAU

Siderúrgica amplia venda de aço para novas fábricas de chips nos EUA, e executivo diz que preocupação do setor automobilístico com cadeia global de fornecimento crescerá também no mercado brasileiro

BRUNO ROSA E LUCIANA RODRIGUES economia@oglobo.com.br

'HÁ BUSCA POR DEPENDER MENOS DE FORNECEDOR EXTERNO'

DIVULGAÇÃO

Quando o público se despedir do Rock in Rio no próximo domingo, as 200 toneladas de aço do palco serão desmontadas para serem reaproveitadas como "um automóvel, um prédio", diz o CEO da Gerdau, Gustavo Werneck. A empresa tem na sucata seu principal fator de competitividade: 73% do aço produzido vem de reciclagem ou reflorestamento, o que garante volume de emissão de CO_2 de menos da metade da média da indústria siderúrgica mundial.

Depois de ajustar suas operações, reduzir dívidas e deixar alguns países, a empresa se prepara para um cenário de maior demanda por aço limpo. E aposta que a tendência de *onshore* — ou seja, a busca de fornecedores locais por grandes indústrias para fugir de nós nas cadeias logísticas globais —, já uma realidade nos EUA, chegará também ao Brasil.

Como vê o cenário global para 'commodities'? A guerra na Ucrânia e a crise na China vão afetar preços e demanda?

Uma verdade nós temos. O mundo vai ser cada vez mais volátil. Nosso principal pilar estratégico é a capacidade de readaptação. No cenário para o aço, nossa previsão é que os próximos dez anos serão melhores. A China não quer mais ser uma grande exportadora de aço. Há ainda a questão das emissões de CO_2, vai mudar o jogo global. Nos últimos sete anos, desalavancamos a empresa e deixamos vários países. Dá uma tranquilidade de que vamos conseguir passar pelo cenário de curto prazo, com a eleição e as questões que o Brasil terá de enfrentar do ponto de vista macroeconômico.

E quais são essas questões? Qual é o cenário para o Brasil?

O varejo da construção civil está estagnado desde junho de 2021. Ele cresceu muito no pós-pandemia com os incentivos do governo (o Auxílio Emergencial). Em compensação, na infraestrutura, com as parcerias público-privadas, há bastante demanda por aço.

Que setores estão mais aquecidos em infraestrutura?

O setor de saneamento é crescente, assim como o de energia renovável. Estamos muito alinhados também com o *onshore*, que é trazer para dentro de casa capacidades de produção que estavam em outros países. Temos visto muito nos EUA. Estamos vendendo bastante aço para empresas que estão construindo plantas de semicondutores e de chips.

> *"Reciclagem é o nosso DNA. Os clientes querem números auditados e planos concretos para redução de emissões"*

> *"A transformação digital é para resolver grandes ineficiências. Se não, você fica usando óculos de realidade virtual para problemas pequenos"*

No Brasil também há esse movimento de 'onshore'?

Aqui no Brasil tivemos muitos investimentos da Suzano, da Klabin e da própria Gerdau. Temos visto essa preocupação com a cadeia (de fornecimento global) no setor automobilístico, de ficar menos dependente de fornecedores externos. Talvez não tão significativo como nos Estados Unidos, mas o segmento automotivo é um bom exemplo do que virá nos próximos anos. Temos sido procurados para entregar soluções que não demandem componentes e peças do exterior. E existe a busca contínua por veículos cada vez mais leves e eficientes (que emitam menos CO_2). Somos grandes fornecedores no Brasil e EUA de aços longos, usados na suspensão do veículo e dentro do motor. Essa transformação (para um veículo menos poluente) não passa só pelo motor e bateria, mas pela configuração do carro como um todo.

E quanto a Gerdau está investindo nesses projetos?

No Brasil, o investimento em aços especiais é de R$ 1 bilhão somando Charqueadas (RS), Pindamonhangaba e Mogi das Cruzes (SP).

A matriz energética renovável do Brasil ajuda a atender à demanda por aço mais limpo?

Isso é um diferencial. É crescente a solicitação de clientes para saber qual é a nossa emissão de CO_2. Querem números auditados e planos concretos. O cliente não aceita se falo que emissões estarão zeradas em 2050, quer saber os próximos dez anos. Se eu não tiver isso, começo a ter dificuldade de atender a brasileiros e clientes globais.

A reciclagem entra nessa conta?

Reciclagem é o nosso DNA. Da reciclagem de sucata e do reflorestamento de eucalipto, produzimos 73% do aço da Gerdau. O setor no mundo emite em média 1,93 tonelada de CO_2 para cada tonelada de aço produzido. A nossa emissão auditada foi de 0,90 tonelada de CO_2 no ano passado. Esse é o grande ganho da reciclagem. O Brasil tem uma possibilidade enorme de ser visto como um país que leva a questão de emissão de CO_2 na sua indústria muito a sério.

A imagem ambiental do Brasil ficou arranhada no governo Bolsonaro. Isso afeta as empresas brasileiras?

Está faltando nisso tudo é vender melhor. Todos nós devemos trabalhar em conjunto. Não é questão só do governo. É uma questão do Brasil como um todo.

A empresa pretende ampliar o uso de gás nas fábricas?

Muito. O gás tem a possibilidade de reduzir a emissão e contribuir para a competitividade. A indústria brasileira, dos muros para dentro, é muito competitiva. Mas a gente perde saindo do portão com logística, portos e tributos. Nossas operações no Brasil e nos EUA são de tamanhos semelhantes. Temos 122 pessoas na Gerdau cuidando de tributos. São sete pessoas nos Estados Unidos e 115 no Brasil. Não tem sentido. O custo Brasil foi quantificado pelo movimento Brasil Competitivo em R$ 1,5 trilhão. É 22% do PIB.

É consenso entre economistas que será difícil reduzir a carga tributária diante do aumento dos gastos sociais.

A redução de impostos precisa ter clareza de como será a longo prazo. O que nós não defendemos neste momento de forma alguma é que se aumente a carga tributária. Ou seja, piorar aquilo que já é ruim. As reformas, como a trabalhista e a Lei da Terceirização, ajudaram na melhoria de nossa competitividade. Defendemos ter segurança jurídica de que as coisas não vão mudar.

A inflação global pressiona a indústria? Como lidar?

Criamos alternativas relacionadas à transformação digital. Antes, ao comprar matéria-prima, ficávamos reunidos vendo boletins de preços para tentar entender o momento correto. Hoje tenho plataformas digitais preditivas com inteligência artificial para analisar todas as variáveis no preço de uma matéria-prima.

O algoritmo não dá bug quando a Rússia invade a Ucrânia?

O algoritmo vai aprendendo. Por exemplo, teve uma tempestade na Austrália e as ferrovias romperam. E eu não consegui antecipar, porque meu algoritmo não pegou isso. Mas hoje ele pega a previsão climática nos países que me afetam. O mundo está cada vez mais volátil. Mas boa parte dos acontecimentos tem precedente e se repete. Consigo ver, por exemplo, determinado conflito que está evoluindo. A dificuldade da transformação digital é colocar recursos em oportunidades de negócio. Caso contrário, você fica usando óculos de realidade virtual para resolver problemas pequenos. A transformação digital é para resolver grandes ineficiências.

A empresa tem investido em novas áreas de negócios?

A meta é que em dez anos 20% da receita da Gerdau venham de novos negócios: logística, construção e energia. Hoje, nossa empresa de logística, a G2L, é um dos maiores operadores logísticos do Brasil. Logística era um custo e se transformou em receita. A Gerdau quer ser *commodity* com serviço para melhorar a eficiência dos clientes.

O palco do Rock in Rio é de aço reciclável da Gerdau. Por quê?

Vimos ali uma grande oportunidade. Ao fazer o maior palco do festival com aço 100% reciclável, a gente mostra a importância da reciclagem, o fato de o Brasil poder emitir pouco CO2 e que 1 milhão de pessoas hoje vivem em atividades de reciclagem. E no futuro esse aço pode virar um automóvel, um prédio...

Novas opções no cardápio que nascem no laboratório

Maior demanda por alimentos saudáveis e sustentáveis estimula parcerias entre empresas em busca da comida do futuro

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

FOTOS DE MARIA ISABEL OLIVEIRA

Mão na massa. Os chefs Davi Rumão e Sandra Nery (ao fundo) testam produtos na cozinha experimental do novo laboratório de inovação da Nestlé, o Panela House

Em busca de proteínas alternativas naturais, o engenheiro de materiais Luiz Felipe Carvalho pesquisou diferentes fontes na Europa e nos EUA e descobriu que os insetos eram uma opção que já está sendo pesquisada. Ele então fundou a *foodtech* (como são chamadas as startups do ramo de alimentação) Hakkuna, que produz farinha de grilo, matéria-prima que pode ser usada em granola, pães e massas. Também já começou a oferecer os próprios grilos em forma de *snacks*. Embora o brasileiro ainda tenha certa resistência, a *foodtech* produz 15 quilos de grilos vivos a cada 45 dias de olho numa das tendências que prometem configurar o futuro da comida.

— É uma tendência global e deve crescer no Brasil também. A Hakkuna vai se transformar numa indústria de alimentos do futuro — acredita Luiz Filipe Carvalho, fundador da empresa ao lado do sócio, o biólogo Murilo Rocha.

O mundo terá 10 bilhões de habitantes até 2050, segundo estimativas das Nações Unidas, e o desafio de alimentar tanta gente provoca uma revolução na indústria. No Brasil, um dos maiores exportadores de alimentos do mundo, multinacionais, *foodtechs* e instituições de pesquisa se juntam para inovar nessa área.

COZINHA EXPERIMENTAL

Entre os desafios está a busca por uma produção mais sustentável, que não aumente o desmatamento e a emissão de gases do efeito estufa. Outra frente busca alimentos mais saudáveis e acessíveis, que possam ajudar a combater o desperdício. Mesmo com 33 milhões de pessoas passando fome, no Brasil são perdidos 26,3 milhões de toneladas de alimentos por ano.

— A pandemia trouxe a alimentação para o centro das discussões. Entraram na pauta o desperdício, a busca por comida de qualidade e como será possível alimentar bilhões sendo mais sustentável — observa Glaucia Pastore, cientista de alimentos da Unicamp.

Parte da busca de novidades para o paladar é puxada pelas *foodtechs*, que já são 337 no país. Quase cem usam tecnologia para criar novas categorias de alimentos e bebidas, muitas vezes com matéria-prima alternativa e menos aditivos químicos. Os produtos de origem vegetal, chamados de *plant based*, estão entre os que mais avançam, como leite, hambúrguer e queijo produzido a partir de plantas. Outro alvo da indústria é a categoria de alimentos com benefício além da nutrição, ajudando a reduzir riscos à saúde, como *shakes* proteicos. Em dez anos, o segmento recebeu mais de US$ 1 bilhão em investimentos.

Nas grandes empresas, a corrida também está em curso. A multinacional americana Cargill, gigante de produção e processamento de alimentos, pretende inaugurar em 2023 o centro de inovações Tropical Food Innovation Lab em Campinas, no interior de São Paulo. A Cargill já tem um centro de pesquisas na cidade, mas esse novo *hub* vai reunir outras empresas e startups do setor, que vão trabalhar de forma colaborativa. Também integram o projeto as suíças Givaudan (que desenvolve sabores e aromas) e Bühler (fabricante de equipamentos para processamento de alimentos). A parceria envolve também o Food Tech Hub Latam, ecossistema de inovação do setor, e o Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital). O espaço terá laboratórios e cozinha experimental.

— O objetivo é ser referência na América Latina em pesquisa de inovação no setor de alimentos. E aproveitar a maior biodiversidade do planeta, que está no Brasil, e tem imenso potencial — diz Carlos Prax, líder regional de Pesquisa & Desenvolvimento da Cargill.

A suíça Nestlé inaugurou recentemente em São Paulo um espaço semelhante, o Panela House, para desenvolver novos modelos de negócios, que vão de embalagens e ingredientes a produtos. A companhia já mantinha uma plataforma digital onde startups se inscreviam para desafios propostos. Agora, elas foram trazidas para mais perto. Podem usar o espaço físico, que tem estúdio e cozinha profissional.

Se há uma ideia que pode ser desenvolvida, a Nestlé faz uma espécie de "mentoria" para viabilizar o projeto e chegar ao produto final até quatro vezes mais rápido, explica Renate Giometti, chefe de Inovação Aberta e Novos Negócios da Nestlé no Brasil. A companhia já interagiu com 1,8 mil startups e formou parceiras que resultaram em 50 projetos pilotos concluídos.

— Não é apenas inovação em alimento, mas também em logística, compras, na área jurídica. Teremos também a participação de universidades, comunidade científica, parceiros operacionais. A ideia é criar uma cadeia regenerativa para o futuro — diz a executiva.

CONSUMIDOR MAIS EXIGENTE

Glaucia Pastore, da Unicamp, observa que os consumidores estão mais exigentes e vêm buscando produtos considerados mais saudáveis e funcionais, com propriedades antioxidantes (que ajudam a prevenir o câncer) e que mantenham a capacidade das pessoas no processo de envelhecimento. E as grandes empresas miram nessa demanda.

A Nestlé definiu que, até 2025, todo o cacau utilizado em seus chocolates e outros produtos virá de produção sustentável. Criou versões de produtos consagrados para atender esse novo consumidor, como o Nescau com mais fibras e sem açúcar e até o Nescau Protein (com proteínas), vendido em garrafinhas. Até o tradicional Leite Moça já tem versão vegetal. Desde 2019, a multinacional já fez 15 lançamentos de produtos de origem vegetal e criou no Brasil a marca Nature's Heart, uma linha completa de produtos com essa origem, de *mix* de frutas secas a "superalimentos" como *nibs* de cacau, leites vegetais, quinoa real e spirulina, uma microalga rica em proteínas.

BEBIDA 'VEGANA'

Para agregar grandes empresas, *foodtechs* e entidades de pesquisa, o engenheiro de alimentos, Paulo Silveira, criou há quatro anos o Food Tech Hub Latam, um ecossistema para viabilizar o desenvolvimento de novos ingredientes, produtos, tecnologias, embalagens inteligentes e soluções para reduzir o desperdício de comida. Ele vê muitas transformações em curso no setor, como pesquisas para a criação de proteínas a partir da extração de células de bovinos, como as carnes de laboratório.

A Rubian Extratos, startup que foi incubada na Unicamp, desenvolve um extrato em pó a partir da casca da jabuticaba. É usado como suplemento alimentar, com benefícios metabólicos. Já é encontrado em farmácias de manipulação e aguarda aprovação da Anvisa para ser industrializado.

— Aproveitamos resíduos que seriam descartados. Já estamos extraindo do bagaço do maracujá um suco para aplicação em cosméticos — diz Eduardo Aledo, engenheiro químico fundador da empresa.

Reunindo um portfólio de bebidas "veganas", a Better Drinks foi criada em fevereiro por Felipe Szpigel e Felipe Della Negra, ambos ex-Ambev. Produz vinho, cerveja, drinks, água e o Baer Mate, o que mais chama a atenção. É uma bebida gaseificada feita a partir de mate tostado, com cafeína natural, sem açúcar ou corantes, que funciona como alternativa aos refrigerantes.

— Em julho, chegamos a 4 mil pontos de venda dessas bebidas, que não abrem mão da qualidade dos ingredientes — diz Felipe Szpigel.

Mentoria. Renate Giometti, chefe de Inovação Aberta e Novos Negócios da Nestlé, diz que laboratório pode acelerar projetos com potencial de virar produto

Novos sabores. Funcionários interagem em uma das cabines sensoriais usadas para validação de alimentos no centro de inovações da Cargill em Campinas

DEFESA DO CONSUMIDOR

ONDE RECLAMAR

A Senacon funciona das 8h às 18h, na Esplanada dos Ministérios, Bloco T - Edifício-Sede - Sala 520, Brasília (DF). Informações no www.mj.gov.br

CONTA DE LUZ

Senacon multará em R$ 10 mil ao dia

A Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), órgão do Ministério da Justiça, estabeleceu uma multa diária de R$ 10 mil a concessionárias de energia que não comprovarem o repasse da redução do ICMS — cujo teto foi determinado pela lei complementar 194/22 — para a conta do consumidor final. Na avaliação da secretaria, a aplicação de base de cálculo do ICMS mais alta do que a fixada em lei onera o consumidor de maneira injustificável, especialmente por se tratar de serviço público definido como essencial. As concessionárias de energia terão que comprovar o cumprimento da medida até o quinto dia útil do mês seguinte ao ciclo de medição.

ROL DA ANS

Idec pede inclusão de teste de varíola

O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) enviou ofício à Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) solicitando urgência na inclusão de testes de diagnósticos e tratamento da varíola dos macacos (monkeypox) no rol de procedimentos de cobertura obrigatória pelos planos de saúde, diante de informações de que as operadoras estariam negando exames aos consumidores. No documento, o instituto ressalta que a ANS demorou a incorporar os teste para detecção da Covid-19 no rol e que não deveria repetir o erro com os exames de diagnóstico relativos à varíola. A ANS disse que está analisando a inclusão, mas não há data para uma decisão final.

ÁLBUM DA COPA

Procon-SP pede explicação à Panini

O Procon-SP pediu explicações à Editora Panini sobre a venda de kits/combos, álbuns e figurinhas individuais da Copa do Catar. A notificação veio a partir do registro de 432 reclamações no órgão de defesa do consumidor paulista, relacionadas a não entrega ou atraso na entrega pela editora, só em agosto. A Panini diz estar reforçando o atendimento para atender à demanda.

Fraudes no FGTS com saque-aniversário se multiplicam

Trabalhador é surpreendido ao consultar app do Fundo com retiradas e até contratação de empréstimos em outros bancos

RENATA AMOEDO

LETICIA LOPES
leticia.lopes@oglobo.com.br

Depois dos relatos de trabalhadores que foram alvo de fraudes na época do saque emergencial, dentro do aplicativo Caixa Tem, agora surgem problemas envolvendo o saque-aniversário do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Essa modalidade, pouco conhecida por muitos brasileiros, tornou-se alvo de golpistas que, após fraudarem os acessos, desviam valores e até contratam empréstimos no nome das vítimas.

Implementado em 2019, esse tipo de saque permite a retirada anual de uma parte do saldo do FGTS. Uma vez ativado, o resgate possibilita ainda a contratação de empréstimo — na Caixa ou em mais de 70 instituições financeiras habilitadas — para antecipar as parcelas dos anos seguintes. O crédito usa os valores do FGTS como garantia, o que, nas mãos dos golpistas, pode virar um prejuízo grande para as vítimas.

O trabalhador não é obrigado a aderir ao saque-aniversário. Quem opta pela modalidade, no entanto, só consegue retornar ao saque-rescisão dois anos após a adesão. Ou seja, se for mandado embora, o trabalhador que adere à retirada anual perde o direito de sacar o saldo total de sua conta do FGTS em caso de demissão.

Ex-funcionária de uma empresa de seguros, Adriana Kury, de 54 anos, só descobriu a fraude ao ser demitida, em meados de julho. Quando tentou acessar o aplicativo do FGTS para receber o saque-rescisão, não conseguiu concluir o cadastro. O sistema informava que seu CPF já estava na base de dados, mas o e-mail e telefone não eram os seus.

Adriana procurou uma agência da Caixa, onde seus dados foram corrigidos, mas não foi informada sobre a possibilidade de se tratar de golpe:

— Ninguém me alertou que podia ser fraude. Até então, não sabia que estava com o saque-aniversário ativado. Sequer sabia que essa modalidade existia.

Concedido o acesso ao app do FGTS, ela verificou que, além de ativarem o saque-aniversário, os criminosos tentaram sacar R$ 7 mil.

— Por alguma razão, que nem a Caixa conseguiu esclarecer, a transação não aconteceu, e o valor retornou ao Fundo. Mas, por conta dessa fraude, tive de esperar 40 dias pela análise do banco e ir cinco vezes a agências da Caixa até provar que não tinha sido eu a trocar o tipo de retirada e ter direito a sacar meu FGTS — queixa-se Adriana.

PERDA EM DOSE DUPLA

O engenheiro civil Diego Altieri, de 42 anos, foi vítima da tentativa de golpe em 2020, mas escapou por pouco de perder parte do seu FGTS. Na época, ele recebeu uma ligação do Banco do Brasil (BB) para confirmar uma transação de R$ 999,99, que o banco estranhou por conta do valor quebrado. No entanto, ele já não era correntista do BB há mais de dez anos.

O alerta de que os criminosos criaram um cadastro com o CPF de Altieri no aplicativo do FGTS veio do próprio BB. Após o acesso indevido ao Fundo, os golpistas ativaram o saque-aniversário e transferiram cerca de R$ 3 mil para uma conta no BB aberta no nome do engenheiro. Após identificar a fraude, Altieri reclamou à Caixa, que restituiu os valores:

— O que me deixou mais impactado foi conseguirem fazer isso tudo, abrir uma conta em meu nome e movimentações financeiras, sem foto de um documento meu ou minha assinatura. Estamos completamente expostos.

O tecnólogo de radiologia Leandro Teixeira, de 41 anos, recebeu, em meados de junho, uma notificação do Banco Pan de que um boleto de R$ 2.150 fora pago em sua conta. Sem saber do que se tratava, acessou o aplicativo do banco e descobriu que havia sido feito um empréstimo via saque-aniversário do FGTS, que resultou em depósito de R$ 2.480,96 em sua conta, que os criminosos acessaram pelo boleto. Os golpistas ainda fizeram uma recarga de R$ 10 para o telefone que cadastraram no banco.

Teixeira procurou o Pan, que confirmou o indício de fraude, mas concluiu que a operação foi feita "em aplicativos oficiais com senhas pessoais" e, por isso, não faria o ressarcimento. A Caixa, conta ele, confirmou que a modalidade de saque-aniversário foi ativada e, após apuração com o Pan, disse não ter encontrado irregularidades e que não se responsabilizaria pelo crédito contratado com garantia do FGTS, nem converteria a modalidade de saque do trabalhador no Fundo de volta para a de rescisão.

— O empréstimo foi feito com a antecipação de sete parcelas do saque-aniversário, a serem debitadas do FGTS todo mês de abril até 2029. Com os juros, o valor chega a R$ 4.215,29. O problema é que ainda não consegui restituição do banco, nem cancelar o empréstimo e desbloquear os valores do Fundo — reclama.

O Banco Pan diz ter prestado esclarecimentos ao cliente e que as validações de senha são pessoais e intransferíveis para alteração de cadastro.

"Há uma falha na proteção de dados. Entendo que nesse caso os clientes estão resguardados e têm direito a ressarcimento em caso de prejuízo"

Daniel Dias, professor da Faculdade de Direito da FGV

A Caixa não informa quantos casos de acessos indevidos ao FGTS envolvendo o saque-aniversário já foram detectados, mas o golpe parece estar se expandindo. Vítimas da fraude contam que nas agências já há até um protocolo para lidar com contestações dos trabalhadores, com formulário específico a ser preenchido para esse tipo de relato.

BANCOS SÃO RESPONSÁVEIS

O documento, segundo a Caixa, contém as informações necessárias para que a suspeita de fraude seja analisada. Segundo o banco, todas os dados sobre suspeitas de fraudes são considerados sigilosos e repassados exclusivamente à Polícia Federal para análise e investigação.

Procurada, a Polícia Federal não retornou até o fechamento desta edição.

Em nota, a Caixa afirmou ainda que "emprega mecanismos múltiplos de proteção e monitoramento para aprimorar a segurança de seus sistemas e mitigar a ação de fraudadores, tais como: validação de dados, autenticação por senha, validação de documentos e segundo fator de autenticação".

Na avaliação de Daniel Dias, professor da Faculdade de Direito da FGV, no entanto, faltam detalhes a serem informados pela Caixa que expliquem de que maneira os criminosos estão tendo acesso às contas do FGTS dos trabalhadores. Pelas narrativas, diz ele, "são questões claras de falta de segurança dos dados":

— As vítimas são absolutamente surpreendidas pelo golpe. Parece uma atuação dos golpistas diretamente com o banco, e não alguma fragilidade envolvendo o correntista, como casos em que as vítimas clicam em links que dão acesso aos golpistas a informações privadas, como senhas e dados cadastrais.

Dias defende que, nesse caso, não há espaço para que a Caixa e outras instituições financeiras — no caso do empréstimo com antecipação do saque-aniversário — se isentem da responsabilidade:

— Há uma falha na proteção de dados. Entendo que os clientes estão resguardados e têm direito a ressarcimento em caso de prejuízo, além de ações indenizatórias por dano patrimonial e até moral. Não tem como os bancos se isentarem em uma situação dessas.

Segundo a advogada de Direito do Consumidor Carolina Silva Jardim, quem for lesado deve recorrer à Justiça caso não consiga resolver o problema administrativamente com a Caixa e outros bancos envolvidos na fraude:

— De acordo com a súmula 479 do Superior Tribunal de Justiça (STJ), as instituições financeiras devem responder, independentemente de culpa, por fraudes praticadas por terceiros no âmbito das operações bancárias.

SAIBA COMO AGIR EM CASO DE GOLPE

O que é saque-aniversário?
O saque-aniversário é uma retirada anual de parte do valor disponível na conta do FGTS. A adesão deve ser feita até o último dia do mês de aniversário do titular, pelo aplicativo do fundo. O saque pode ser feito a partir do primeiro dia útil do mês de nascimento do trabalhador e até dois meses depois. A quantia liberada anualmente depende do saldo somado das contas de FGTS. Há sete faixas de pagamento. A regra permite o resgate de 5% (para quem tem acima de R$ 20 mil) até 50% (para quem tem até R$ 500 na conta). Há ainda a parcela adicional, para depósitos maiores que R$ 500, que varia de R$ 50 a R$ 2.900.

Faça o cadastro
Se ainda não tem o acesso ao aplicativo do FGTS, cadastre-se. Para isso, basta baixar a plataforma na loja de aplicativos do fabricante do seu celular. Após instalar o app, selecione a opção "Cadastre-se" e preencha os dados solicitados: CPF, nome completo, data de nascimento e e-mail. O sistema pedirá uma senha de seis números. Depois de incluir os dados, clique no botão "Não sou um robô". Uma mensagem de confirmação será enviada para o e-mail informado. Clique no link para confirmar o cadastro. A partir daí, informe o CPF e a senha para logar no aplicativo. Após o login, o sistema vai fazer algumas perguntas adicionais sobre a sua vida profissional. Após respondê-las, leia e aceite as condições de uso.

Informe-se
Acesse o app do FGTS para confirmar qual a modalidade de retirada está ativada na sua conta. Se o saque-aniversário estiver ativo sem que você o tenha feito a escolha, procure uma agência da Caixa Econômica Federal. Em caso de movimentação não reconhecida pelo cliente, é possível realizar pedido de contestação em uma das agências da Caixa, apresentando CPF e documento de identificação.

Procedimento na Caixa
Segundo a Caixa, em caso de suspeita de fraude na adesão ao saque-aniversário, o trabalhador pode formalizar o pedido de apuração para retornar ao saque-rescisão. O prazo de conclusão da análise é de 15 dias úteis. Se algum saque for feito sem o conhecimento do trabalhador, o caso é analisado em até 60 dias. Se a reclamação for considerada procedente, os valores são restituídos à conta de FGTS, e os dados cadastrais são atualizados, além de a opção pelo saque-aniversário ser cancelada. Se for verificado que há indício de fraude num empréstimo que antecipa o saque-aniversário, o banco cancela a garantia contratada e todas as transferências programadas ano a ano para quitar a dívida. Isso libera os valores que apareciam bloqueados na conta de FGTS.

Se não resolver
Se não houver solução administrativa, deve-se recorrer à Justiça.

'A razão do nosso atraso é essa captura do poder'

Para o economista Marcos Lisboa, Orçamento da União reflete o 'descontrole institucional grave' que houve no Brasil. Ele avalia que o avanço sobre os recursos do Estado, 'numa velocidade e voracidade' inéditas, está 'solapando a democracia'

CÁSSIA ALMEIDA
cassia@oglobo.com.br

O economista Marcos Lisboa, ex-secretário de Política Econômica e atual diretor-presidente do Insper, está pessimista em relação ao Brasil. Na semana passada, o governo entregou ao Congresso a proposta de Orçamento para 2023 com R$ 38,7 bilhões reservados para emendas parlamentares, o maior valor da História. Para Lisboa, o quadro institucional piorou com o que chama de "captura dos recursos do Estado". Em conversa com O GLOBO, ele diz não ver saída para a armadilha do baixo crescimento.

Política pública ineficaz

"O Brasil está numa armadilha de baixo crescimento há quatro décadas. Temos uma ineficiência da política pública muito grande. Se você compara o Brasil com os outros países, os gastos que o setor público realiza e o que a população recebe em troca é menos do que nos demais países. O que o país gasta com educação era para ter um aprendizado muito melhor, a mesma coisa no saneamento, infraestrutura. Há um descuido muito grande não só com a gestão, mas também com o resultado da política pública. Como se apenas realizar o gasto fosse necessário. Há um desprezo pela regulação e pela maneira como o setor público interage com o setor privado. Há descuido com a regulação de energia, de combustíveis. Uma sociedade que parece estar no voluntarismo, achando que o Estado vai intervir e baixar os preços na marra. Só que isso tem consequências a longo prazo."

Baixo crescimento

"Descuidamos de outros detalhes do desenho da política pública. Fica um debate muito polarizado sobre temas que mobilizam corações e mentes, mas um desprezo absoluto pela técnica. Por exemplo, discute-se aumentar a progressividade do sistema tributário. Vamos tributar ricos, ótimo. E o desenho da tributação sobre consumo? O mundo há muito tempo migrou para o valor adicionado. No Brasil é diferente. Aprendeu-se há décadas que você não quer que imposto sobre consumo leve a produzir bens de forma ineficiente, com baixa produtividade e baixo crescimento. É difícil explicar o sistema tributário brasileiro, porque é diferente de qualquer coisa no mundo."

Castas de organização

"A última razão do nosso atraso é essa captura do poder público por pequenos grupos de interesse. O Orçamento brasileiro é completamente capturado por organizações de servidores, interesses privados, políticas protecionistas que auxiliam empresas. Temos o Judiciário mais caro entre os países com dados disponíveis. Custa 1,8% do PIB (Produto Interno Bruto). Nos demais países é 0,3% ou 0,4%. Há incentivos e benefícios tributários para uma quantidade imensa de produtos. Depois de 60 anos de Sudene, houve convergência da renda do Nordeste com a do Sudeste? O Sistema S é um tributo que incide sobre a folha salarial, quem paga são os trabalhadores. E subsidia as federações patronais. Mais uma benesse para um feudo. São castas de organização de interesses privados. Toda vez que você fala 'vamos arrumar o sistema', vêm associações de empresas, de bens de capital, Zona Franca de Manaus, interesses setoriais e regionais e falam: peraí, mexe com todo mundo, mas comigo, não. E a sociedade não consegue avançar em coisas básicas que outros países já resolveram há muito tempo. Estamos condenados a ser um país de baixo crescimento."

Orçamento capturado

"Do ponto de vista econômico, estamos melhor que em 2015. Ali, a situação já estava muito deteriorada, a recessão veio de forma pesada. Muita distorção setorial, investimento público que deu errado, descontrole fiscal, inclusive com falta de transparência. Agora a situação econômica está um pouco melhor, o emprego formal recuperou bem depois da pandemia, fizemos a reforma da Previdência e a trabalhista, que está mostrando seus reflexos agora, e o marco do saneamento. Mas quando analisamos o que está contratado de desordem institucional, o quadro piorou muito. Você consolidou as emendas parlamentares, apareceu a emenda do relator (mecanismo do chamado orçamento secreto), e começou-se a capturar o Orçamento numa velocidade e voracidade que nunca vi. Intervém na tributação aqui, mexe no auxílio acolá. A Presidência da República está muito fragilizada. Quem quer que ganhe a eleição, ou não vai querer governar, como é o caso do atual (presidente), que delega, terceiriza a gestão para o Congresso, que faz política pública sem avaliação de impacto, pegando recursos da sociedade e entregando a grupos de interesses paroquiais, ou vai ter uma batalha dura para reconstruir a capacidade de governar. E o pior, você solapou a democracia nesse processo. O princípio básico da democracia no país foi evitar uso da máquina pública em ano eleitoral, foi todo um aperfeiçoamento democrático. Jogou-se fora isso. Um descontrole institucional grave aconteceu."

Visão de curto prazo. Marcos Lisboa critica ações como a intervenção no preço dos combustíveis: "É um país imediatista"

EDILSON DANTAS/7-2-2018

Voluntarismo do Estado

"A produtividade no Brasil aumenta bem menos que a de outros países. Razão pela qual o Brasil ficou para trás desde os anos 1980. Primeiro, a qualidade da educação que não avança. Aumentamos o gasto com educação, botamos as crianças na escola, mas o aprendizado básico de português e matemática não aconteceu. Há voluntarismo de governos, com intervenção no setor elétrico, de combustíveis, as medidas de distorção tributária e o favoritismo que aconteceu no país. É um país imediatista."

País de 'velhos cartéis'

"Crescimento da produtividade e ganho contínuo da renda estão associados a competição e inovação. Nos países desenvolvidos, a imensa maioria das empresas que aparecem fracassa e quebra. Algumas criam um método de gestão que vira ganho de produtividade para toda a sociedade. Concorrência e inovação são parte importante do crescimento dos países. O que evita que esse processo aconteça é a proteção de empresas ineficientes. Parte relevante do nosso atraso é por essa sociedade cartelizada, que reduz a concorrência. Fica um país atrasado. É um país de velhos cartéis que envelhece."

NA WEB
APÓS ANOS DE IMPASSES
Papa assume controle da Ordem de Malta
Francisco promulgou nova Constituição para o grupo e nomeou um conselho provisório
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

NÓS, A VELHA ELITE

Eleitores do sucessor de Boris estão distantes do conjunto dos britânicos

VIVIAN OSWALD
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br
BIRMINGHAM, REINO UNIDO

O chamado Black Country —berço da Revolução Industrial na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX—tem esse nome por causa da poluição que as minas de carvão e fábricas produziam sem cessar em tempos de pujança. Hoje é área deprimida, com indicadores sociais aquém do restante do país. A taxa de desemprego fica acima da média nacional. Nos últimos anos, centenas de lojas fecharam as portas, e os imóveis seguem vazios. Marcas conhecidas deixaram algumas cidades. Multiplicam-se estabelecimentos de comércio voltados para quem anda com o dinheiro contado. A tensão racial é um componente adicional, nesta região onde há mais não brancos do que na média do reino. Há partes da cidade de Birmingham, por exemplo, onde dois terços das crianças vivem em situação de pobreza.

Reduto do Partido Trabalhista por décadas, a região deu uma vitória retumbante nas eleições gerais de 2019 aos conservadores liderados pelo carisma de Boris Johnson, que abocanharam 10 dos seus 13 assentos no Parlamento. Esses mesmos eleitores estão longe de se ver refletidos nas fileiras do partido que anuncia amanhã o nome do seu novo líder e primeiro-ministro.

São parte de um Reino Unido cada vez mais desigual, à beira da estagflação, tentando se entender com as consequências nefastas do Brexit e com pressões separatistas vindas sobretudo da Escócia e da Irlanda do Norte. É este o país com o qual o novo chefe de governo, que ao que tudo indica será a ex-secretária de Relações Exteriores Liz Truss, terá de lidar.

MARY TURNER/NEW YORK TIMES/27-1-2022

Custo de vida. Voluntários empacotam cestas de alimentos para doação na Igreja de Andrew em Earlsfield, Londres: maior inflação em quatro décadas empobrece as famílias britânicas e será desafio para o novo chefe de governo, a ser anunciado amanhã

SUSANNAH IRELAND/AFP/31-8-2022

Ela é favorita. Rishi Sunak e Liz Truss no debate final da campanha interna: ela tem a preferência dos 160 mil votantes

> Q
> *"Não tenho como pagar essa conta. Não vou tirar do prato dos meus dois filhos, que está cada vez mais caro. Vim no final para ver se pego mais descontos"*
> **Assam,** morador de Dudley, nas Midlands, região deprimida do centro da Inglaterra

> *"Políticos deveriam viajar mais pelo país. Isso aqui é muito real para mim. A conta do mercado também"*
> **Lanisha,** moradora de Dudley

HOMENS, BRANCOS, IDOSOS

Seu nome terá sido ungido pelos cerca de 160 mil filiados da legenda, pessoas que não foram eleitas pelo voto popular. Não são deputados conservadores com assento no Parlamento —esses escolheram o ex-xerife do Tesouro Rishi Sunak nas rodadas de votação anteriores. Em contraste com a ampla diversidade de candidatos que entraram na disputa por Downing Street, os militantes da base conservadora são majoritariamente homens (quase dois terços), brancos (96%) e de idade avançada, como mostra o perfil do eleitorado conservador, segundo o Projeto de Membros do Partido (PMP), uma pesquisa da Universidade de Sussex de 2020. Mais de 39% têm mais de 65 anos e um quinto, entre 50 e 64 anos, enquanto menos de 20% da população do Reino Unido tem 65 anos ou mais, de acordo com o Escritório Nacional de Estatísticas.

O Reino Unido é uma democracia parlamentar. O líder da maioria se torna o chefe de governo, sem a obrigação de organizar eleições legislativas no caso de uma mudança de liderança no meio do mandato, como aconteceu. Boris Johnson se viu obrigado a renunciar após uma sucessão de escândalos em seu governo. Sob este processo, menos de 0,3% da população de 66 milhões de habitantes do Reino Unido tem o poder de apontar seu próximo líder.

Os membros do Partido Conservador também são mais ricos que o eleitorado em geral. Estima-se que 80% pertençam às classes sociais média e alta, em comparação a 57% dos britânicos, segundo dados do instituto YouGov. Também se concentram em grande parte no Sul da Inglaterra, mais abastada, onde vive pouco mais de um terço da população total, particularmente em Londres. Apenas um quinto vive no Norte da Inglaterra e 6%, na Escócia.

O Black Country fica nas Midlands, região ao centro, onde as pessoas se sentem, mais do que em outras partes do país, abandonadas em vista da disparada do custo de vida, movida pela inflação em dois dígitos —a mais alta dos últimos 40 anos. Segundo o banco americano Goldman Sachs, os índices de preços ao consumidor podem bater os 22% no ano que vem, aproximando-se do recorde do pós-guerra, no ano de 1975.

'POBREZA ENERGÉTICA'

As companhias de energia já avisaram que o novo reajuste, previsto para outubro, será de cerca de 80%. Somando-se às anteriores, a alta terá chegado a quase 300%, em média, em dois anos.

—Não tenho como pagar essa conta. Não vou tirar do prato dos meus dois filhos, que também está cada vez mais caro. Vim no final para ver se pego mais descontos —disse Assam, 34 anos, na saída da feira da praça principal da cidade de Dudley, nas Midlands, acompanhado da mulher.

Estima-se que a "pobreza energética" atinja 9,1 milhões de lares no Reino Unido a partir de outubro, segundo dados da ONG End Fuel Poverty. O conceito, segundo a entidade, se refere a famílias que gastam mais de 10% do que ganham com energia e não têm como bancar os custos de um padrão de vida adequado.

— Políticos, por natureza, não têm noção da realidade. Deveriam viajar mais pelo país. Isso aqui é muito real para mim. A conta do supermercado também —afirma a jovem Lanisha, de 28 anos.

Essa é uma Inglaterra que poucos veem fora de Londres. Mesmo na capital, a situação é visivelmente mais difícil. As filas nos bancos de alimentos, que estão tendo de recusar pessoas, são imensas. Destoam das filas não muito distantes dos espectadores sorridentes e bem vestidos que frequentam os tradicionais teatros da cidade.

O primeiro-ministro que ocupará a partir desta semana a residência oficial tem o desafio de governar para todos esses reinos, e buscar resultados que permitam que seu Partido Conservador esteja em condições de disputar as eleições gerais de maio de 2024, estas sim marcadas pelo voto popular. Se o pleito fosse hoje, os trabalhistas teriam vitória folgada por 10 pontos percentuais. Somado à crise, os britânicos em geral devem manifestar um cansaço natural em relação à sigla, que, até lá, estará no poder por 14 anos.

NEM SUS BRITÂNICO ESCAPA

No Black Country, onde alguns deputados conservadores tiveram mais do que o dobro dos votos de seus oponentes trabalhistas em 2019, manter os assentos conquistados será tarefa ainda mais complicada. As condições são muito mais adversas: além dos efeitos da guerra na Ucrânia e do Brexit, há uma crise do Sistema Nacional de Saúde (NHS).

Médicos questionam a aplicação da quarta dose da vacina da Covid por falta de funcionários, e enfermeiros ameaçam entrar em greve. A população começa a recorrer a planos de saúde privada que vão surgindo neste país em que o sistema nacional gratuito, que inspirou o SUS no Brasil, é o que se conhece como o mais próximo de uma religião. As greves de trens, metrô, correios, coletores de lixa, advogados criminalistas, enfermeiros e outros começam a lembrar décadas passadas.

Boris Johnson deixará Downing Street em direção a Balmoral, na Escócia, onde entrega sua carta de renúncia à rainha Elizabeth II. Seu substituto também viaja para se apresentar à monarca, que, aos 96 anos, de férias e com problemas de mobilidade, pela primeira vez em sete décadas de reinado não receberá o chefe de governo que sai e o que chega no Palácio de Buckingham, em Londres.

Sob tensão, Congresso condena ataque a Cristina

Oposição ameaçou boicotar sessão especial e abandonou o plenário após votar resolução negociada com o governo

CÂMARA DOS DEPUTADOS DA ARGENTINA/VIA AFP

Após negociação. Câmara aprova resolução em sessão tumultuada na qual estiveram embaixadores estrangeiros convidados pelo governo, incluindo o brasileiro

JANAÍNA FIGUEIREDO
janaina.figueiredo@oglobo.com.br
BUENOS AIRES

Após intensas negociações, o Congresso argentino aprovou ontem uma resolução de consenso que repudia o atentado à vice-presidente do país, Cristina Kirchner, na noite da última quinta-feira. Um primeiro texto apresentado pela bancada governista foi rejeitado pela oposição que, depois de algumas idas e vindas, votou a favor de uma nova versão — mais moderada. Depois da votação, numa clara resposta a acusações lançadas nos últimos dias por membros da aliança governista, os opositores abandonaram o plenário.

Respondendo a um convite do governo argentino, o embaixador do Brasil em Buenos Aires, Reinaldo José de Almeida Salgado, foi um dos representantes estrangeiros presentes no Congresso. Outros embaixadores estrangeiros também compareceram, assim como representantes das Forças Armadas.

Até o meio-dia, a aprovação do documento esteve em dúvida e foram necessárias negociações frenéticas entre governistas e opositores. Setores da oposição, principalmente o partido Pro, do ex-presidente Maurício Macri, se negaram a aprovar uma primeira versão do documento e chegaram a ameaçar com o boicote da sessão especial. O texto foi modificado e, também, reduzida a lista de discursos no plenário.

— Este não é um fato policial, é um fato político. As coisas não serão iguais na Argentina depois do que aconteceu com Cristina — disse Germán Martínez, líder da bancada governista na Câmara, que defendeu a sessão especial num sábado: — Estamos no lugar que temos de estar, dizendo o que temos de dizer. Não seria a mesma coisa um comunicado ou uma foto numa escada.

LEI SOBRE ÓDIO

Uma fonte opositora confirmou que parte da posição "não queria ser parte do circo kirchnerista". Outros alegaram falta de segurança. O acordo selado antes da votação viabilizou a sessão, mas o debate foi acalorado e opositores aproveitaram para questionar atitudes do governo e do kirchnerismo após o ataque à Cristina.

— Acreditamos que não são as ruas, nem este plenário, os lugares para determinar os culpados de um delito. O Judiciário é quem deve fazê-lo — disse o deputado Cristian Ritondo, que anunciou a decisão do Pro de abandonar o plenário após a votação.

O documento original que o governo pretendia aprovar falava em disseminação de discursos de ódio e, como têm feito funcionários do presidente Alberto Fernández, entre eles o ministro do Interior, Wado de Pedro, responsabilizava setores da oposição e meios de comunicação.

Segundo opositores, o governo estaria preparando um projeto de lei sobre discurso do ódio para propor. Ontem, o líder da bancada governista disse que " não somos nós os que estamos falando sobre discurso de ódio, o mundo está debatendo, não podemos fingir que estamos distraídos".

— Aqui não está em risco a democracia e todas as medidas do governo são erradas, provocam mais divisão, mas vou participar — disse o deputado José Luis Espert, dirigente independente de direita, que afirmou não entender "por que estamos aqui reunidos num sábado se não nos reunimos por problemas gravíssimos da Argentina".

O deputado de extrema direita Javier Milei, já em campanha para as presidenciais de 2023, afirmou que "o governo só pensa em seus próprios privilégios. Estamos cansados da casta política".

— Deixamos claro nosso repúdio à violência, mas não aceitamos este circo — afirmou Milei, que estava em silêncio desde o atentado e saiu do plenário após discursar.

MOTIVAÇÃO DESCONHECIDA

O clima no Congresso argentino é de tensão, e reflete principalmente a disputa pelo controle da agenda pública após o ataque à vice-presidente. Do lado da Casa Rosada, a estratégia é clara: relacionar a oposição e todos os críticos do governo à palavra ódio, e tudo o que ele pode causar.

As motivações do atentado, cometido pelo brasileiro residente desde criança na Argentina Fernando Sabag Montiel, de 35 anos, ainda são desconhecidas. Em seu primeira audiência diante da juíza que conduz o caso, na noite de sexta-feira, ele confirmou que era sua a arma apreendida no local em que apontou para a cabeça de Cristina, mas se negou a responder a outras perguntas.

Um dos discursos mais moderados na sessão de ontem foi o do deputado Mario Negri, da tradicional União Cívica Radical (UCR). Representando uma ala da aliança opositora Juntos pela Mudança que não concorda com atitudes de confronto com o governo de Fernández e Cristina neste momento, o deputado afirmou que "a discussão é entre democratas e não democratas, temos de unir e não dividir".

O deputado e neurocientista Facundo Manes, também da UCR e cotado para ser candidato à Presidência em 2023, é outro dos cautelosos:

— Poderia criticar muito o governo neste momento, mas quero que os argentinos estejam em paz.

OPOSIÇÃO DIVIDIDA

Outros setores da aliança opositora — hoje mais dividida do que o governo — são favoráveis à adoção de uma posição mais dura. Uma de seus expoentes é a ex-ministra da Segurança Patricia Bullrich, também cotada para disputar a candidatura presidencial opositora. A ex-ministra foi uma das poucas, junto com Milei, que não condenou enfaticamente o atentado. Pelo contrário, questionou a cadeia nacional de Fernández na noite do ataque, e sua decisão de decretar feriado na sexta.

A possibilidade de que o kirchnerismo avance com o projeto sobre discurso do ódio preocupa opositores, que, com mídia e Justiça, são acusados pelo governo de serem os promotores do ódio no país.

ENTREVISTA

María Esperanza Casullo / CIENTISTA POLÍTICA

‘ARGENTINOS REJEITAM VIOLÊNCIA POLÍTICA, E ISSO SE MANTEVE APÓS O ATENTADO’

THAYZ GUIMARÃES thayz.guimaraes@oglobo.com.br

A tentativa de assassinato sofrida pela vice presidente da Argentina, Cristina Kirchner, foi considerado o fato mais grave de violência política vivido no país desde a redemocratização, em 1983. Em um cenário de crise econômica e social, muitos analistas têm dito que o governo é um dos responsáveis pela polarização ideológica, que, no limite, levaria a ataques como o ocorrido na noite de quinta-feira. Mas não é o que pensa María Esperanza Casullo, cientista política argentina e professora da Universidade Nacional de Río Negro. Ela defendeu o papel das divergências em uma democracia, respeitados os limites da intolerância, o que, segundo avalia, vem sendo cumprido até aqui pelos argentinos.

Que mensagem o ataque transmite sobre a Argentina?

Esse não é o primeiro caso de violência política grave que ocorreu no país desde 1983. Mas nunca houve um ato de violência direta contra um líder político, muito menos da magnitude de Cristina Kirchner, que é vice-presidente e foi presidente duas vezes. Isso nos coloca em um momento crucial de inflexão, que não pode voltar a acontecer.

Não há mais espaço para o debate e a divergência política no país?

Depois de um longo ciclo marcado pela violência política, em 1983 a Argentina entrou em um novo período, caracterizado pela recusa ampla de qualquer tipo de violência, não só política, mas também social. Foi um consenso alcançado pelos partidos políticos e pela sociedade civil. Não é que não houve problemas ou atos violentos depois disso, mas todos foram repudiados por todo o arco político e pela população. E o que estamos vendo até agora é o mesmo tipo de resposta.

ARQUIVO PESSOAL

O atentado sofrido por Cristina é resultado da polarização política?

A polarização por si só é própria da democracia, é quando temos posições ideológicas claras e distintas que agradam a diferentes grupos de eleitores. Aqui falamos de outra coisa, que é quando a polarização se traduz ou se conecta com a violência ou com a negação do outro como participante legítimo.

Poderia dar um exemplo?

A política na Argentina está ideologicamente polarizada há pelo menos 20 anos, no sentido de que os perfis dos partidos peronistas de hoje são muito diferentes dos da Juntos pela Mudança [a coalizão do ex-presidente Mauricio Macri, de centro-direita]. Mas o que preocupa é que nos últimos dois ou três anos há vozes na sociedade que sustentam não só que o outro está errado, mas que é ilegítimo. E essa ideia tem se espalhado.

Toda polarização tende a gerar violência política?

Não necessariamente. Na Argentina temos tidos debates ideológicos fortíssimos sobre posições muito discordantes, a exemplo da Lei do Aborto, votada no Congresso em 2018 e em 2020. Houve marchas maciças a favor da legalização e marchas importantes de setores religiosos que eram contra. Mas todo o processo foi pacífico. Não teve um único momento de violência, mesmo quando setores pró-aborto e antiaborto ocuparam a Praça do Congresso ao mesmo tempo.

Quais são os limites?

Divergências são inevitáveis na democracia, mas há limites que não podem ser ultrapassados: a violência não deve ser usada de nenhuma maneira [como arma política] e todos os debates têm de ser públicos e pacíficos. Manifestar-se na rua não é violência. Matar ou ameaçar a vida de uma pessoa é. E é fundamental que esses limites sejam estabelecidos, inclusive dentro dos próprios partidos.

O presidente Alberto Fernández atribuiu a polarização exacerbada ao discurso de ódio promovido, segundo ele, pela oposição. O governo não tem uma parcela de culpa no cenário?

Parece-me que a responsabilidade pelo que aconteceu foi da pessoa que resolveu pegar uma arma e atentar contra a vida da vice-presidente. Alguns anos atrás, logo que Mauricio Macri assumiu o governo, um simpatizante atirou contra militantes kirchneristas, mas ninguém naquela época disse que era responsabilidade do presidente. Todos os governos têm a responsabilidade de salvaguardar a paz social, mas é preciso distinguir o que é da dinâmica política e o que é decisão de uma pessoa. Na quinta-feira, o governo nos pediu moderação, e a oposição se solidarizou. Foram respostas adequadas.

Quais são as bases da polarização então?

Vemos isso nos meios de comunicação de massa, que têm posições muito inflamadas contra o governo, e nas redes sociais, onde, como no Brasil, discursos de ódio circulam rapidamente. Nos últimos dias, também vimos isso entre algumas figuras da classe política. Mas quero crer que essas ideias violentas são minoritárias e não estão ancoradas na sociedade argentina.

O ataque foi algo isolado?

Sim, embora tenha ligação com o cenário político nacional. Ao menos pelo que se sabe até agora, está muito mais relacionado ao perfil do agressor do que conectado a um problema político direto. Mas fica o alerta de que há certas dinâmicas que precisam mudar. Os líderes políticos precisam reforçar o chamado à moderação. É preciso entender que as palavras podem incentivar ações [violentas].

Chile já negocia dia seguinte se Carta for rejeitada

Direita e esquerda reconhecem que não será possível continuar com Constituição de Pinochet, mas divergem sobre como chegar a novo texto se plebiscito de hoje confirmar pesquisas que apontaram rejeição do projeto da Constituinte

JANAÍNA FIGUEIREDO
janaina.figueiredo@oglobo.com.br
BUENOS AIRES

No mesmo dia em que foi eleito presidente o socialista Salvador Allende, há exatos 52 anos, os chilenos irão às urnas para decidir se aprovam ou rejeitam o projeto de reforma constitucional que pretende enterrar a herdada da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990). O resultado de um plebiscito no qual será obrigatório votar — num país no qual o voto é facultativo — definirá, também, o futuro imediato do governo de Gabriel Boric, desgastado por falta de resultados e refém de disputas políticas dentro e fora da coalizão governista.

Todas as pesquisas que circularam entre analistas e jornalistas na última semana (é proibido publicar pesquisas 15 dias antes de uma eleição no Chile) indicaram uma vitória da rejeição por uma diferença entre 4 e até 19 pontos de vantagem. As mais otimistas geram desconfiança, e especialistas como Marta Lagos, diretora da Latinobarômetro, acreditam que a rejeição ao projeto vai se impor, mas por uma margem estreita de votos.

Seja qual for o resultado, aponta Marco Moreno, diretor da Escola de Governo da Universidade Central do Chile, o país continuará dividido e seu presidente absolutamente condicionado por essas divisões e pelo desejo majoritário dos chilenos de ter uma nova Constituição. Se vencer a rejeição, como indicam as pesquisas, aponta Moreno, a direita terá em suas mãos a chave do processo de negociações a ser iniciado a partir de amanhã.

— O presidente afirmou que um novo processo deveria prever a eleição de uma nova Convenção Constitucional, mas a direita quer um modelo diferente, no qual parlamentares e especialistas controlem o processo — explica o analista.

Atualmente, os partidos de direita são maioria na Câmara, e no Senado existe um virtual empate. Está claro que a direita vai querer aproveitar sua força no Parlamento para ter um envolvimento central num eventual processo de elaboração de um novo projeto de Constituição. O texto que será votado no plebiscito foi redigido por uma Convenção Constitucional eleita que foi duramente atacada por todos os partidos de direita. Os erros — sobretudo em matéria de comunicação — foram muitos, e fontes do governo admitem isso sem rodeios.

MARTIN BERNETTI/ AFP/ 31-8-2022

Em suspenso. Em frente ao Palácio de la Moneda, chilenos passam por cartaz rabiscado do projeto elaborado durante um ano por Convenção Constitucional

> *"O presidente afirmou que um novo processo deveria prever a eleição de uma nova Convenção Constitucional, mas a direita quer um modelo diferente, no qual parlamentares e especialistas controlem o processo"*
>
> **Marco Moreno,** diretor da Escola de Governo da Universidade do Chile

SÓ KAST QUER A ATUAL

Somente o Partido Republicano, de José Antonio Kast, líder de extrema direita derrotado por Boric no segundo turno da eleição presidencial em 2021, defende que, em caso de derrota da aprovação, continue vigente a Carta Magna de Pinochet. O resto da direita, explicam analistas locais, entendeu que o Chile precisa virar essa página, mas, se vencerem no plebiscito, vão querer estar à frente dos novos tempos.

— Boric está preso nessa briga e, em caso de derrota, será culpado por seus aliados do Partido Comunista (PC) e da Frente Ampla (FA) — frisa Moreno.

Se a direita tem clareza sobre o que fazer se vencer, do lado do governo a situação é bem mais confusa. A ala mais radical, liderada pelo PC, aposta num triunfo e em não mudar uma vírgula do projeto redigido pela Convenção — embora alguns dirigentes tenham mostrado certa flexibilidade. Outros no governo são mais moderados, inclusive o chefe de Estado, e já falam em reformas ao texto, até mesmo num cenário de aprovação. Para os socialistas, por exemplo, o projeto precisa ser melhorado para facilitar sua regulamentação e aceitação por parte de toda a sociedade.

Nas últimas duas semanas, um texto escrito por Luis Maira, veterano dirigente do Partido Socialista e amigo pessoal de Boric, analisa 166 dos 388 artigos do projeto apresentado pela Convenção Constitucional e propõe reformas. "É preciso destacar a posição do presidente Boric, porque desacordos sobre o contrato social de um país podem provocar crises longas", diz o texto de Maira. O dirigente socialista admite que "o delicado trabalho dos redatores [da Convenção Constitucional] encontrou resistências entre os que o rejeitam e os que o aprovam".

REFORMA MESMO COM 'SIM'

A tensão está no ar. Com o provável cenário de um resultado apertado, de rejeição ou aprovação, as dúvidas sobre o dia seguinte são enormes. Não existe um marco legal que determine o que fazer, mas os políticos chilenos, em sua grande maioria, têm consciência de que se abrirá um novo ciclo de negociações, no qual a direita buscará recuperar espaços perdidos no debate da agenda nacional.

— Se vencer a rejeição, o presidente poderá enviar uma proposta ao Congresso sobre como continuar, mas a decisão não será do governo — afirma Patricio Gajardo, professor da Universidade do Chile.

Se todas as pesquisas errarem e o projeto for aprovado, amplia o analista, "se abrirá um debate interno sobre as reformas que muitos acreditam que ainda devem ser feitas, e a grande dúvida é se o PC vai se alinhar com Boric".

Até mesmo os que dizem confiar numa vitória da aprovação, como o eurodeputado espanhol Miguel Urbán, do esquerdista Anticapitalistas, que viajou até Santiago para acompanhar o plebiscito, reconhecem o desgaste de Boric e a provável necessidade, seja qual for o resultado, de uma reforma de Gabinete.

DESAFIOS PARA BORIC

O debate sobre a nova Constituição não é o único desafio do presidente. Os chilenos estão, pela primeira vez desde a redemocratização, às voltas com uma inflação anual de dois dígitos (entre julho de 2021 e o mesmo mês deste ano chegou a 13,1%), forte desvalorização do peso chileno e um aumento da pobreza que poderia chegar a 10% este ano — numa crise que começou ainda no governo do presidente conservador Sebastián Piñera, mas não dá sinais de acabar.

— O processo não termina hoje. O Chile foi um laboratório do neoliberalismo na América Latina, com uma Constituição que o consagrava. Isso vai mudar — assegura Urbán, que ficou surpreso ao ouvir um taxista alinhado com a direita dizer que "vou votar contra, mas porque sei que depois farão outra melhor". — Como espanhol, vemos muitos paralelismos com a Espanha, e me gera inveja. Aqui o povo conseguiu romper a última herança da ditadura. Nós continuamos tendo a Constituição de 1978, modelo de uma transição pactada — concluiu o eurodeputado.

Russos fazem fila para funeral de Gorbachev, e Putin se ausenta

Presidente alegara problema de agenda; cerimônia foi na Casa dos Sindicatos

MOSCOU

Centenas de pessoas fizeram fila na manhã de ontem em Moscou para prestar homenagem a Mikhail Gorbachev, o último líder da União Soviética, que morreu há cinco dias, aos 91 anos. A ausência mais notável na cerimônia foi a do atual presidente da Rússia, Vladimir Putin, que alegara estar com a agenda lotada.

De 1985 a 1991, primeiro como secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e depois como primeiro presidente da URSS, Gorbachev impulsionou reformas democráticas e econômicas para tentar salvar a antiga superpotência, o que levou ao fim da Guerra Fria. Mas o processo que gerou precipitou o esfacelamento do país que durante décadas disputou a primazia mundial com os EUA.

EVGENIA NOVOZHENINA/AFP

Despedida. Sob a foto do último líder soviético, centenas se despediram dele

O legado é admirado em países ocidentais, mas muitos russos atribuem ao líder falecido o recuo geopolítico de Moscou e o colapso econômico e moral da Rússia nos anos após o fim da União Soviética.

O governo russo não decretou nenhum dia oficial de luto e não deu a Gorbachev um funeral de Estado. No entanto, muitas pessoas fizeram fila diante da Casa dos Sindicatos, local onde os restos mortais de vários líderes comunistas foram velados, incluindo Josef Stalin em 1953, para dar seu último adeus a ele.

No interior da Casa dos Sindicatos, um grande retrato do ex-presidente foi posto na parede ao lado do caixão aberto. Estavam lá Irina, única filha de Gorbachev, e outros parentes. Dois guardas uniformizados guardavam o corpo enquanto os visitantes depositavam flores e se curvavam em respeito. O ex-presidente será sepultado no cemitério Novodievichi, junto com sua mulher Raisa, que morreu em 1999.

SÓ ORBÁN VEIO DO EXTERIOR

Em meio à crise entre Moscou e o Ocidente devido à invasão da Ucrânia, nenhum grande líder mundial esteve presente. O premier húngaro Viktor Orbán, nacionalista próximo ao Kremlin, foi o único dirigente estrangeiro a anunciar sua presença no funeral, embora nenhum encontro entre ele e Putin estivesse planejado.

Na quinta-feira, Putin visitou o hospital onde Gorbachev morreu e foi mostrado na TV curvando-se diante do caixão, no qual colocou flores. O atual presidente da Rússia disse que Gorbachev foi "um estadista que teve um grande impacto na evolução da História mundial" e se esforçou para encontrar "suas próprias soluções para problemas urgentes".

Lançamento da Ártemis 1 é adiado pela segunda vez

Vazamento no tanque de hidrogênio impediu operação; nova tentativa pode ocorrer no final do mês

MERRITT, EUA

A Nasa adiou ontem pela segunda vez o lançamento do voo inaugural do projeto Ártemis, que almeja levar o homem de volta à Lua ainda nesta década. A Ártemis 1, a primeira missão não tripulada de retorno ao astro em meio século, não pôde decolar por vazamentos no tanque de combustível do foguete.

Os engenheiros tentaram consertar o problema por cerca de três horas antes de a operação no Centro Espacial Kennedy, na Flórida, ser abortada.

A Nasa teria uma nova janela meteorológica entre segunda e terça para tentar lançar o novo e bilionário Sistema de Lançamento Espacial (SLS, sigla em inglês), o mais poderoso foguete de propulsão já construído, e a cápsula acoplada Orion, que orbitará a Lua. A agência, contudo, já descartou que as dificuldades sejam resolvidas a tempo.

A expectativa dos engenheiros é que haja uma nova janela para a decolagem entre os dias 19 de setembro e 4 de outubro.

O vazamento de ontem, no tanque de hidrogênio líquido, é similar ao que impediu a primeira tentativa de lançamento, em 29 de agosto. Como o abastecimento ocorre a temperaturas muito baixas e as moléculas são minúsculas, é difícil detectar complicações de antemão.

O objetivo do projeto Ártemis, a médio prazo, é estabelecer na Lua uma presença sustentada e utilizar as experiências obtidas para planejar uma viagem a Marte em algum momento da próxima década. A missão bilionária dos EUA leva o nome da deusa grega gêmea de Apolo.

NA WEB

EPICENTRO EM CLÍNICA

Legionella causa surto letal na Argentina

Bactéria foi identificada como responsável por grave pneumonia que matou quatro pessoas

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

OS SOLITÁRIOS

Em meio a epidemia de solidão, homens de meia-idade sofrem mais

CONSTANÇA TATSCH
constanca.tatsch@oglobo.com.br
SÃO PAULO

O jornalista americano Billy Baker havia acabado de fazer 40 anos, era casado e tinha dois filhos pequenos quando seu editor disse que tinha uma pauta "perfeita para ele": uma reportagem sobre o fato de homens de meia-idade não terem amigos. Foi um choque. Billy sempre se considerou um cara extrovertido, com vários amigos, uma vida bacana. Não se sentia um solitário. Mas descobriu que sim, ele era.

— Eu nunca me senti sozinho. Eu tinha amigos, mas não tinha tempo para eles. Sentia que algo faltava na minha vida, mas não sabia o que era. Não pensava "poxa, preciso de tempo com meus amigos", era algo que eu deixava para depois que as coisas importantes fossem resolvidas, como trabalho, família, atividade física... Mas isso nunca é resolvido. E só então entendi que amizade é também uma coisa importante — afirma.

Billy escreveu a reportagem "Precisamos nos ver mais",, que acabou fazendo tanto sucesso que gerou um livro, publicado no Brasil pela editora Sextante. O motivo por trás de tantas pessoas se identificarem com o jornalista é simples: o mundo vive uma epidemia de solidão.

Uma pesquisa de 2019 apontou que 61% dos americanos são comprovadamente solitários, porcentagem que havia crescido sete pontos de um ano para outro — antes dos impactos da pandemia. Outro grande estudo, conduzido pela AARP (uma ONG focada em pessoas com mais de 50 anos), mostrou que mais de 42 milhões de americanos acima dos 45 anos sofrem de "solidão crônica". E isso não é um fenômeno exclusivo dos Estados Unidos.

Mas se Billy e tantos outros solitários não têm consciência disso, qual o problema? A questão é que, mesmo quando não sabemos que estamos sós, nosso corpo sabe. Pesquisa da Universidade Brigham Young, que usou dados de 3,5 milhões de pessoas coletados ao longo de 35 anos, descobriu que indivíduos solitários têm um aumento de 32% no risco de morte prematura.

> Indivíduos solitários têm um aumento de 32% no risco de morte prematura

Pesquisadores vinculados à Associação Americana do Coração constataram que o isolamento social e a solidão elevam o risco de infarto e acidente vascular cerebral (AVC) em até 30%. Isso sem falar em todas as perdas cognitivas e de saúde mental daqueles que não podem contar com outras pessoas.

MASCULINIDADES

Em suas pesquisas para o livro, o jornalista descobriu que o gênero faz diferença.

— Eu sou um cara e nunca admitimos quando estamos vulneráveis e as coisas não vão bem. Eu não teria admitido se não fosse meu editor. As mulheres são mais bem equipadas como animais sociais, têm compaixão natural, e quando o estresse acontece os mesmos químicos que levam um homem à resposta de luta ou fuga levam as mulheres a procurar outras pessoas, formar uma rede. Homens falam ombro a ombro e mulheres falam olho no olho. Mas há erros culturais também — afirma.

Para o psicólogo Alexandre Coimbra Amaral, que coordena um grupo terapêutico de homens, o problema maior está, justamente, nesses erros culturais.

— A sensação de conexão com o outro acontece quando o encontro não passa só pelo relato racional, pela troca de dados, as conquistas, os números, os projetos. Para que uma pessoa possa se sentir acompanhada, ela precisa se sentir vista e, para isso, precisa falar de si. É muito comum que os homens tenham poucas relações efetivas em que há, realmente, esse nível de entrega e intimidade. Essa conexão com o outro, em geral, os homens têm pouco — avalia Amaral.

Isso não vale para todos os homens, segundo o psicólogo. É uma questão muito mais presente nos héteros, que às vezes só se abrem mesmo com a mulher:

— Para o homem gay, essa dinâmica é diferente, porque a entrega da intimidade tem a ver com nosso lado mais feminino. O que barra isso no homem heteronormativo é que ele não pode mostrar o que não servir como vantagem competitiva. Ele só mostra o que o coloca no pódio da sociedade. Essa intimidade, que constrói o contrário da solidão, só se desenvolve numa perspectiva mais colaborativa da vida. É o oposto da competição: não preciso fazer tudo sozinho, posso ajudar e ser ajudado, posso falhar e reconhecer o direito do outro de ter falhas — analisa o psicólogo.

> É preciso abandonar a passividade: propor, receber não, propor de novo, e ser específico

O impacto dessa forma de relacionamento preocupa Amaral. De acordo com ele, essa armadura impede que os homens se conectem com suas dores e desenvolvam questões de saúde física que, no fundo, têm "gênese emocional".

RECRIANDO LAÇOS

Billy Baker empreende, então, uma jornada em busca da amizade. Vive um fracasso total quando tenta retomar relações do ensino médio. Atravessa o Atlântico para tentar se reconectar com o melhor amigo que, surpresa, já nem morava mais nos Estados Unidos e ele não sabia. Mas, sobretudo, aprende a fazer novas conexões.

— O primeiro passo foi reconhecer que precisava melhorar nesse aspecto. A cura da solidão é a amizade. E para isso é preciso experimentar estratégias. Eu tentei coisas que deram errado, como reunir a turma da escola. O passado é legal de visitar, mas você não vive nele. É preciso fazer amigos na comunidade em que está agora. Outra coisa é se colocar numa posição mais vulnerável, como fazemos numa relação amorosa — conta ele.

O jornalista considera que o caminho mais fácil é integrar ou criar uma tribo, que tenha algo em comum, como, digamos, boliche. As pessoas se encontram semanalmente, têm aquele gosto em comum, vão criando conexões até surgir uma amizade. Ele também aconselha que se olhe para o colega de trabalho, que está cotidianamente ao seu lado e pode se tornar um bom amigo.

Outra estratégia do jornalista foi segmentar relações que, para ele, foram: a turma da academia, o grupo do pôquer nas noites de quarta, o amigo de surfe, outro de corrida e outro com quem faz um podcast.

Talvez uma das dicas mais importantes dele seja abandonar a passividade: é preciso propor, receber não, propor de novo e ser específico: trocar o "precisamos nos ver mais" por "vamos almoçar no sábado?". Uma hora acontece.

— Se você botar um pouquinho de esforço nas amizades, vai ter um retorno enorme. Não é como comer vegetais ou treinar por horas. É o caminho mais fácil para ter saúde. As pessoas sociáveis são mais felizes e saudáveis — conclui.

"Para que uma pessoa possa se sentir acompanhada, ela precisa se sentir vista e, para isso, precisa falar de si"

Alexandre Amaral, psicólogo

"O primeiro passo foi reconhecer que precisava melhorar nesse aspecto. A cura da solidão é a amizade"

Billy Baker, jornalista e ex-solitário

ENTREVISTA

Javier Perona / PESQUISADOR

Professor afirma que escassez evolutiva justifica atração do homem por comidas com muito açúcar e gordura e cobra de governos ações para reforçar educação nutricional

‘NOSSO CÉREBRO ESTÁ PREPARADO PARA NOS RECOMPENSAR TODA VEZ QUE COMEMOS ULTRAPROCESSADOS’

DIVULGAÇÃO/ MAR SÁNCHEZ, CONSELHO SUPERIOR DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DA ESPANHA

LAURA CAMACHO
Do El País

As prateleiras dos supermercados e mercearias estão cheias de alimentos ultraprocessados, produtos que, em muitos casos, permitem o consumo imediato ou exigem um rápido preparo. Pizzas, batatas fritas e doces industrializados são apenas alguns dos exemplos. Seu consumo está se tornando tão difundido que, na Espanha, o percentual de compras desses alimentos quase triplicou entre 1990 e 2010, indo de 11% para 31,7%, segundo um estudo publicado na Nature em 2017. A definição desses produtos é complexa e, só em 2009, o termo “alimento ultraprocessado” foi cunhado pela primeira vez, por Carlos Monteiro, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP). Javier Perona, pesquisador do Instituto de Gorduras, aprofunda as questões nutricionais desses produtos, bem como suas consequências para a saúde em um livro da coleção do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), “¿Qué sabemos de?” (“O que sabemos disso?”). Em entrevista por videochamada, ele detalha todos os aspectos que envolvem esses alimentos.

O que são alimentos ultraprocessados?

A definição mais aceita pela comunidade científica e por nutricionistas é aquela incluída na classificação NOVA de alimentos processados. O nível quatro determina que um alimento ultraprocessado é aquele que possui alto grau de processamento industrial, em que não se reconhece a matéria-prima a partir da qual foi fabricado, que contém grande quantidade de gordura saturada, açúcar ou sal e que possui uma lista muito longa de ingredientes, sendo que muitos não são normalmente encontrados em casa. Têm aditivos incluídos com o objetivo de aumentar a palatabilidade do alimento, ou seja, melhorar seu aroma, sua cor, sua presença e seu sabor. Um exemplo típico é a adição de glutamato monossódico, um realçador.

O que torna esses alimentos ultraprocessados viciantes?

O principal é a presença de gorduras saturadas, açúcar e sal. Esses componentes dos alimentos são muito agradáveis para nós. Costumo dizer que isso ocorre, porque nós, humanos, tivemos um desenvolvimento evolutivo em que nosso cérebro se aperfeiçoou para tornar esses componentes agradáveis, porque não são fáceis de obter. Você tem que pensar que para nossos ancestrais obter gorduras saturadas não era fácil. Nem açúcar ou sal. Hoje nós os encontramos em todos os lugares, então ficamos viciados nesses nutrientes, pois o cérebro está preparado para nos recompensar toda vez que os consumimos.

Como explicar tanto sucesso?

São muitas razões. Uma delas é que os achamos muito atraentes. Além disso, para a indústria, é uma fonte muito importante de negócios. Temos a publicidade que coloca os processados diante dos nossos olhos permanentemente. Se você vai a um supermercado, descobre que quando vai comprar um produto fresco geralmente tem que percorrer todo o local, porque esse tipo de item geralmente está no final do corredor. Nessa jornada, é preciso atravessar as prateleiras onde estão os produtos ultraprocessados.

Quais os perigos deles?

Uma vez aceita a definição de ultraprocessado, fica muito mais fácil entendê-los e relacionar seu consumo a doenças metabólicas. Temos cada vez mais evidências. Quase todos os dias encontramos um novo estudo que faz essa relação. Dentro dessas doenças, temos a obesidade e todas as patologias que estão associadas ao sobrepeso, como a diabetes. Também temos evidências de doenças neurodegenerativas e estamos até começando a ter evidências de câncer.

Essa relação é comprovada, de causa e efeito?

O problema é que só podemos falar, por enquanto, de associações. Ou seja, aquelas pessoas que consomem mais alimentos ultraprocessados também têm maior probabilidade de ter algumas dessas doenças. Mas, no momento, temos muito pouca evidência de relações causais, porque, como a definição é tão nova, ainda não teve tempo de desenvolver os estudos. Não podemos afirmar com firmeza que se uma pessoa consumir alimentos ultraprocessados, ela acabará tendo uma doença metabólica. O que podemos dizer é que quem consome mais alimentos ultraprocessados costuma ter também mais doenças metabólicas, mas não que haja uma relação causal.

A realização desses ensaios clínicos em nutrição tem dificuldades? Quais?

Com os estudos em nutrição temos muitas complicações. Comida não é droga; as doses que consumimos, os nutrientes e o efeito que eles têm são baixos ou cumulativos a longo prazo, então vemos muito pouco efeito ou precisamos de muito tempo para vê-los. Esse é um dos problemas. Mas temos mais: se compararmos com um medicamento, quando se faz um ensaio clínico, geralmente temos o remédio de um lado, e o placebo, do outro. Na nutrição, placebos praticamente não podem ser usados, porque se você dá

“No desenvolvimento evolutivo, o cérebro se aperfeiçoou para tornar componentes como gorduras saturadas agradáveis, porque não são fáceis de obter”

“As medidas de maior impacto têm que vir das administrações públicas. É preciso estabelecer ações para facilitar que as pessoas consumam menos ultraprocessados”

uma dieta ou um alimento a um grupo de estudo, ao outro você tem que dar outra dieta ou um alimento diferente e isso vai surtir efeito. Um terceiro problema que temos em particular nos alimentos ultraprocessados é a questão ética. Se tentarmos fazer um estudo em que damos a um grupo uma dieta rica em alimentos ultraprocessados, os comitês de bioética provavelmente vão rejeitar a autorização para realizar a pesquisa, porque estamos dando a pessoas algo prejudicial à saúde e isso não é ético.

O que pode ser feito para reduzir esse consumo?

Nesse caso sempre gosto de diminuir a responsabilidade individual que as pessoas têm. No meu ponto de vista, a influência que temos no exterior, em termos de promoções ou publicidade, é tão grande que para a maioria das pessoas é extremamente difícil ter força de vontade suficiente para dizer “não vou consumir alimentos ultraprocessados”, porque a pressão é contínua. Portanto, parece-me que as medidas que podem ter maior impacto têm que vir das administrações públicas. Nossas autoridades sanitárias precisam estabelecer ações para facilitar que as pessoas consumam menos alimentos ultraprocessados.

Diante desse cenário, a regulação poderia ser uma das saídas possíveis?

A publicidade deve ser muito bem regulada, porque é uma importante fonte de influência. Mas também existe a possibilidade de implementar impostos sobre esses produtos ou, alternativamente, também implementar impostos mais baixos sobre alimentos frescos, não processados ou minimamente processados, de forma que sejam substancialmente mais baratos. Essas são algumas das opções que existem, mas, acima de tudo, acho que deveria ser dada muito mais ênfase à educação nutricional. Parece-me que a maioria dos países faz pouco esforço para isso.

Você comenta em seu livro que os pais de hoje estão mais bem informados sobre nutrição para crianças, mas que as taxas de sobrepeso e obesidade são muito mais altas. Por que isso está acontecendo?

Porque uma coisa é a informação e outra é como os pais conseguem aplicá-la. Informação, muitas vezes, não é treinamento. A educação nutricional implica na aquisição de competências de compra, leitura de rótulos, competências culinárias. Esses tipos de questões são também importantes na formação para que essas competências sejam postas em prática. Esses tipos de questões não estão sendo levantadas. Há apenas informação e isso não é suficiente.

Se os alimentos ultraprocessados são mais caros de fabricar, por que acabam sendo baratos no fim das contas?

A razão fundamental para isso, pelo que descobri, é que os componentes que eles carregam são normalmente de baixa qualidade ou vêm de países onde os salários pagos aos produtores e às pessoas envolvidas na elaboração desses ingredientes são baixos. Um exemplo comparativo dessa situação é o que também acontece com a indústria têxtil.

RECEITA DE MÉDICO

Marianne Pinotti
Ginecologista, obstetra e mastologista

Mortalidade materna trágica

No ano de 2021 morreram 2.787 gestantes no Brasil, um aumento de 41%. São mortes trágicas de mulheres jovens. Como cerca de 90% das mortes maternas são evitáveis, esse índice deveria estar caindo se houvesse um mínimo de organização na estrutura do sistema de saúde. Por isso, é com imensa tristeza que analiso esse aumento inaceitável que vai além da mortes, já que revela o cuidado que uma nação tem com suas mulheres.

Alguns podem dizer que a culpa foi da pandemia que causou mais esta tragédia, mas, mesmo levando em consideração este tempo de exceção, este grupo de altíssimo risco deveria ter sido tratado com mais atenção, e por que não dizer, carinho.

A mortalidade materna é um coeficiente medido a cada 100 mil bebês nascidos vivos. A nossa já era muito alta, de 57 por 100 mil em 2019, e cresceu para 107 por 100 mil em 2021, retrocedendo aos índices da década de 1980 quando ainda não tínhamos o SUS. Para termos um exemplo de comparação, a Europa teve 13 por 100 mil. Nos Objetivos sustentáveis do Milênio havíamos firmado um compromisso de, em 2030 chegarmos a 30 óbitos por 100 mil, mas andamos para trás.

Este cenário desnuda o descompromisso e a incompetência das autoridades de saúde no cuidado com as mulheres, expressas em números. Temos experiência e conhecimento para enfrentar essa verdadeira epidemia irresponsável. Desde ações adequadas de planejamento familiar e pré-natal, organização da assistência ao parto, de modo que as gestantes de alto risco possam ter acesso a maternidades com equipamentos e recursos humanos adequados, leitos de UTI materna e referências organizadas, evitando a peregrinação caótica em busca de uma vaga hospitalar. Outra importante ação a ser fortalecida são os Comitês de Mortalidade Materna, que têm por missão analisar considerando uma tragédia, cada uma dessas mortes, identificar as falhas que a causaram para, assim, corrigi-las.

Porém, a solução definitiva passa pela necessidade de estruturar o PAISM (Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher) na atenção primária, criando uma Rede de Atenção Integral à saúde da mulher com centros especializados que dediquem metade de sua área a uma maternidade especializada em casos de maior risco. Aliás os locais e a capacidade de atendimento têm se reduzido cada vez mais: maternidades que historicamente salvaram tantas vidas na cidade de São Paulo, a mais rica da América Latina, sofrem por falta de recursos e por privatizações.

Um hospital de referência da mulher é a única forma de substituir campanhas por uma estrutura permanente

Na década de 1990, meu pai, Dr. Pinotti, construiu um hospital, ao lado da Faculdade de Medicina da USP que deveria ser o Instituto da Mulher. Era o local correto para funcionar como referência nos casos de alto risco obstétrico e neonatal e para orientar a atenção primária na rede de saúde, isso criaria um entrosamento desejável com os órgãos de saúde estaduais e municipais e ampliaria a capacidade de atendimento do HC, em relação a câncer de útero, de mama, de ovário, endometriose, Aids, doenças sexualmente transmissíveis (DST) etc. Todas essas doenças, com taxas também altas de mortalidade, têm na atenção primária a necessidade e a possibilidade de ser atendidas com ações mais simples de detecção e diagnóstico, mas também precisam de um hospital de referência para as ações mais complexas de tratamento.

A implantação de um hospital de referência da mulher, que trate de todas essas ações mais complexas e oriente o PAISM, é a única forma de substituir "campanhas" (que servem só como penduricalhos de um sistema de saúde capenga) por uma estruturação permanente e eficiente desse sistema. Infelizmente este sonho de meu pai ainda não foi realizado, e no século XXI assistimos às mortes evitáveis de gestantes quase dobrarem em nosso país em apenas um ano.

Vacina de varíola dos macacos chega ao país este mês; tire suas dúvidas

Imunizante é o mesmo usado no resto do mundo e tem efeito também pós-exposição ao vírus. Aplicação começará com profissionais de saúde

GIULIA VIDALE
giulia.ribeiro@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O Brasil já registra mais de 5 mil casos confirmados de varíola dos macacos (ou monkeypox), segundo informações do último boletim do Ministério da Saúde. O país é o terceiro em número de infecções no mundo. Também já foram registradas duas mortes em decorrência da doença: uma em Minas Gerais e outra no Rio de Janeiro. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o mundo já ultrapassou 50 mil diagnósticos.

Na última semana, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou o Ministério da Saúde a importar e utilizar a vacina Jynneos/Imvanex, fabricada pelo laboratório dinamarquês Bavarian Nordic. A expectativa é que as primeiras doses cheguem ao país ainda este mês. A seguir, O GLOBO esclarece as principais dúvidas sobre o imunizante.

Quantos tipos de vacina existem para a doença?

Existem três vacinas contra a varíola dos macacos: ACAM2000, LC16 e MVA-BN (Jynneos/Imvanex). A ACAM2000 é considerada uma vacina de segunda geração, feita com vírus replicante. Isso significa que ele pode se reproduzir dentro das células humanas e causar eventos adversos graves como miocardite, pericardite e inchaço do cérebro ou da medula espinhal. Por isso, ela praticamente não é usada atualmente. A LC16 é um imunizante minimamente replicante desenvolvido pela japonesa KM Biologics, feito com baixa capacidade de replicação. Já a MVA-BN, também conhecida pelos nomes comerciais Jynneos (EUA) ou Imvanex (Europa) é a mais moderna entre os imunizantes disponíveis e a mais utilizada no surto atual. Ela é feita com uma versão modificada do vírus *Vaccinia ankara* (MKA), que não é capaz de se reproduzir nas células humanas. Esse é o imunizante aprovado pela Anvisa e adquirido pelo Brasil.

A vacina para varíola dos macacos é a mesma da varíola humana?

Todas as vacinas disponíveis, incluindo a Jynneos/Imvanex, foram originalmente desenvolvidas para proteger contra a varíola humana. Mas, devido à proteção cruzada, elas também têm ação contra outro vírus da família ortopoxvírus, incluindo o monkeypox, causador da varíola dos macacos.

JOE RAEDLE/AFP

Proteção. Enfermeira prepara aplicação em Miami; vacina é de duas doses

Quem tomou a vacina contra a varíola humana está protegido?

Estudos mostram que, na época de aplicação, havia proteção. Entretanto, de acordo com infectologista Julio Croda, presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT) e pesquisador da Fiocruz, não se sabe a duração desse efeito. Vale lembrar que a campanha de vacinação contra a varíola no Brasil se encerrou em 1973, segundo informações do Ministério da Saúde. Portanto, se ainda houver proteção, ela está restrita a pessoas com mais de 50 anos.

Qual é o esquema de vacinação?

A vacina contra varíola dos macacos pode ser usada de duas formas: pré e pós-exposição ao vírus. Em ambos os casos, são duas doses, com 28 dias de intervalo. Tradicionalmente, a aplicação é subcutânea. Entretanto, diante da escassez de doses, a União Europeia, o Reino Unido e os Estados Unidos aprovaram a administração do imunizante por via intradérmica, ou seja, entre as camadas da pele. Isso permite obter cinco doses de um frasco padrão, em vez de apenas uma dose.

Que países já começaram a vacinar contra o vírus?

A lista inclui Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e países da União Europeia.

O uso pós-exposição funciona?

Sim. Segundo Croda, quando aplicada em até quatro dias após a exposição, há interrupção do desenvolvimento da doença.

— Se a aplicação ocorrer entre 5 e 14 dias, é possível minimizar a gravidade do quadro — diz Croda.

Isso é possível devido ao longo período de incubação do vírus monkeypox.

Para quem a vacina é indicada?

A epidemiologista Ethel Maciel afirma que quem deve tomar a vacina são pessoas de maior risco de desenvolver a doença. Em geral, o grupo inclui homens que fazem sexo com homens, pessoas que tiveram contato com casos confirmados e profissionais de saúde.

Qual é a eficácia vacina?

Estima-se que os imunizantes disponíveis apresentam cerca de 85% de eficácia.

Quando vai começar a vacinação no Brasil?

A chegada das 50 mil doses da vacina compradas é esperada para este mês ainda. A primeira remessa terá 20 mil unidades, e o restante deve chegar até novembro. Porém, a pasta não informou quando começará a aplicação no público-alvo.

NA WEB
VÍDEO MOSTRA A BRUTALIDADE
Síndica é agredida por morador na Barra
Comerciante se irritou por não poder se exercitar em academia que passava por pintura

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

COMO NASCE UMA FAVELA

Vazio em 2017, terreno público em Benfica hoje é tomado por vielas e abriga centenas de apartamentos

SELMA SCHMIDT
selma@oglobo.com.br

O terreno, público, quase abrigou uma clínica da família. Mas o que surgiu por lá foi uma comunidade de nome singelo: Deus Que Me Deu. Num espaço de cinco anos, construções irregulares tomaram a área de 4.317 metros quadrados que consta dos cadastros do governo do estado e da União. Os moradores da favela instalada em Benfica têm como vizinhos ilustres o Cadeg e o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, edifício sinuoso projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy e tombado pelo patrimônio.

A Deus Que Me Deu nasceu e cresce sem freios, na Rua Capitão Félix 576, esquina com a Ferreira de Araújo. A ferramenta digital Google Street View revela que, em 2017, a área estava cercada e praticamente vazia. Em 2019, já se notam algumas construções. Hoje há vários prédios — um chegou ao quinto pavimento —, centenas de apartamentos e vielas de terra batida.

O terreno é um dos 37 bens públicos ocupados irregularmente mapeados pelo gabinete do vereador Pedro Duarte (Novo) em três bairros: Benfica, São Cristóvão e Vasco da Gama. A equipe do parlamentar vistoriou 234 imóveis na região, que constam de listas do município, do estado e da União. Os bairros integram o chamado "super-Centro", no projeto do novo Plano Diretor da cidade, em tramitação na Câmara Municipal. Esse perímetro, conforme a proposta, é considerado área prioritária para requalificação e adensamento, por ser próximo ao Centro, além de ter boa infraestrutura urbana e de serviços.

REPRODUÇÕES DO GOOGLE STREET VIEW/MAPEAMENTO DO GABINETE DE PEDRO DUARTE

Vazio. O terreno do estado e da União na Rua Capitão Félix, ainda desocupado: projeto de clínica da família no endereço não foi adiante

O começo. A área, vizinha ao Conjunto Pedregulho, que é tombado: construções irregulares surgem, sem interferência do poder público

Comunidade instalada. A ocupação se expande: a região está no "super-Centro", que tem boa infraestrutura de transporte e serviços

SELMA SCHMIDT

Crescimento vertical. Terreno público é tomado por vielas e cerca de 300 imóveis: uma das construções já está no quinto pavimento

'É IRRESPONSABILIDADE'

Um misto de "construtora" e "imobiliária", ligado ao grupo criminoso que controla a Favela do Tuiuti, se implantou no terreno de Benfica. Há pouco mais de dois anos, o pedreiro Vitor Silva Teixeira e seu pai, também pedreiro, ocuparam um trecho do que se tornaria a Deus Que Me Deu. Construíram ali sua casa, fugindo do aluguel de mil reais por um quarto e sala. De quebra, pai e filho exercem no próprio local a profissão, erguendo outros prédios com pequenos apartamentos para aluguel.

— Hoje, trabalho perto de casa, o que é muito bom. Temos muita obra para fazer. E saímos do aluguel. Quando chegamos, ocupamos — conta Vitor, de 22 anos. — Ouvi falar que vão colocar luz e redes de água e esgoto. Um rapaz do Tuiuti está montando até uma associação de moradores.

Tal ocupação, diz Pedro Duarte, aponta por um lado para "o conhecido déficit habitacional da cidade", e, por outro, para "a ineficiência do poder público para gerir o problema":

— Seria muito melhor que o governo tivesse usado o local para um programa habitacional. Da forma como a ocupação vem sendo feita, aos trancos e barrancos, há risco para os próprios moradores. Os imóveis vêm sendo construídos sem ter o acompanhamento de um engenheiro ou um arquiteto, ou seja, de um profissional que garanta a qualidade da obra. O poder público vai deixando rolar solto. É muita irresponsabilidade.

Na Deus Que Me Deu, onde há cerca de 300 imóveis, já funcionam o borracheiro Fé em Deus, a Assembleia de Deus Palavra, Espírito e Vida e o Serjão do Óleo. Morador do Pedregulho, Sérgio Magalhães pagou R$ 70 mil, há seis meses, por uma loja de frente para a Rua Ferreira de Araújo, onde faz a troca de óleo de veículos:

— Estou bem localizado e trabalhando na profissão que escolhi há 24 anos.

Já Patrícia Silva conseguiu emprego há três meses numa padaria inaugurada na comunidade. Ela se mudou, com o marido e a filha de 8 anos, para o andar de cima:

— Pago mil reais de aluguel, mas moro perto do trabalho.

A Secretaria estadual da Casa Civil alega que a parte da propriedade na Capitão Félix que pertence ao estado foi destinada, "por tempo indeterminado, ao município do Rio para a implantação de uma clínica da família". A pasta havia dito que faria uma vistoria no terreno no dia 26 de agosto, mas nada informa sobre os resultados. A Secretaria municipal de Saúde, por sua vez, argumenta que o espaço cedido seria pequeno e que há restrições para construção no local por estar próximo a bem tombado. Por isso, optou por erguer, a 850 metros dali, outra unidade, inaugurada no segundo semestre de 2016. Já a Secretaria do Patrimônio da União, vinculada ao Ministério da Economia, nada esclarece sobre a situação, diz apenas que o dado "está sendo diligenciado".

Na lista dos 37 imóveis ocupados irregularmente na área do "super-Centro", 17 são da União, sete do município, cinco do estado, um do INSS e um ainda está em nome do extinto Estado da Guanabara. O terreno de Benfica consta das relações de estado e União. Há ainda cinco imóveis que aparecem no cadastro da prefeitura como "nada consta", "outros" ou sem qualquer informação.

"Enfrentamos a situação da desatualização dos cadastros imobiliários enviados pelo poder público", afirma o documento do mapeamento. Dos 234 imóveis listados, 116 têm uso adequado (49,6%). Os demais estão ocupados irregularmente, subutilizados (como estacionamento ou postos de gasolina) ou desapareceram (viraram ruas ou praças, foram vendidos ou incorporados a terrenos vizinhos, embora estejam nos cadastros dos órgãos públicos).

PRESÍDIO E ESCOLA JUNTOS

No documento, técnicos chamam a atenção para outra questão: em Benfica e São Cristóvão, presídios e escolas estão em um mesmo terreno público ou áreas vizinhas. O Presídio Evaristo de Moraes, conhecido como Galpão da Quinta, faz fronteira com a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, a Escola Municipal Mestre Waldemiro e a Creche Municipal Adalberto Ismael de Souza. Situação semelhante ocorre na Cadeia Pública José Frederico Marques, que fica diante de duas escolas municipais: a Alice do Amaral Peixoto e a Cardeal Leme.

Isso é motivo de preocupação para mães e responsáveis. A dona de casa Michele Damasceno, moradora do Parque Alegria, no Caju, diz que faz orações para que não ocorra fuga da Frederico Marques durante o horário de aulas do filho Miguel, de 9 anos:

— Os bandidos mais perigosos vêm para essa cadeia. Depois é que vão para outros presídios. Pensa só se alguém foge e entra na escola? Tenho medo, mas não tive alternativa. Não encontrei vaga para o meu filho perto de casa.

Por nota, a Secretaria estadual da Casa Civil afirma que o governo tem cerca de três mil imóveis. De acordo com levantamento realizado no último mês pela Superintendência de Patrimônio Imobiliário do Rio, existem cerca de sete mil imóveis registrados em nome do município. Segundo o órgão, de janeiro a julho, foram arrecadados R$ 60 milhões com o uso de áreas ou imóveis públicos municipais por terceiros.

Pelo site do Ministério da Economia, há propostas para a compra de 38 imóveis da União no estado. A quarta tentativa de venda do prédio A Noite, na Praça Mauá 7, em julho, foi frustrada — no próximo dia 22, o prédio histórico, anunciado pela primeira vez por R$ 120 milhões, será oferecido por R$ 28,9 milhões. O órgão informa que, com seus imóveis no estado, de janeiro a junho, foram arrecadados R$ 158,7 milhões com aluguéis, foro e vendas.

Há 200 anos, uma cidade voltada para o mar e a rua

Fotos atuais e iconografia de época traçam paralelo entre o Rio da Independência e a paisagem vista hoje

LUDMILLA DE LIMA
ludmilla.lima@oglobo.com.br

FOTOS DE CUSTODIO COIMBRA E REPRODUÇÕES

Eterno cartão-postal. O desenho das montanhas à beira-mar, que inspirou integrantes da Missão Francesa em 1816, encanta locais e turistas nos dias de hoje

Uma cidade festeira, com o povo na rua, e problemas de saneamento, entre outras sérias questões de infraestrutura. Parece o Rio de hoje, mas esse retrato tem pelo menos 200 anos. A capital de 1822 buscava inspiração na Europa e tinha forte influência africana. Embora fosse composta por uma sociedade hierarquizada, não havia ainda divisão espacial acentuada entre ricos e pobres: um nobre podia ser muito bem vizinho de um liberto.

COROAÇÃO DE PEDRO I

Às vésperas do bicentenário da Independência, a comparação entre cenários atuais e sua representação na iconografia de dois séculos atrás pode ser reveladora. Na Praça Quinze, então o centro do poder, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé foi palco da coroação de Pedro I, em 1º de dezembro de 1822, retratada por Jean-Baptiste Debret. Na gravura, há grandes lustres que não existem mais e, ao fundo, um órgão: padre Silmar Fernandes diz que se tratava de um instrumento português, diferente do atual, franco-brasileiro, cuja recuperação terminou antes da pandemia. Por ali, brilhou o talento de José Maurício Nunes Garcia, mais importante compositor brasileiro no princípio do século XIX.

—José Maurício, um padre negro, era o mestre da capela após a chegada da família real. Era um multi-instrumentista e cuidava do órgão —destaca padre Silmar, lembrando que a igreja decorada em estilo rococó em 1822 virou Capela Imperial.

As tribunas eram lugar dos integrantes da família de Dom João VI. Hoje aberta a todos —em todo primeiro domingo do mês ali é servido um café da manhã para moradores de rua—, naquela época quem não fosse da elite ficava do lado de fora nos festejos da monarquia. Foram muitas as celebrações, que se estendiam às redondezas, com direito a cenários, carros alegóricos, danças, fogos e multidões nas ruas. Para a chegada, em 1817, da princesa austríaca Leopoldina, que naquele ano havia se casado com Dom Pedro I, as vias ganharam "esquema de trânsito" e passaram por faxina —havia lixo e esgoto por toda parte. Ambulantes, que já marcavam presença há dois séculos, foram devidamente afastados. Entre as festas religiosas, a do Divino, a mais popular, levava multidões ao Campo de Santana (ou Campo da Aclamação, por ter sido cenário da aclamação do imperador Pedro I em 1822):

—O Campo de Santana era um lugar rural e bem popular. Mas, como não caberia todo mundo no Paço, Dom João faz sua festa de coroação lá (em 1818). Depois, é a vez de Pedro I. E ali virou um espaço cívico muito importante —afirma a historiadora Martha Abreu, professora de História da UFF, antes de completar, brincando: —Havia muitas festas boas, como a de Santa Rita, no Valongo. No carnaval, tinha o entrudo. Eram tantos dias de festa que não sei quando a população trabalhava...

Também professora da UFF, Maria Fernanda Bicalho diz que naquela época o Rio passa por uma expansão territorial e populacional. Pelo Atlas Histórico do Brasil da FGV, havia 60 mil habitantes em 1808; em 1821, já eram 150 mil.

—O Rio é uma cidade que, a partir de 1822, não tem só uma relação através do Atlântico com a Europa, mas principalmente com a África. A partir de 1808 há crescimento grande do tráfico negreiro —diz Bicalho, lembrando que parte dos africanos ficava na Corte, parte seguia para as lavouras de café no Vale do Paraíba e outras capitanias.

Antiga Sé: Padre Silmar na igreja onde Pedro I foi coroado: cerimônia foi retratada por Debret (ao lado)

Pelas ruas, o vaivém era grande. O comércio se concentrava, principalmente, na Rua Direita (atual Primeiro de Março, onde hoje fica o CCBB). As mulheres ricas saíam pouco de casa. Já escravos circulavam vendendo de doces a roupas: muitos trabalhavam para seus donos. A cidade era dependente da água dos chafarizes, rodeados por lavadeiras, mas o historiador e arquiteto Nireu Cavalcanti conta que os endinheirados já tinham água encanada.

—Brás Carneiro Leão, grande importador de vinhos do Porto, tinha uma chácara no Catete com um sobrado de mármore de Lioz, água encanada e calefação —conta ele.

Com a chegada da Corte e, depois, da imperatriz Leopoldina, vieram artistas e cientistas: na Missão Francesa de 1816, que trouxe o pintor Jean-Baptiste Debret, e na Missão Austríaca, no ano seguinte, vieram especialistas dedicados a retratar e estudar o país de forma minuciosa.

Além das festas, o lazer de outrora incluía teatros —e não demorou, diz Nireu, para o Rio ganhar restaurante com mesas ao ar livre.

—Um lugar que concentrava gente era o Hotel Pharoux *(no Largo do Paço)*. A cidade começava a se modernizar, mas sem investimento público —lembra o arquiteto.

Visto assim do alto. A paisagem da Enseada de Botafogo, com o Morro do Pão de Açúcar ao fundo, foi tomada pela urbanização do bairro, mas ainda preserva encantos registrados em gravura no início do século XIX (ao lado)

Centro do poder. Resistem na Praça Quinze o Chafariz do Mestre Valentim, que abastecia embarcações, e o Paço Imperial, sede de governo da Corte portuguesa, retratados pela Missão Artística Francesa

Leitores

NA WEB

ACERVO

Rock in Rio de 1985; você foi?

Veja seleção de imagens do público que lotou a primeira edição do festival.

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MENSAGENS: CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Esses políticos...

O país está em crise e, segundo a mídia, com 33 milhões de brasileiros passando fome. A classe política, com seus invejáveis salários acrescidos de alguns "auxílios", não foi afetada pela pandemia nem pela agressão russa aos ucranianos. Deveria ter aliviado os cofres federais. Não aliviou. (...) Sugiro aos eleitores não reelegerem aqueles que votaram favoráveis ao Fundo Eleitoral e, para identificá-los, basta pesquisar no Google "como cada parlamentar votou pelo fundo eleitoral de R$ 5,7 bilhões". Ou então, melhor ainda, só votar naqueles que prometerem extinguir os fundos eleitoral e partidário para dispormos de tais recursos em benefícios coletivos.

HUMBERTO SCHUWARTZ SOARES
VILA VELHA, ES

Com a abertura da temporada de caça ao voto, candidatos de todos os matizes ideológicos — muitos, na verdade, sem ideologia alguma — invadem as telinhas país afora apresentando o show de horrores de sempre. A grande maioria a proferir asneiras, mentiras e promessas que jamais serão cumpridas, como erradicar as mazelas sociais, a corrupção e a violência. Veteranos e manjados picaretas fazem de tudo para manter todos os seus imorais privilégios e mordomias que os mandatos asseguram — à custa, claro, dos nossos escorchantes impostos. Esse triste e injusto cenário precisa mudar. Para o bem do Brasil e dos brasileiros de bem. É chegada, pois, a hora do acerto de contas com os eleitores, para a remoção dos maus políticos para a lixeira da História.

ARMANDO FRAGA MOREIRA
RIO

Existem três espécies de políticos: 1) aqueles que trabalham com objetivo de escolher a melhor alternativa para o povo, tanto no Legislativo quanto no Executivo, procurando opção para empregar os recursos, que são escassos, de forma racional, em benefício da sociedade; estes são excelentes. 2) os que não têm as virtudes dos primeiros, no entanto, procuram evitar desvios nos recursos da administração pública e se opor a leis e obras inexequíveis; estes são bons. 3) aqueles que não se enquadram nas duas primeiras opções e procuram se apresentar como excelentes e capazes de resolver todos os problemas da sociedade, mas querem, na verdade, resolver seus próprios problemas, enriquecer à custa do poder público, em vez de trabalhar em benefício daqueles que os elegeram. Estes são nocivos. Pense, eleitor. Se não conseguir descobrir o político que se enquadra no primeiro perfil, vote pelo menos no segundo, nunca no terceiro.

ADEMAR DE BORBA
RIO

Mal maior

De fato, não é fácil esquecer que houve corrupção no governo Lula. Mas muito mais difícil será esquecer o tamanho do mal que o presidente Jair Bolsonaro tem causado ao Brasil, que vai desde o descaso com a pandemia e milhares de mortes que poderiam ter sido evitadas, incluindo o desmonte da educação, ciência e cultura, o estímulo criminoso à aquisição de armas e à violência, a ineficiência governamental, tudo isso somado a uma corrupção sem controle pelos órgãos competentes.

ELIANA FRANÇA LEME
CAMPINAS, SP

Radicalização

O Brasil nunca viveu um período de tanto extremismo como agora. Diariamente, vemos notícias de violência física, moral e psicológica em todas as partes, realizada por todo tipo de gente, cujo acirramento, via caixa de ressonância, vem da política de ódio incentivada, principalmente, por Bolsonaro, sua família e a claque que o segue, disseminando suas práticas fascistas, racistas, falas agressivas e as fake news que boa parte do governo e das mídias incorpora. E se espalham. Têm se tornado frequentes as discussões envolvendo tais grupos, e quem pensa diferente é chamado então de "esquerdista", "comunista" e de "o mal para o país". (...) Faltando um mês para o primeiro turno das eleições, e em plena campanha nas ruas, nas redes sociais, nos lares e, infelizmente, em alguns templos de oração, é bom que a festa da democracia não seja contaminada.

JOÃO DI RENNA
RIO

Fantasmas

Incrível a resposta do prefeito Eduardo Paes à divulgação da existência de funcionários fantasmas em seu gabinete. Dizer que desconhecia é uma falácia elevada a uma potência infinita. Qualquer gestor que se preze tem conhecimento da contratação de funcionários para seu gabinete. (...) Senhor prefeito, assuma suas responsabilidades. A população carioca agradece.

VIRGÍLIO ADONAI GONÇALVES
RIO

Leniência

Magistral a coluna "Pequenos roubos", de autoria de Carlos Alberto Sardenberg, ontem no GLOBO. Sintetiza a verdade inconveniente de que há corrupção, mas que não há como punir. Donde se depreende que a questão fundamental não está na integridade das urnas, mas dos candidatos. A menção à frase do Jô Soares merece uma placa: "A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa". Com efeito, o par corrupção e impunidade impede que o Brasil esteja entre os mais ricos do mundo.

JOÃO CARLOS ARAÚJO FIGUEIRA
RIO

Rock bem-vindo

O Rock in Rio, além da sua importância cultural e musical, tem para a Cidade Maravilhosa uma incrível capacidade turística e econômica. Atrair mais de 300 mil pessoas vindas de várias cidades do país e também do exterior é um atributo que nenhum evento consegue igualar, de que os hotéis, restaurantes e o comércio em geral se beneficiam extraordinariamente. Além disso, sendo o dito festival transmitido ao vivo pela televisão, para todo o Brasil e o exterior, possibilita tornar a cidade do Rio de Janeiro um polo de atração turística incomensurável, mesmo depois do encerramento.

JOSÉ DE ANCHIETA NOBRE
RIO

Sem paternalismo

Essa história de igualdade de gêneros, amplamente externada por muitos candidatos, é falácia de quem pretende se eleger ou reeleger. Nós, mulheres, não precisamos de flores nem bombons e, sim, de ter nossa dignidade respeitada. Somos cidadãs, assim como toda a diversidade que veio à tona nestes últimos anos e foi reconhecida pelos poderes públicos. Bonito de ver. Mas e na prática? O machismo e o patriarcalismo são traídos pelos discursos. Há uma dificuldade visível de ombrearmos com o chamado "sexo forte" (questão de músculos). Não precisamos da ajuda na cozinha acenada por um dos candidatos. Até porque, não consideramos este como, a priori, o nosso lugar. Sabemos escolher o nosso lugar. Mulheres do meu Brasil, não vamos na conversa de quem nos despreza e agride com ironias e violência verbal. Tá difícil, mas vamos pender para o lado que, admitamos ou não, representa uma saída.

MARLENE DE LIMA
RIO

Aposentadoria

Manter uma caderneta de poupança desde algum tempo com saldo que possa garantir uma aposentadoria sem sobressaltos passou a ser muito complicado, pode se dizer quase impossível de sonhar nos dias atuais. Não temos aumentos de salários condizentes com a realidade de nossas vidas. (...) Nossos minguados salários, chamados inadvertidamente de renda, cada dia se reduzem mais com tantos impostos elevados a bel-prazer desses políticos fantasiados de administradores talentosos. Esses caras pensam apenas em engordar o gado e, sem dó nem piedade, castigam e punem sem alguma palavra de carinho ou de consolo uma parcela da sociedade, aquela que ainda consegue guardar e fazer sobreviver alguns reais.

DAYSE MARA
RIO

Falta compaixão

Um ladrão roubou um carro no qual estava uma cadeirinha especial para uma criança com deficiência se locomover. Quando soube, devolveu o carro — com a cadeirinha — e deixou um pedido de desculpas por escrito, adicionando que o tanque estava cheio. Em Guarapari, um bebê de 7 meses engoliu uma lagarta. Os pais o levaram ao hospital, onde a médica de plantão se recusou atendê-lo por sentir nojo. A criança morreu. Em resumo, o ladrão mostrou compaixão; a "doutora" não deveria nem ser médica, que dirá de hospital infantil. Realmente, as pessoas surpreendem, tanto para o lado bom quanto para o negativo.

LUIZ FERNANDO CRUZ
RIO

Segurança

Quero sugerir aos novos governadores medidas que podem diminuir a insegurança. O aumento do número de policiais traria a redução da violência e, em consequência, menor custo das empresas com segurança e menos perdas das pessoas físicas com roubos ou furtos. Além disso, ocorreriam menos prisões, o que reduziria o custeio dos presídios. (...) Os estados, a quem cabe fazer o policiamento, poderiam gastar um pouco mais, pois, como dissemos, haveria uma compensação. Tudo isso com uma eficiente corregedoria da PM. A longo prazo, a solução é educação em tempo integral.

ILSON J. DA SILVA
RIO

Mourisco

É uma vergonha o que o Botafogo está fazendo com a sede do Mourisco Mar. Uma área de excepcional localização para a prática de esportes aquáticos sendo abandonada a cada dia. Com a palavra, o presidente do clube.

ANTÔNIO COSTA
RIO

HÁ 50 ANOS

Apoio de US$ 3 bi para a indústria

04/09/1972

3 BILHÕES DE DÓLARES PARA NOSSA INDÚSTRIA

Nelson Prudêncio na final do salto tríplo

O GLOBO

edição FINAL

Fla e Flu em decisão empolgante

Brasil debate medidas contra pirataria aérea

O presidente do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos, Henry Kearns, disse em entrevista exclusiva ao GLOBO que o Brasil poderá receber US$ 3 bilhões para projetos industriais nos próximos dois anos. Antes de deixar São Paulo com destino à Argentina, ele fez um balanço de sua visita ao Brasil, sugerida pelo ministro Delfim Netto. Segundo Kearns, o país está resolvendo bem os seus problemas. Ele disse ainda que não vislumbra algum possível substituto para o dólar na economia mundial.

Tempo

TEMPERATURA	> 40º	37º/40º	33º/36º	29º/32º	25º/28º	20º/24º	16º/19º	12º/15º	< 12º
PREVISÃO	Sol	Nublado parcialm.	Nublado	Pancadas de chuva	Nublado c/ chuvas	Chuvas e trovoadas	Geada		

SOL E LUA	Nasc. 6H01 Poente 17H43	Cheia 10/09	Ming. 17/09	Nova 02/09	Cresc. 03/09
MARÉ	Hora Altura	BAIXA 0h41m 0,5m	ALTA 5h51m 1,1m	BAIXA 13h03m 0,3m	ALTA 18h43m 1,1m

Boa Vista 24°/30°
Macapá 26°/34°
Fortaleza 23°/31°
Natal 24°/29°
Manaus 22°/37°
Belém 22°/32°
São Luís 24°/33°
João Pessoa 23°/28°
Porto Velho 20°/35°
Teresina 26°/37°
Recife 21°/27°
Rio Branco 18°/32°
Palmas 25°/38°
Maceió 20°/26°
Aracaju 21°/26°
Cuiabá 20°/35°
Brasília 15°/29°
Salvador 22°/25°
Campo Grande 15°/27°
Vitória 18°/26°
Belo Horizonte 14°/31°
Goiânia 18°/35°
Rio de Janeiro 17°/22°
São Paulo 12°/16°
Porto Alegre 8°/17°
Florianópolis 10°/17°
Curitiba 8°/12°

BRASIL
Dia de chuva, vento forte e temperatura baixa em quase todo o leste do Sudeste. Calor e pancadas de chuva na costa do Nordeste e no Norte. Sol nas demais áreas do país, com frio e geada no Sul.

RIO
Uma frente fria avança pelo Sudeste e espalha muitas nuvens carregadas pelo estado. Chove desde cedo e a temperatura cai bastante. Há previsão de chuva forte e volumosa e rajadas de vento.

Porciúncula 22° 16°
Bom Jesus do Itabapoana 23° 17°
Itaperuna 25° 17°
NORTE
São Francisco de Itabapoana 24° 19°
Santo Antônio de Pádua 24° 17°
São Fidélis 25° 18°
Campos 25° 19°
São João da Barra 24° 18°
Santa Maria Madalena 21° 13°
SERRANA
Paraíba do Sul 24° 16°
Nova Friburgo 17° 11°
Visconde de Mauá 15° 10°
Valença 19° 15°
Teresópolis 21° 13°
Casimiro de Abreu 23° 18°
Macaé 25° 19°
Resende 20° 15°
Volta Redonda 20° 15°
Barra do Piraí 22° 16°
Petrópolis 20° 12°
Cachoeiras de Macacu 21° 16°
Rio das Ostras 25° 19°
Barra Mansa 20° 15°
SUL
Duque de Caxias 22° 19°
Silva Jardim 22° 19°
Búzios 20° 17°
LAGOS
Araruama 22° 18°
Mangaratiba 21° 17°
Rio de Janeiro 22° 17°
Cabo Frio 20° 17°
Angra dos Reis 21° 17°
Niterói 20° 19°
Maricá 22° 18°
Saquarema 21° 18°
METROPOLITANA
Paraty 20° 16°

Previsão	ZONA SUL	ZONA NORTE	ZONA OESTE	SENSAÇÃO TÉRMICA/RIO	PROBABILIDADE DE CHUVA
HOJE	17°/21°	17°/22°	17°/22°	15°/21°	Alta
AMANHÃ	16°/22°	15°/23°	16°/22°	13°/22°	Baixa
TERÇA	16°/23°	15°/25°	15°/25°	14°/25°	Baixa
QUARTA	16°/26°	14°/28°	14°/28°	16°/28°	Alta
QUINTA	17°/27°	15°/29°	15°/29°	17°/29°	Alta
SEXTA	16°/30°	14°/32°	14°/32°	16°/32°	Baixa
SÁBADO	18°/27°	17°/28°	18°/28°	18°/28°	Alta

Praias - Impróprias: Flamengo, Botafogo, Leblon e Barra (Quebra-Mar e Pepê).

informações: Inea

Ondas - Mar subindo, com ondas de até 1,5m. Ondulação de sul. Melhores locais: Recreio, Leblon e Arpoador.

informações: Ricosurf

Ventos - Ventos de sudoeste a sul, variando entre 10 e 30 km/h. Rajadas de até 60 km/h.

CLIMATEMPO

As belezas 'sobrenaturais' que assombram os cariocas

Passos no meio da noite, óperas em prédios vazios e 'aparições' recheiam o imaginário em edifícios históricos

FOTOS DE HERMES DE PAULA

Além da imaginação. Os bastidores do Teatro Municipal: funcionário diz ter sentido aumento de aparições durante a pandemia e que já conversou com Bilac

CARMÉLIO DIAS
carmelio.dias@oglobo.com.br

O Rio encanta o mundo com suas belezas naturais. Até aí, nada de novo. O que nem todos sabem é que a cidade também tem lá suas "belezas sobrenaturais". Endereços históricos, de arquitetura suntuosa, guardam segredos que ninguém pode ver — ou quase ninguém. No Teatro Municipal, por exemplo, o encarregado de administração Francisco Mota, de 65 anos, diz que já perdeu a conta das vezes em que presenciou manifestações do além, como um piano que toca sozinho, a descarga acionada num banheiro vazio e até mesmo contato direto com seres do outro mundo.

— É mais comum do que as pessoas pensam. Depois que o prédio ficou um tempo fechado, por causa da pandemia, senti que houve um aumento significativo das aparições — assegura o servidor, que dá expediente no Municipal há quase três décadas.

Nesse tempo, Francisco afirma que avistou muitos fantasmas anônimos, mas que também teve a oportunidade de uma breve conversa com o escritor Olavo Bilac, célebre poeta parnasiano que fez o discurso inaugural do teatro, em julho de 1909.

— Era dia de concerto. Quando cheguei para arrumar os lugares de um dos camarotes, ele estava lá, com terno, chapéu e bengala. Falou comigo, se apresentou e eu apenas respondi: "Fique à vontade, meu amigo" — relata Francisco, para quem os pontos de maior incidência de fenômenos são as galerias, as últimas fileiras da plateia, o hall em que estão expostos os bustos de notáveis e o balcão nobre, onde certa vez, conta, uma espectadora desmaiou ao se deparar não com um, mas com três fantasmas de uma só vez. Convenhamos, não era para menos.

Há relatos parecidos na Biblioteca Nacional, no Palácio Pedro Ernesto, no Paço Imperial, no Arco do Teles, no Museu Histórico Nacional e no Real Gabinete Português de Leitura.

— As histórias de fantasmas são quase uma tradição nas bibliotecas e nos prédios históricos. Eu tenho a tese de que o fantasma de Machado de Assis mora aqui, numa porta decorativa que temos na sala dos brasões — diz Gilda Santos, vice-presidente cultural e do centro de estudos do Real Gabinete, fundado em 1837, que ocupa um prédio de assombrosa beleza, erguido em estilo neomanuelino na Rua Luís de Camões, no Centro.

REMORSO DE MACHADO

Gilda lembra que Machado frequentou bastante o Real Gabinete, onde, contam os biógrafos do Bruxo do Cosme Velho, adquiriu muito da vasta cultura que tinha. Apesar disso, em toda a sua obra, o lugar é citado apenas de relance, uma vez, numa pequena crônica.

— Certamente, ele deve se penalizar por isso, e como forma de compensar esse esquecimento deve ter vindo passar a eternidade aqui — brinca.

A julgar pelo depoimento de antigos funcionários, Machado não está sozinho por lá.

— Duas funcionárias escutaram um caminhar idêntico ao de um antigo bibliotecário que trabalhou muitos anos aqui, o seu Arthur. Elas nunca mais foram àquela sala depois disso — disse Célia Verônica de Castro, encadernadora do Real Gabinete, que afirmou já ter visto vultos durante o trabalho.

Tese. A entrada do Gabinete Real Português de Leitura: morada de Machado

> *"Nós já ouvimos vários relatos de pessoas que dizem ter visto ou sentido algo aqui. Precisamos respeitar a percepção de todos, mas não temos indícios concretos de nenhum fenômeno dessa natureza"*
>
> **Vander Firmino,** gestor do Castelinho do Flamengo

O historiador, professor e guia turístico Milton Teixeira é um conhecido estudioso do assunto. Certa vez, foi convidado a passar a noite no Castelinho do Flamengo onde, acredita-se, habita o espectro de uma menina, antiga moradora da casa na primeira metade do século XX.

— De madrugada, ouvi um barulho forte na janela e fui conferir. Era apenas uma mariposa. Na verdade, não tenho medo dos mortos, mas, sim, dos vivos — diverte-se.

O professor acredita que o fato de muitos lugares com relatos de aparições terem ficado fechados por tanto tempo pode, sim, ter proporcionado mais espaço para esse tipo de situação:

— Não resta dúvida de que esse período da pandemia pode ter contribuído para aumentar a incidência ou a percepção desses fenômenos. Com certeza movimento demais atrapalha, inclusive os eventos costumam acontecer sempre depois do expediente, geralmente são vigias noturnos que testemunham essas manifestações.

Os personagens ligados à história inicial do Castelinho do Flamengo assustam por si só. O local foi construído no início do século XX por um próspero comerciante que viveu ali com a mulher e a filha. A menina teria presenciado a morte dos pais, atropelados por um bonde que passava na frente da casa. Depois disso, ela passou a ser cuidada por um tutor que a maltratava. Para dar fim às violências, teria, então, tirado a própria vida ali mesmo.

— Nós já ouvimos vários relatos de pessoas que dizem ter visto ou sentido algo aqui. Precisamos respeitar a percepção de todos, mas não temos indícios concretos de nenhum fenômeno dessa natureza. No fundo, essa fama é boa, pois muitas pessoas acabam procurando o Castelinho por causa dela e se encantam com o lugar quando chegam — diz Vander Firmino, gestor do Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho, o nome oficial do Castelinho.

Já o Museu Histórico Nacional, no Centro, funciona num local ocupado desde o início século XVII e que já abrigou um forte, uma prisão, um arsenal de guerra e um quartel militar. São mais de 400 anos de história naquela área — terreno fértil para aparições misteriosas.

— Quando trabalhava na biblioteca, já faz alguns anos, eu limpava as prateleiras de livros quando escutei passos. Eu vi uma pessoa andando em zigue-zague entre as prateleiras e atravessando a porta da biblioteca para o arquivo. Então, fui perguntar à responsável de lá e ela disse que não tinha visto ninguém. Algum tempo depois, aconteceu o mesmo com ela — lembra a copeira Jaquiline da Silva Cosme.

ÓPERA NA UFRJ

Mais distante do Centro, o prédio histórico do campus da Praia Vermelha da UFRJ foi inaugurado em 1852 para ser o Hospício de Pedro II. O Palácio dos Loucos, como chegou a ser chamado, foi desativado e entregue à universidade apenas na década de 1940. O grande e belo edifício, estruturado em extensas alas simétricas, com pátios e jardins internos, também tem histórias difíceis de acreditar. Sinos que tocam sozinhos, vultos de natureza variada e até uma misteriosa cantora de ópera com hábito de ensaiar à noite estão entre os relatos ouvidos.

— Assim que as atividades presenciais retornaram, um profissional veio trabalhar no conserto das janelas do Salão Pedro Calmon. No dia seguinte, ele perguntou se havia alguém ensaiando ópera por aqui. Respondi que não e ele ficou impressionado porque jura ter ouvido uma mulher cantando, mas o prédio estava vazio — disse um funcionário, que pediu para não ser identificado. Vai que, não é mesmo?

Esportes

NA WEB

COPA DO MUNDO
Álcool só ao redor do estádio
No Qatar, torcedores poderão beber em barracas perto das partidas

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MARCELO BARRETO
esporteglb@oglobo.com.br

Uma pausa para abrir pacotinhos

Não é uma temporada para principiantes, essa de 2022. Talvez sejam as emoções represadas por dois anos de pandemia, em que a bola, quando rolou, foi quase sempre a portas fechadas. O público voltou aos estádios, e os clubes cariocas responderam com boas campanhas (no caso da dupla Fla-Flu) ou a esperança de dias melhores (com a transformação de Botafogo e Vasco em SAF). Mas cresceram também os casos de violência e preconceito — principalmente o racismo, que na contagem do Observatório da Discriminação Racial no Futebol já acumula 66 denúncias em nove meses, mais do que nos 12 dos anos anteriores. Para quem trabalha com jornalismo esportivo, é uma alternância de emoções positivas e negativas que parecia não dar um intervalo para respirar.

Até que chegaram as figurinhas. Um ano normal de Copa do Mundo já teria começado com elas, mas até nisso este 2022 é diferente. Os álbuns só apareceram nas bancas quando as competições de clubes, deste lado do Atlântico que segue o calendário solar no futebol, já estavam na reta final. E de uma hora para outra as crianças de todas as idades — com mil perdões pelo jargão inevitável — ganharam uma oportunidade de prestar atenção a outra coisa que não fosse a diferença de pontos no Brasileiro ou o saldo de gols para o jogo de volta da Copa do Brasil ou da Libertadores.

As crianças da minha idade têm uma atração irresistível pelos álbuns da Copa do Mundo: a saudade. O ato de abrir os pacotinhos foi preservado, mesmo que já não seja mais preciso colar as figurinhas com cola Tenaz e não exista mais o encanto das premiadas. Feiras de colecionadores e redes sociais substituíram o bafo — atividade na qual sempre fui um fracasso, por conta da mesma inabilidade manual que tinha para jogar bola de gude ou construir pipas — como forma de buscar aquele jogador que falta para completar a página da Tunísia, mas o espírito comunitário da troca (mesmo que o objetivo final seja achar que levou vantagem sobre o amiguinho) ainda está lá. Em suma, não são pequenas adaptações na forma que vão interromper nossa viagem ao passado.

> ***O ato de abrir os pacotinhos foi preservado, mesmo que já não seja mais preciso colar as figurinhas com cola Tenaz e não exista mais as premiadas***

Mas e as crianças de hoje? Essas teriam tudo para desprezar um hábito nada tecnológico, todo feito em papel (sendo que boa parte vira lixo imediatamente), sem passar por nenhuma tela. Se fosse para buscar informações sobre os jogadores que estarão no Qatar em novembro, bastaria uma rápida consulta ao Google. Mas uma geração definida pela pressa, pela angústia diante da demora para completar uma tarefa, se une às anteriores numa sequência de hábitos que exige paciência e dedicação: ir à banca, abrir os pacotinhos, conferir a numeração, separar as figurinhas repetidas para a troca. Eu poderia perguntar a meu filho de 14 anos onde está o encanto, mas prefiro não correr o risco de ouvir uma resposta típica da idade, como "porque é legal".

Em vez disso, fico com a sensação otimista de que a diversão pode ser algo atemporal. Colecionar figurinhas mexe com emoções básicas de expectativa e realização, alimenta o sentido de comunidade e, ao trazer informações que ainda não tínhamos sobre jogadores de seleções distantes, alivia a sensação de vertigem de quem vive numa aldeia global — mesmo quando o tema é algo tão universal quanto a Copa do Mundo. Quer trocar?

Fluminense é anulado e derrotado pelo Athletico-PR

Time não consegue criar para Cano, erra muitos passes e sofre com estratégia reativa da equipe comandada por Felipão

DIOGO DANTAS
diogo.dantas@extra.inf.br

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE

Muito marcado. Paulo Henrique Ganso entre dois marcadores do time paranaense criatividade do time não apareceu

O Fluminense segue oscilando no Brasileiro e sem conseguir sonhar de fato com o título. Em mais uma atuação longe de seu padrão ideal, a equipe foi derrotada pelo Athletico-PR fora de casa, vai perder a terceira posição. Após o 1 a 0 que levou na Arena, o tricolor será ultrapassado por quem vencer o duelo entre Corinthians e Internacional. Em caso de empate, o tricolor sai do G-4, já que os dois times ficarão um ponto à frente.

Em jogo de poucas oportunidades, o Athletico foi mais eficiente em sua estratégia, ao recuar suas linhas e surpreender o Fluminense com forte marcação e contra-ataque. Pablo, que fez o gol da vitória no primeiro tempo, teve participação sem a bola, enquanto do outro lado Cano esteve apagado. Sem conseguir acionar o seu principal atacante, o Fluminense não criou chances de perigo durante 90 minutos.

A chance de recuperação será no próximo fim de semana, contra o Fortaleza, no Maracanã. Em seguida, o Fluminense tem o Corinthians pela segunda partida da semifinal da Copa do Brasil.

O time já iniciou a partida muito desorganizado na Baixada. Ainda que mantivesse a posse da bola, ficou vulnerável quando a perdia. O Athletico optou por esperar o adversário em seu campo e sair em velocidade. Assim criou algumas situações até os 20 minutos. O time da casa aproveitou o bom momento para adiantar seu meio-campo e sufocou o Fluminense. As jogadas do Athletico pelas laterais causavam sérios problemas. E o tricolor não conseguia responder na mesma moeda, pois errava muitos passes. Por consequência, Cano pouco tocou na bola ainda na etapa inicial.

Pablo, sim, ao marcar após belo cruzamento de Cuello, aos 25 minutos, mostrou que a tática de Felipão daria resultado. O gol fez Fernando Diniz cobrar que a equipe se adiantasse, e empurrasse o rival para perto de seu gol. Já Felipão pedia que o Athletico marcasse a partir do meio-campo e não deixasse o adversário entrar tocando bola. Pedido obedecido e o ímpeto dos cariocas no fim do primeiro tempo se reduziu, sem chances claras de gol.

Diniz nem esperou muito e no intervalo tentou modificar o time. Entraram Marrony e Martinelli, nos lugares de Matheus Martins e David Braz, deixando o time com apenas Manoel de zagueiro. Mas outras peças em campo seguiam muito mal, sobretudo Caio Paulista e Nathan. Ganso teve alguns lampejos, mas não dava dinâmica ao meio-campo, e André acabava sobrecarregado nas saídas de bola. Cano seguia sem ver a bola e acabou saindo para a entrada de Willian. Enquanto isso, o ataque do Athletico conseguia pressionar a saída de bola e criar mais chances. Aos 13 minutos, Vitor Bueno apareceu do lado direito e chutou cruzado, exigindo boa defesa de Fábio.

Na metade final do segundo tempo, Diniz trocou Manoel por Felipe Melo, e o Fluminense se lançou de vez para buscar o empate. A aposta foi mais na bola aérea, já que com a troca de passes estava complicado. Mas nem na tática, nem na técnica, menos ainda na questão física, o Fluminense conseguiu ser superior.

SÉRIE A
25ª RODADA

CLASSIFICAÇÃO

		P	J
1	Palmeiras	51	25
2	Flamengo	43	24
3	Fluminense	42	25
4	Corinthians	42	24
5	Athletico-PR	42	25

P: Pontos **J**: Jogos

1 — **0**

Athletico
Anderson, Orejuela, Pedro Henrique, Matheus Felipe e Pedrinho; Hugo Moura, Vitor Bueno (Terans) e Léo Cittadini (Matheus Fernandes); Rômulo (Bryan Garcia), Cuello e Pablo.

Fluminense
Fábio, Samuel Xavier, David Braz (Martinelli), Manoel (Felipe Melo) e Caio Paulista; André, Nathan (Yago Felipe) e Paulo Henrique Ganso; Matheus Martins (Marrony), Arias e Cano (Willian Bigode).

Gols: 1ºT: Pablo, aos 25 minutos. **Juiz:** Flavio Rodrigues de Souza (Fifa-SP). **Cartões amarelos:** Bryan Garcia e Anderson (Athetico). **Público pagante:** Não divulgado. . **Renda:** Não divulgado. **Local:** Arena da Baixada (Curitiba-PR)

Vasco joga mal e perde mais uma fora de casa na Série B

Com poucos recursos, time parou no Brusque, em Santa Catarina, e vê sua posição no G4 mais ameaçada a cada rodada

TATIANA FURTADO
tatiana.furtado@oglobo.com.br

Com mais uma atuação ruim e a impressão de não ter mais recursos, o Vasco perdeu para o Brusque por 1 a 0, ontem, em Santa Catarina. A equipe ainda continua na quarta colocação da Série B, com 45 pontos, mas vê sua vantagem para os adversários logo abaixo diminuir a cada rodada. No próximo domingo, o time de São Januário enfrentará o Grêmio, em Porto Alegre.

Foi mais uma atuação que reflete o estado de desconfiança da torcida. Apesar de o time estar se garantindo na zona de acesso ao longo de quase todo o campeonato, a cada rodada o retorno à Série A parece mais perto pela posição na tabela e mais longe pelo futebol jogado. Faltam agora dez partidas.

Contra o Brusque, a equipe pouco produziu e pouco ameaçou o adversário fora de casa. Já são seis jogos sem vitória como visitante.

Ainda flertando com o rebaixamento, o Brusque se apresentou mais para o jogo. O goleiro Thiago Rodrigues e falta de pontaria dos atacantes adversários até tentaram ajudar o Vasco. Mas, aos 25 minutos do primeiro tempo, não teve jeito. Quintero tocou a bola com o braço na área, o VAR foi acionado e o pênalti marcado. Thiago defendeu o chute de Taliari com o pé, mas o atacante pegou o rebote e abriu o placar.

Sem Nenê, poupado, coube a Alex Teixeira o comando do meio-campo. Mas não funcionou como se esperava. Nem ele e nem o restante do time, que apresentou um jogo lento, de pouca transição e refém de bolas longas. Foi numa dessas tentativas que o camisa 7 do Vasco marcou, mas não valeu por causa da mão na bola.

O panorama do jogo não mudou para nenhum dos dois times. Só nos 15 minutos finais, o técnico Emílio Faro tentou movimentar o jogo com as entradas de Figueiredo e de Palacios, uma das principais contratações do ano do Vasco. Por fim, tirou um zagueiro e colocou mais um homem de frente. Mas, novamente, nenhuma das modificações táticas feitas pelo treinador surtiu efeito.

DANIEL RAMALHO/VASCO

Sem recursos. Com jogo lento, Vasco foi facilmente marcado pelo Brusque

1 — **0**

Brusque
Belliato, Éverton Alemão, Ianson, Wallace e Alex Ruan (Angelo); Rodolfo Potiguar, Balotelli e Álvaro (Matheus Trindade); Gabriel Taliari (Luis Antonio), Alex Sandro e Fernandinho (Jailson).

Vasco
Thiago Rodrigues, Matheus Ribeiro (Danilo Boza), Quintero (Bruno Tubrão), Anderson Conceição e Edimar (Paulo Victor); Yuri (Palacios), Andrey, Marlon Gomes (Figueiredo) e Alex Teixeira; Eguinaldo e Fábio Gomes.

Gols: 1T: Taliari, aos 25 minutos. **Juiz:** Wilton Pereira Sampaio (Fifa-GO). **Cartões amarelos:** Quintero e Anderson Conceição (Vasco) e Bruno Aguiar (Brusque). **Local:** Estádio Augusto Bauer (Brusque).

Coração quente e bolso vazio com a boa fase

Flamengo aproveita arrancada nas três competições para lucrar com ingressos mais caros, mas alega que tenta equilibrar demanda, enquanto sócios- torcedores protestam. Hoje, time pega o Ceará com o Maracanã lotado

DIOGO DANTAS E THAYSSA RIOS
esporteglb@oglobo.com.br

Bastou o Flamengo engrenar na disputa das três competições em 2022 sob o comando de Dorival Júnior que a diretoria elevou em até 100% o preço dos ingressos. Contra o Ceará, hoje, 11h, pelo Brasileiro, o bilhete mais barato custará o dobro em relação ao que foi praticado em abril, levando em conta o valor para público geral. A Copa do Brasil teve o maior aumento no setor norte, considerado o mais popular. Em maio, no jogo contra Altos-PI, o ingresso custou R$ 60,00, e o próximo da semifinal contra o São Paulo chega a R$ 160,00. Tudo isso sem falar nos setores mais caros do Maracanã, que estará lotado hoje diante da alta demanda das famílias rubro-negras pela manhã.

No mata-mata, o grande movimento se justifica, mas nos pontos corridos a escalada de preços também promoveu uma corrida por ingressos, que tem feito torcedores que sempre apoiaram a equipe terem que abrir mão de algumas partidas por questões financeiras.

O argumento básico do Flamengo é que, com um estádio em que só cabem cerca 65 mil pagantes, é preciso aumentar em todas as frentes de forma equilibrada para que não se cobre um absurdo em partidas de maior apelo, como a semifinal da Libertadores, contra o Vélez. Mas a justificativa não convence quem quer dar suporte ao time na tempestade e na bonança.

— Quando o Flamengo está mal os preços baixam porque precisam da energia de quem torce, precisa que a torcida frequente o estádio. Quando está bem a torcida não é recompensada — afirma Louise Francisco, estudante de 24 anos que só conseguiu ir a quatro jogos este ano. A principal queixa é a velocidade com que os ingressos acabam sem atender aos planos mais básicos de sócios.

Os jogos contra São Paulo, Ceará e Vélez tiveram as vendas esgotadas rapidamente. Há relatos de torcedores aderindo a planos mais caros e rachando o valor total com os convidados a que tem direito.

— Até quem tem sócio fica de fora porque só tem prioridade nos sócios mais caros e fica um monte de cambista vendendo a mais de R$ 500,00 — conta Marcelo Erthal, que está na categoria bronze, abaixo de diamante, ouro e prata.

O preço do cambista, dizem fontes do clube, indicam justamente que o Flamengo não aumenta o valor do ingresso como deveria. Outro ponto levantado por torcedores é a mudança de comportamento nestes jogos de maior apelo:

— Muita gente da periferia e das comunidades nunca foram ao Maracanã por causa dos preços. Pessoas que iam antes. E Flamengo é do povo, resiste porque o povo sempre colocou pro alto e abraça o time. A mudança do público é absurda, a torcida está ficando completamente elitizada. — relatou Beatriz França.

APERTEM OS CINTOS

Ingressos para jogos do Flamengo ficam mais caros em meio à boa fase do time (Jogos em casa. Preços para o setor norte ou o mais barato, em R$)

Competição	Data	Adversário	Público geral	Bronze	Diamante
LIBERTADORES	12/04	Talleres	110	45	45
	17/05	Universidad Católica	110	45	45
	24/05	Sporting Cristal	80	36	36
	06/07	Tolima	120	54	30
	09/08	Corinthians	140	70	35
	07/09	Vélez Sarsfield	160	80	40
COPA DO BRASIL	11/05	Altos	60	25	25
	13/07	Atlético Mineiro	80	36	20
	27/07	Athletico-PR	120	60	30
	14/09	São Paulo	160	80	40
BRASILEIRÃO	14/04	São Paulo	60	24	24
	20/04	Palmeiras	60	24	24
	08/05	Botafogo	120	60	60
	21/05	Goiás	60	24	24
	05/06	Fortaleza	60	24	24
	15/06	Cuiabá	60	27	15
	25/06	América-MG	60	27	15
	16/07	Coritiba	200	80	50
	20/07	Juventude	180	90	45
	30/07	Atlético-GO	70	35	17,5
	14/08	Athletico-PR	100	50	25
	04/09	Ceará	120	60	30

Flamengo Santos; Varela, David Luiz, Léo Pereira, Ayrton, Erick Pulgar, Diego, Victor Hugo, Cebolinha, Marinho e Gabigol. Técnico Dorival Jr.

Ceará João Ricardo, Nino, Gabriel Lacerda, Messias, Bruno Pacheco; Richard Coelho, Richardson, Vina; Lima, Mendoza, Jô. Técnico Lucho González.

Local: Maracanã. **Horário:** 11h. **Juíz:** Paulo Cesar Zanovelli da Silva (MG). **Transmissão:** O Premiere transmite a partida ao vivo, assim como a rádio CBN.

A esperança de um Botafogo que quer bola na rede

Tiquinho se recupera e deve fazer estreia hoje contra o Fortaleza para aliviar pressão por resultados e sobre técnico Luís Castro

Há cinco jogos sem vencer e perigosamente próximo da zona de rebaixamento do Brasileiro, o Botafogo vai a campo contra o Fortaleza hoje às 16h, fora de casa, com um só objetivo: espantar a pressão por resultados e sobre o técnico Luís Castro. Para isso, a esperança está nos pés do atacante Tiquinho Soares, que se recuperou de uma lesão muscular que atrasou sua estreia, mas treinou normalmente ao longo da semana e poderá ser utilizado de início.

A presença de um goleador com experiência (31 anos), que alia vivência internacional com uma maior capacidade técnica e física é o que faz todos no Botafogo e também a torcida ainda acreditarem na reação da equipe. Que passou a ter mais opções ofensivas no elenco. Após tentativas com Erison, negociado, e Junior Santos, que estreou às pressas, Tiquinho é a bola da vez e foi trabalhado com mais paciência, para entrar e não sair mais do time.

A comissão técnica projeta sobre o jogador uma maior capacidade de conclusão mas também mobilidade para trabalhar jogadas em velocidade fora da área. Tiquinho tem característica de atacar bem o espaço e fazer jogadas combinadas com os demais meias e atacantes. Embora Junior tenha mais potência, não tem a mesma técnica que o companheiro.

Os números de Tiquinho também apontam um jogo aéreo promissor. Alto e forte, terá papel importante para momentos em que o Botafogo fizer um jogo mais reativo, mas também quando houver maior controle da posse de bola.

— O que a torcida pode esperar de mim é sempre raça, me entregar de corpo e alma ao clube e aos companheiros. Vou tentar ajudar o clube de todas as formas. É um clube de proporções gigantescas, como o próprio Garrincha, que é nosso ídolo. Se a bola pintar, vou tentar fazer o gol, com toda certeza — disse na apresentação ao Botafogo quando chegou.

Ex-Olympiacos, da Grécia, o atacante tem contrato até dezembro de 2024 e carreira consolidada no exterior, sobretudo no Porto, onde conquistou títulos.

Tiquinho Soares é natural de Sousa — uma cidade com aproximadamente 70 mil habitantes —, no Sertão da Paraíba. Mas o início de carreira foi no Corinthians de Alagoas. De lá, o paraibano iniciou uma saga no futebol por diversos clubes. Ele passou por Palmeira de Goianinha, América-RN, Botafogo-PB, CSP, Sousa e Caicó, tudo isso ainda nas categorias de base, até se firmar no próprio CSP, clube que o revelou para o futebol profissional.

Com o destaque no CSP João Pessoa, Tiquinho rumou para um dos maiores clubes do estado, o Treze. Porém, teve baixo desempenho no Galo e logo deixou Campina Grande. No ano seguinte, o centroavante teve o primeiro contato com o futebol português, no Nacional da Ilha da Madeira. Do Nacional, o paraibano rumou para o Vitória de Guimarães. O melhor momento foi no Porto: entre 2017 e 2020, foram 64 gols em 140 jogos.

Para hoje, além de Tiquinho, Rafael será titular no lugar de Saravia, suspenso. Patrick de Paula, com uma paralisia facial parcial, não foi relacionado.

Homem gol. Pelo Porto, Tiquinho fez 64 gols em 140 jogos

VÍTOR SILVA/BOTAFOGO

Fortaleza Fernando Miguel, Brítez, Benevenuto, Ceballos, Juninho Capixaba; Zé Welison, Lucas Sasha, Thiago Galhardo; Moisés, Ronald, Robson. Técnico: Juan Vojvoda.

Botafogo Gatito, Rafael; Adryelson, Cuesta e Marçal; Tchê Tchê, Eduardo e Lucas Fernandes; Jeffinho, Victor Sá e Tiquinho Soares. Técnico: Luís Castro.

Local: Castelão, em Fortaleza. **Horário:** 16h **Juíz:** Ramon Abatti Abel (SC). **Transmissão:** O jogo terá transmissão da TV Globo, além do Premiere, no pay-per-view.

FÓRMULA 1

Verstappen é pole no GP do Holanda

Depois de um início ruim de fim de semana, Max Verstappen conquistou a pole position em casa, no GP da Holanda, a sua quarta em 2022. O piloto da Red Bull não liderou os treinos livres, mas anotou 1m10s342 e bateu Charles Leclerc e Carlos Sainz, da Ferrari.

— Inacreditável. Hoje tivemos um carro de corrida rápido novamente. Uma volta de classificação por aqui é insana — declarou o holandês.

O treino foi interrompido duas vezes, por sinalizadores laranjas da torcida e por um inesperado pombo. No fim, poucos centésimos separaram os carros de Ferrari e Red Bull. A Mercedes de Lewis Hamilton (4º colocado) e George Russell (6ª) ficou um pouco atrás, mas mostrou força. Depois de uma batida, Sergio Pérez terminou em 5º.

ANDREJ ISAKOVIC / AFP

Para a galera. Verstappen comemorou a pole em casa

ESPANHOL

Real bate o Bétis com brilho de brasileiros

No duelo pela liderança do Campeonato Espanhol, os brasileiros brilharam e mantiveram o Real Madrid como o único 100% da competição. A vitória por 2 a 1 sobre o Bétis, que estava invicto, veio com gols de Vini Jr e Rodrygo, na estréia no Santiago Bernabéu nesta temporada.

A dupla da seleção apareceu mais uma vez em um jogo importante: Vinicius abriu o placar logo no início, em belo gol de cavadinha — seu terceiro em cinco jogos na temporada, além de duas assistências —, e o "Raio" caiu de novo, no fim, para dar a vitória ao time de Carlo Ancelotti. Com 12 pontos em quatro rodadas, o Real Madrid é o líder, com dois a mais que o Barcelona, que bateu o Sevilla fora de casa por 3 a 0.

BRASILEIRO

Palmeiras busca empate em Bragança

Líder isolado do Brasileirão, o Palmeiras perdia por 2 a 0, mas buscou o empate fora de casa contra o Red Bull Bragantino, e chegou a 51 pontos na classificação. Se evitou a derrota, o time paulista pode ver a diferença diminuir de sete para cinco pontos na rodada se o Flamengo vencer o Ceará hoje, em casa. Em caso de derrota rubro-negra, a vantagem fica em oito pontos.

Luan Candido abriu o placar para o time do interior aos 25 minutos. Artur, que não marcava a dois meses, ampliou dez minutos depois. A reação palmeirense começou com um gol contra do goleiro Cleiton, do Bragantino, em lance bizarro. Aos 26 da segunda etapa, Merentiel deu números finais à partida no Nabi Abi Chedid.

CARIOCAS X CEARENSES
Fla x Ceará e Bota x Fortaleza
PÁGINA 37

COLUNA DO BARRETO
A mania das figurinhas
PÁGINA 38

TRANSFORMADORA

Serena Williams se aposenta com um lugar na História e outro no futuro

JOÃO PEDRO FONSECA
jp.fonseca@oglobo.com.br

COREY SIPKIN / AFP

Último ato. Serena saca em sua última partida na carreira, derrota para a australiana Ajla Tomljanovic pela 3ª rodada do US Open

Quando anunciou que deixaria as quadras após o US Open, Serena Williams evitou falar em aposentadoria. Preferiu chamar a nova etapa de uma evolução. Essa versão 2.0 da maior tenista da era aberta é orientada por dois grandes objetivos: aumentar a família que formou com o marido Alexis Ohanian e a filha Olympia, de cinco anos, e expandir o portfólio da Serena Ventures, empresa de capital de risco que fundou ainda em 2014 e que, graças a investimentos recentes (de dinheiro, tempo e energia), pode fazer da americana a atleta mais bem-sucedida de todos os tempos após o fim de seu ciclo esportivo.

A hora de evoluir chegou. Em mais uma noite para a História na quadra do Arthur Ashe Stadium, Serena foi eliminada anteontem pela australiana Ajla Tomljanovic na terceira rodada. Assim, encerrou aos 40 anos (fará 41 no fim deste mês) uma carreira marcada pela conquista de 23 Grand Slams, mais do que qualquer outro indivíduo na era moderna do jogo, seis deles justamente nas quadras do Queens, em Nova York.

— Estou pronta para ser uma mãe e explorar uma nova versão da Serena — resumiu ela após a partida.

EMPREENDEDORA

O foco de Serena tem gradativamente se afastado do esporte ao longo dos anos. Era natural que isso acontecesse em razão do impacto que a maternidade impõe às atletas e das restrições físicas antecipadas pela idade. Mas esse movimento, também reflexo de uma pulsão de quem se tornou um ícone pop e fashion, ganhou força nos últimos meses.

> *"Estou pronta para ser uma mãe e explorar uma nova versão da Serena"*
> **Serena Williams,** empresária

> *"Ela quer diminuir o gargalo do acesso da mulher negra"*
> **Maureen Flores,** Doutora em Estratégia e Desenvolvimento

O lançamento, há cerca de um ano, do filme "King Richard: Criando Campeãs", biografia ficcional da família Williams, levou Serena a marcar presença em importantes festivais e premiações do circuito do cinema. Ela também investiu tempo no desenvolvimento das novas coleções da S by Serena, sua marca de roupas, e da Serena Jewelry, de joias. Fez ainda trabalhos (e aparições por hobby) como modelo e até escreveu um livro infantil, a ser lançado neste mês, entre outras atividades.

Agora, é a vez de o lado empreendedora assumir o protagonismo de vez. A extenista contou, em depoimento à revista Vogue, que diariamente ao acordar sente-se animada para descer as escadas até o escritório, onde participa de reuniões pelo Zoom e analisa projetos e relatórios de empresas nas quais pretende investir.

Ao lado da sócia, Alison Rapaport Stillman, a americana lidera uma pequena equipe formada quase integralmente por mulheres, a maioria delas negras.

Em março deste ano, a Serena Ventures anunciou seu primeiro fundo de investimentos, no valor de 111 milhões de dólares (aproximadamente R$ 577 milhões). O aporte vai principalmente para startups de diversos segmentos, de moda a educação, passando por finanças e bem-estar feminino. São mais de 60 companhias, sendo 13 unicórnios (aquelas cujo valor de mercado supera 1 bilhão de dólares). Em comum, essas empresas têm o fato de serem lideradas ou destinadas a mulheres e/ou pessoas negras.

— Alguém que se parece comigo precisa assinar os grandes cheques. Homens assinam cheques para homens. Para mudar isso, mais pessoas parecidas comigo precisam estar nesta posição — justificou à Vogue.

Doutora em Estratégia e Desenvolvimento e especialista em inovação no esporte, Maureen Flores explica que o movimento feito por Serena agora é uma estratégia de pós-carreira planejada desde cedo, "quando se vê que se trata de um atleta fora da curva". A partir daí, o indivíduo se torna uma marca com agenda econômica.

— É parte da cultura norte-americana que pessoas de sucesso se tornem atores sociais. Quem sobe puxa o outro. Serena é esse ator socioeconômico. Contribui com bolsas, financiamento, empregabilidade... Ela se tornou uma empresária que quer diminuir o gargalo do acesso da mulher negra — complementa Maureen.

INFLUENCIADORA

Serena sempre foi uma personalidade disruptiva. Afinal, de que forma duas figuras como ela e a irmã Venus — meninas negras nascidas em Compton, cidade californiana marcada pela violência e pela pobreza — se tornariam tão dominantes no esporte senão provocando um colapso na estrutura do jogo? Graças a elas, os saques se tornaram uma arma tão poderosa e as atletas passaram a atacar com força e intensidade. Mais do que isso, negros atestaram que não há espaços que não possam ocupar, e mulheres entenderam que é possível se amar ainda que seus corpos e personalidades não sigam os padrões de uma sociedade pasteurizada.

Tamanho impacto subjetivo dispensaria o enfileiramento de números, mas Serena também os tem a seu favor: foram 73 títulos em simples e 23 nas duplas, entre 1999 e 2020; nos Grand Slams, ela ficou a um de empatar as 24 taças de Margaret Court, protagonista ainda na era amadora, faturou 14 nas duplas, sempre com Venus, e dois nas mistas, com o bielorrusso Max Mirnyi. Ainda subiu ao pódio olímpico quatro vezes: em Sydney-2000, Pequim-2008 e Londres-2012, nas duplas e, na capital inglesa, também em simples.

Serena nunca parou de evoluir. E, enquanto o fazia, obrigou o esporte e a sociedade a evoluírem junto. Agora, evoluirá mais uma vez — e não deseja fazer isso sozinha.

DIVULGAÇÃO

Rock in Rio

Na pista. Após boatos de cancelamento, show de Justin Bieber foi confirmado

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

SOBREVIVENTES DO POP QUE NÃO POUPA NINGUÉM

JUSTIN BIEBER E DEMI LOVATO, QUE COMEÇARAM A CARREIRA AINDA CRIANÇAS, SOBEM HOJE AO PALCO MUNDO EM CLIMA DE SUPERAÇÃO DE PROBLEMAS COM DROGAS E OUTROS PERCALÇOS

O pop não poupa ninguém. Essa máxima de Humberto Gessinger em "O papa é pop", com os Engenheiros do Hawaii, poucas vezes foi tão certeira quanto para as duas maiores atrações do Palco Mundo do Rock in Rio de hoje. Respectivamente aos 28 e 30 anos, o canadense Justin Bieber e a americana Demi Lovato passaram pelo que o sucesso traz de melhor e de pior, em trajetórias conturbadas iniciadas na infância, já com sucesso planetário e esmagadora exposição.

Por mais que rumores fortes sobre o cancelamento do show de Justin tenham deixado fãs preocupados nos últimos dias, o momento em que ele chega ao Brasil é o de redenção, a bordo do álbum "Justice" (que lançou em 2021 e que ocupou o primeiro lugar das paradas de vários países, com hits como "Peaches", que soma mais de um bilhão de execuções no Spotify). E Demi também vive esse momento positivo com "Holy fvck" — sensacional reinvenção no rock mais pesado, no qual ela tem purgado os seus demônios ao vivo.

Ídolo daqueles que fazem adolescentes ficarem acampados por meses na porta dos locais onde se apresenta, Justin há muito deixou de ser o menino de rosto angelical e franja esculpida com o qual despontou para o sucesso com "Baby" (2010). Adulto, ele conserva alguma baby face, mas com um torso trabalhado em academias e coberto de tatuagens. De sua fase bad boy, ficaram alguns problemas com a Justiça — entre elas, uma citação por ter pichado um muro do Hotel Nacional, em sua passagem pelo Rio em 2013.

Justin, que em poucos anos passou de cover do astro do R&B Usher para ser aposta do próprio Usher para a gravadora Island (que o contratou aos 15 anos), passou por uma reinvenção até de certa forma previsível: sendo uma versão branca e adolescente do R&B, bastou seguir no caminho de aproximação com a ala mais arrojada da música negra.

Um embrião disso tinha sido seu álbum de 2012, "Believe", que teve a participação de seu conterrâneo e futura estrela do rap Drake. Em fevereiro de 2015, a grande surpresa veio na forma de "Where are Ü now", música do projeto Jack Ü, dos DJs e produtores Diplo e Skrillex: ali, o cantor finalmente se posicionava do lado mais inovador da música, mas sem abdicar de ser pop. Bem mais ousada que de costume, a faixa ganhou um Grammy de gravação de dance music e abriu o caminho para o que ele mostraria no álbum seguinte, "Purpose". Lançado em novembro do mesmo ano, estreou no primeiro lugar das paradas e estourou tanto "Sorry" (produção de Skrillex) quanto a romântica "Love yourself".

Em 2020, com o álbum "Changes", Bieber deu mostras de que a vida de um cidadão comum poderia ser melhor que a de um astro pop: inaugurou a persona do homem sóbrio e encantado com o matrimônio (em 2018, se casou com a modelo Hailey Baldwin, filha do ator Stephen Baldwin e neta do pianista brasileiro Eumir Deodato).

Já na série documental "Seasons", do YouTube Original, Justin contou ter chegado ao ponto de usar tanta maconha, drogas sintéticas e remédios que seus seguranças precisavam checar seu pulso toda noite — e daí ter acontecido o seu encontro com a fé.

Os amores por Deus e pela mulher se misturaram nas músicas do seu álbum seguinte, "Justice", em versos como "aceite-me como sou, juro fazer o melhor que puder", "todo mundo precisa de alguém, alguém para lembrar que você não está só" e "a eternidade não é tempo suficiente para te amar do jeito que eu quero." Justin Bieber voltava à cena como um homem apaixonado, disposto a deixar para trás um passado conturbado e a sofrer pelo perdão dos seus pecados. Um homem transformado pela fé e, também, um ídolo pop, capaz de evocar boas vibrações no R&B retrôda já citada "Peaches" (com uma inofensiva menção à maconha).

O apoio de Hailey foi fundamental em junho deste ano, quando Bieber topou com mais uma pedra no caminho: precisou interromper a turnê de "Justice" após ter sido diagnosticado com a síndrome de Ramsay Hunt, que lhe causou paralisia facial. No fim de julho, já estava de volta à estrada com o show que chega agora ao Brasil.

LIBERTAÇÃO

Já a Demi que sobe ao palco do Rock in Rio com o show de "Holy fvck", lançado mês passado, canta por libertação. Nas músicas conduzidas por tijoladas de baixo, guitarra e bateria, a cantora agradece por estar viva e reabre muitas feridas, passando por situações de estupro, exnamorados e lembranças das reabilitações — desde 2010, ela entra e sai de clínicas para tratar da saúde e de vícios; em 2018, chegou a ter três derrames e um ataque cardíaco depois de uma overdose, e, em janeiro deste ano, voltou para a rehab.

— Tudo o que passei me faz ser quem sou e molda minha música. Escrevo sobre minhas experiências, tive momentos de muita euforia e de fundo do poço, e ouvir meu álbum é perceber isso — disse Demi ao GLOBO na época do lançamento de "Holy fvck", o disco que mais a satisfez. — Foi empoderador.

Estrela que começou a carreira como atriz na série infantil do dinossauro Barney, a artista se iniciou no mundo musical com discos que tendiam para o punk/power pop — "Don't forget" (2008) e "Here we go again" (2009) — antes de enveredar pelo pop mais genérico e, depois, ir ao tal fundo do poço.

Os shows de hoje serão palco para que Justin e Demi mais uma vez deem a volta por cima e mostrem seus testemunhos como sobreviventes de um pop que realmente não poupa ninguém.

O DESFILE DO PÚBLICO, NAS PÁGINAS 4 E 5

SHOWS DE HOJE

PALCO MUNDO
- **16h15** - Jota Quest
- **18h25** - Iza
- **20h35** - Demi Lovato
- **23h** - Justin Bieber

PALCO SUNSET
- **15h30** - Matuê
- **16h55** - Luísa Sonza com Marina Sena
- **19h05** - Emicida convida Drik Barbosa, Rael e Priscilla Alcântara
- **21h15** - Gilberto Gil com família

NEW DANCE ORDER
- **16h** - Maz
- **17h** - Öwnboss
- **18h** - Gabe
- **19h15** - Cat Dealers
- **20h45** - Dubdogz
- **22h15** - Sickick
- **23h15** - Samhara
- **1h** - Liu
- **2h30** - Lost Frequencies

ESPAÇO FAVELA
- **16h30** - Taylan
- **17h55** - Buchecha
- **20h05** - Funk Orquestra

Palco Mundo. Demi Lovato, às 20h35

DIVULGAÇÃO/STEVEN ROWEN

PALCO SUPERNOVA
- **17h30** - Wc no Beat & Convidados Felp22, Hyperanhas e MC TH
- **19h30** - Lil Whind (Whindersson Nunes)

ROCK DISTRICT
- **15h20** - Fonk's Gang
- **17h** - Lucy Alves
- **19h10** - Evandro Mesquita e The Fabulous Tab

HIGHWAY STAGE
- **15h** - Betta
- **15h30** - Pedro Mahal + Buraco Blues
- **16h** - JP Bonfá

ROCK STREET MEDITERRÂNEO
- **15h15** - Terra Celta
- **16h30** - Wallace Oliveira
- **17h10** - Orquestra Mundana Refugi

CACÁ DIEGUES
segundocaderno@oglobo.com.br

O FUTURO DO PAÍS

A gente sente sempre um certo orgulho pessoal quando alguém de valor reconhecido, alguém que pertence a um mundo ao qual você de algum modo deseja estar identificado, quando esse alguém diz alguma coisa que você aprova e com a qual se entusiasma. Desde que, em abril de 2019, fui aceito e recebido como membro da ABL (Academia Brasileira de Letras), me sinto impregnado dessa síndrome, um jeito diferente de levar em frente certas emoções, através da cadeira número 7, cujo patrono é o grande Castro Alves.

Essa semana experimentei esse orgulho com a entrevista de José Murilo de Carvalho no Segundo Caderno do GLOBO, em que nosso grande historiador, membro da ABL, declara que o Brasil está longe de ser "o país do futuro", como sempre anunciamos.

Desde menino aprendi que essa pomposa previsão, feita por intelectuais brasileiros de todas as cores, era inevitável, sendo a única classificação do país que servia a todos. Uma verdade indiscutível a alimentar todas as teorias sobre o futuro do país, o Brasil seria o amanhã de todas as boas e novas ideias relativas ao futuro da humanidade. Um país em que todos valiam a mesma coisa no mercado mundial do consumo e do caráter. Um país que teria alcançado seu estado de plena civilização, livre para sempre da barbárie que costumava nos assolar.

Tínhamos certeza de que essa classificação de "país do futuro" era uma espécie de previsão sagrada, alguma coisa que não podia mais não acontecer. Estávamos somente curiosos para saber onde buscaríamos o passaporte que nos daria esse poder de mudar o mundo. Uma coisa era certa em nosso tão glorioso empreendimento — precisávamos saber onde buscar, de que hábito cultural arrancar os valores que éramos capazes de defender e plantar em nosso solo sagrado da criação. Como nos realizarmos enquanto produtores dessa cultura.

TÍNHAMOS CERTEZA DE QUE ESSA CLASSIFICAÇÃO DE 'PAÍS DO FUTURO' ERA UMA ESPÉCIE DE PREVISÃO SAGRADA

Com todos os equívocos da produção cultural a que estávamos expostos, já sabíamos que não podíamos contar com seus princípios. O Estado brasileiro nunca nos ajudaria; não só porque não é mais essa a tradição em todo o mundo sobretudo nos países semelhantes ao nosso, como também porque já era notória a necessidade de uma separação quase radical na matéria entre o público e o privado.

O mesmo governo que anunciava, no mês de julho deste ano, um superávit de R$ 19 bilhões em suas contas dizia não ter como pagar os pobres R$ 3,6 bilhões que confessava estar devendo à cultura, através da Lei Paulo Gustavo. Ou não sabia aonde ir buscar a mixaria do que a Lei Aldir Blanc o mandara, há algum tempo, pagar a aparatos audiovisuais, enquanto a famigerada PEC Kamikaze encontrava direitinho recursos para subsídios aos produtores de combustíveis degradantes.

Os produtores de cultura sempre tiveram dificuldade em lidar com o poder político e seus objetivos, sempre bem distantes dos nossos. Mas agora, neste governo, essa dificuldade virava uma guerra declarada: o cinema é tratado como inimigo do país. Ou de Jair Bolsonaro. Pelo presidente, não teríamos nunca uma indústria cinematográfica no país.

Mesmo sendo o Brasil hoje o sétimo país de maior crescimento econômico no mundo, não merecemos que o Estado coopere com a consolidação de nossa pobre indústria de cinema. Como na França, na Alemanha e na Itália, em vários países dos blocos asiático e africano, como nos EUA, a pátria do liberalismo. Em vez disso, temos que nos aliar ao que há de pior, economias que vão desaparecer porque a população não aguenta mais tanto planeta destruído. Onde nem as leis relativas ao entretenimento são respeitadas, imagine só aquelas que desejam apenas fazer funcionar um regime regular de produção!

MAIS JOVEM, MAIS CHEIO E MAIS COLORIDO

MARCELO THEOBALD

Lotado. Público se aglomera na grade do Palco Mundo durante o show de Alok: diversidade de cores marcou o segundo dia da festa

HERMES DE PAULA

Sinal fraco. Frequentadores disseram ter dificuldade para postar nas redes sociais

SEGUNDO DIA DO ROCK IN RIO, DEDICADO AO RAP, TEVE GRAMADO LOTADO, PROBLEMAS NA INTERNET E PLANOS PARA O FUTURO: SERTANEJO À VISTA

Mais gente? Bem mais. Roupas mais coloridas? Bem mais. O segundo dia do Rock in Rio 2022, marcado pelo rap, mudou o ritmo da véspera, dedicada ao metal. Logo no início já se via o gramado lotado, com público mais jovem, que não se desanimou nem com a chuva que começou a cair por volta das 22h. Além de novos ares na plateia, a noite de ontem apontou para o futuro das próximas edições. Criador e idealizador do evento, Roberto Medina disse que o sertanejo, gênero mais tocado no Brasil, está em seus planos.

— Tem um momento que o sertanejo está se juntando com o pop, você vê o Luan Santana, que é um artista que está no meio do caminho. Então, tem uma conexão. E você vê tanta diversidade de música que não vejo problema. Música tem que ser boa, não importa de onde vem.

Para além do Palco Mundo (aberto por Alok, com seus remixes de sucessos e seu aparato de som e luzes), passaram pelos outros palcos do Rock in Rio alguns dos maiores nomes do rap nacional e do funk. O DJ e produtor Papatinho abriu o Sunset com L7nnon e participação de MC Carol; depois foi a vez de Xamã e os rappers indígenas do Brô MCs, e Criolo. Em um dia marcado, de forma geral, por atrações mais leves, os Racionais emprestaram o peso de seu rap tradicional ao fim da noite no Sunset.

A noite teve ainda, entre outros, Baco Exu do Blues no Palco Itaú e MC Poze do Rodo, no Supernova, que ficou pequeno para o público que se espremeu para ver o rapper carioca. E ainta teve uma canja do velocista e ex-BBB Paulo André, interpretando "Me sinto abençoado".

CONFORTO ACIMA DE TUDO

Nos gramados, o público se dividia entre o visual caprichado e roupas confortáveis. Uma tendência vista em diferentes cantos foi o estilo "comfy". Os amigos João Pedro Carvalho, 18, e Rebeca Teixeira, 19, dizem que, ao se encontrarem, viram que estavam vestidos iguais.

— Não foi combinado — garante João.

Morador da Tijuca, o designer Ian Eliziário, 32 anos, com o amigo Felipe Souza, 33, aguardava o show de Xamã vestindo uma saia.

— Alguns ambientes reagem pior à saia, mas o festival permite, o pessoal é mais cabeça aberta. Além de facilitar muito para ir ao banheiro — brinca Ian.

E foi na tentativa de postar seu figurino nas redes sociais que muita gente se frustrou com o serviço das operadoras de celulares na Cidade do Rock. Clientes da Vivo e Claro relataram problemas até na comunicação por WhatsApp, enquanto os da TIM, uma das patrocinadoras do evento, que instalou 25 antenas na Cidade do Rock, conseguiram usar a internet.

Em nota, a Vivo informou que "clientes podem encontrar instabilidade devido à grande concentração de usuários". Também em nota, a Claro informou estar "com rede ativa e funcionando plenamente no Parque Olímpico".

— Hoje a comunicação por internet é o mais importante, tivemos que marcar com os amigos telefonando. Voltamos ao tempo da ligação normal — disse Rafael Alves, lamentando não ter conseguido postar vídeos nas redes sociais, nem mandar mensagens.

Rock in Rio

TALITA DUVANEL

José Carlos Mendes, empresário de 43 anos, de Varginha (MG), levou os colchões que produz em sua cidade para relaxar no gramado do Rock In Rio. Pertinho do Palco Mundo, ele e a namorada, a esteticista Isabela de Paula, guardavam lugar para assistir à apresentação de Alok.

ANDRÉ MIRANDA

Uma das maiores reclamações do público é que, num ano em que até mesmo o ingresso é virtual, praticamente todos ambulantes só aceitam dinheiro. Cartões só são aceitos regularmente nas lojas, com filas são bem maiores. Os próprios vendedores reclamam da falta de máquinas para vendas com cartão.

O GLOBO

A corrida por brindes é uma tradição RiR. Este ano, alguns dos mais concorridos são as viseiras do TikTok e o copo do Itaú. Ontem, a disputa era por pegar um copo customizado do DJ Mashmello, uma das atrações da noite. A fila demorava em média 25 minutos.

RAPHAELA RIBAS

É um cão de guarda, só que robô. Com uma câmera acoplada e sensor de presença, foi desenvolvido pela empresa responsável pela segurança do RiR e envia informações para a sala de controle do evento. Está sendo usado para varredura no entorno da lagoa, onde há tentativas de entrada.

PATRÍCIA KOGUT
kogut@oglobo.com.br
patriciakogut.com
colunapatriciakogut

E SE A GENTE PUDESSE PREVER O FUTURO?

NETFLIX

NA SÉRIE 'THE REHEARSAL', NATHAN FIELDER VAI FUNDO NA IDEIA DE CONTROLAR A VIDA ANTEVENDO OS ERROS

Imagine se as pessoas pudessem ensaiar seu comportamento antes de enfrentarem quaisquer situações desafiadoras. E, assim, estivessem sempre preparadas para evitar erros. É essa a premissa de "The rehearsal" (o ensaio), a série que acaba de chegar à HBO Max. São seis episódios intrigantes.

Acompanhamos o ator, roteirista e diretor Nathan Fielder num estranho experimento humano. Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos. Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.

É como um *coaching* levado ao seu paroxismo. Fielder chega ao ponto de reproduzir cenários reais nas suas simulações da realidade. Ele imagina ser possível, digamos, "viver o futuro antes do presente", por mais maluca que seja essa ideia. É a realização do sonho dos controladores. O primeiro capítulo mostra um caso simples. Nathan vai ajudar um homem a desfazer uma mentira sem perder a amizade daqueles que enganou. Kor Skeete é um aficionado por jogos de perguntas e respostas de conhecimentos gerais. Ele se reúne há anos com o mesmo grupo num bar de Nova York para participar de concursos. Disse a esses companheiros que cursou o mestrado, o que não é verdade. Skeete acredita que, se ele revelar que só fez a graduação, perderá para sempre esses amigos. Nathan ensaia Skeete. Contrata sósias e cenógrafos que montam réplicas da casa de Skeete e do bar que ele frequenta. E submete seu "cliente" a todas as possíveis situações e diálogos que possam vir. Não conto o desfecho para evitar o *spoiler*.

Mas o mais impressionante vem a partir do segundo episódio. É quando ele é convocado por Angela, de 44 anos. Ela quer ser mãe, mas, antes, deseja dirimir algumas dúvidas. Então convoca Fielder para encenar a criação de um filho desde o nascimento até os 18 anos. A encenação se desenrola em dois meses. A cada semana se concentram três anos. No início, um bebê mais velho vai substituindo o menor de quatro em quatro horas. Fielder conta com uma equipe de apoio grande nos bastidores. E pudera. A tarefa é complicadíssima, não só pelo aspecto emocional, como na prática. O elenco é tão numeroso que eles montam um escritório em Los Angeles só para fazer a seleção e o treinamento dos atores. É interessante.

"The rehearsal" é uma produção difícil de classificar. Ela tem um pouco de documentário, algo de *reality* e de drama. Mas escapa das categorizações — o que é até um paradoxo, já que seu objetivo seminal é abolir as surpresas. Vale conferir.

CRÍTICA

RITMO E POESIA E DÃO O TOM DA NOITE

SUNSET FOI DESTAQUE COM BONS SHOWS DE XAMÃ, CRIOLO E TODO O PESO DOS RACIONAIS; NO MUNDO, DJ ALOK MOSTRA POR QUE SE TORNOU UM SUPERSTAR

BRENNO CARVALHO

Espetáculo. Os Racionais encerraram a noite do Sunset mantendo a plateia atenta durante toda a apresentação, que homenageou negros vítimas da violência

PAPATINHO
O atraso não foi suficiente para estragar a festa dos beats do DJ e produtor, que abriu o Palco Sunset. O público jovem se deliciou com desfile de hits, cantando junto os versos velozes. Conduzido como um passeio pela história do funk e do rap (com o auxílio de vídeo, labaredas, dançarinos, vocalistas de apoio), o set do DJ trouxe os pioneiros MCs Cidinho e Doca, que lembraram clássicos do funk como "Rap da felicidade". Já com L7NNON, o público saiu do chão nos raps "Freio da blazer" e "Kim N Kanye". E teve ainda MC Carol, que arrancou urros com "Meu Namorado é mó otário".

BRENNO CARVALHO

No Sunset. Criolo fez passeio por maiores sucessos e reverenciou colegas

BACO EXU DO BLUES
Atração extra do Palco Itaú, o baiano foi acompanhado pelo público em todos os versos de hits melódicos como "Flamingos" e "Samba in Paris". Destaque positivo para o trio de afinadíssimas backing-vocais. Pena que a arquitetura do palco escondeu parcialmente os artistas.

XAMÃ
Periga não sobrar para Justin Bieber depois do show de Xamã no Palco Sunset, uma apresentação consagradora com alto engajamento do público (especialmente o feminino) e muitos hits. O show começou olhando para trás, com "Era uma vez", resumo de uma história de ralação na Zona Oeste. À frente de uma banda numerosa, Xamã seguiu por uma sequência mortal composta por "Deixa de onda", "Malvadão 3" e "Luxúria". E, com a participação de L7NNON, lembrou os tempos do Poesia Acústica em "Melhor forma".

ALOK
Musicalmente, Alok não parece muito interessado em ser reconhecido como um criador do pop eletrônico. O que o DJ certamente ambiciona é ser um artista imensamente conhecido — uma missão já cumprida por ele, escalado para abrir o Palco Mundo. Sozinho lá em cima, com seu aparato de som e muitas luzes, Alok deu a entender como se tornou esse um DJ superstar do nível de um David Guetta ou Steve Aoki. O talento do brasileiro é o de entregar, na imensidão da Cidade o Rock, o que o público esperaria numa boate ou em uma rave: uma sucessão de trechos de músicas conhecidas em remixes (ou mesmo de criações próprias, como o hit "Hear me now") costuradas por batidas familiares e frases de animador de festa.

CRIOLO
Nome da primeira grandeza do rap brasileiro, Criolo fez uma espécie de reparação histórica: ao mesmo tempo em que passou a limpo a sua carreira, celebrou a memória de companheiros que caminharam com ele. Com uma banda montada para o festival, com direção musical de Daniel Ganjaman, ele passou com ferocidade e elegância por músicas como "Subirusdoistiozin", "Grajauex" e "Não existe amor em SP". Imagens em telões ao fundo e no meio do palco sublinharam com beleza as letras do rapper. Ao longo do show, Criolo recebeu a cabo-verdiana Mayra Andrade e juntos cantaram a "Ogum Ogum" (gravada pelos dois em "Sobre viver", último álbum do paulistano). Sozinha, com a banda do espetáculo, Mayra promoveu um momento chill para a plateia com seu afropop reflexivo e levemente eletrônico.

JASON DERULO
Desconhecido de parte do público, o artista provocou um esvaziamento no Palco Mundo após Alok. Quem ficou, no entanto, assistiu a um curioso espetáculo pop. Jason canta, sorri, dança, leva criança para o palco e escolhe a hora certa para desnudar seu corpo sarado e tatuado. Tem um daqueles balés femininos de programa de auditório e um repertório que vai do soul romântico à dance music mais safada. E não economiza nas juras de amor ao Brasil. Podem até dizer que não dá para levá-lo a sério, mas Jason entregou o que se espera de um sábado à noite.

RACIONAIS MCS
Raros nos palcos cariocas, Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e o DJ KL Jay reuniram uma multidão digna de Palco Mundo em sua apresentação, que fechou o Sunset e contou com atores — com destaque para um bobo da corte dançante —, dançarinos, elementos cênicos e imagens no telão, que acompanharam músicas como "Marighella", sobre o guerrilheiro morto pela ditadura, e a nova "Todo Poderoso". Em "Negro drama", as imagens foram de pessoas negras mortas pela violência, como a vereadora Marielle Franco e a jovem Kathlen Romeu, vítima de bala perdida em 2021, quando estava grávida. Embora pouco falassem com o público, os Racionais mantiveram as atenções vidradas no palco ao longo dos 60 minutos de sua apresentação. Punhos erguidos e tímidos coros na plateia foram as manifestações políticas, além das próprias letras, muitas acompanhadas com entusiasmo pelo público.

MARSHMELLO
A música eletrônica fofinha, quase infantil, do DJ americano Marshmello enfrentou dois desafios: a chuva e a falta de interesse do público. O DJ e produtor de 30 anos tenta contagiar o público gritando "All right, Rio!", "Let's go!" (um pouco abafado pela máscara redonda, como um balde, sua marca registrada) e outros chamados, mas são poucos os que atendem. Marshmello é um dos DJs mais bem-sucedidos da música pop-eletrônica atual, com hits como "Happier", "Silence" e "Alone".

RICARDO FERREIRA
Tradutor de libras. Eberson, 27

BRENNO CARVALHO
Estudante. Gabrielle Apulchro, 30

REBECCA MARIA
Estudante. Evelyn Maia, 24

REBECCA MARIA
Empresária. Alessandra Soares, 49

LUCAS TAVARES
Maquiador. Richard Grauco, 20

LUCAS TAVARES
Advogada. Nivia Mendonça, 37

‘LOOK’ IN RIO: O SHOW É DA PLATEIA

CABELOS COLORIDOS, FANTASIA DE BATMAN, MEIA-CALÇA COM CINTA-LIGA, CASAL COM ROUPA IGUAL... E POR AÍ VAI A DEMOCRACIA DE ESTILOS QUE DESFILA NO GRAMADO DA CIDADE DO ROCK

Dentro da Cidade do Rock cabe um mundo: tem dia dele mesmo, o rock, e também de rap, de pop, de metal... Enquanto os mais diferentes ritmos passeiam pelos palcos do Rock in Rio 2022, o gramado vira é passarela a céu aberto, onde o público desfila seu estilo, muitas vezes refletindo o de seus ídolos.

Metal é camiseta preta e corrente, rap é calça “confy”, pop é roupa colorida e por aí vai, quase como um uniforme que todo mundo adere sem combinar: está no ar. Mas tem gente que vai além e deixa a fantasia voar. Capa de super-herói, paetê, maquiagem de zumbi, cabelo colorido. Democracia estética? Temos.

— Quando pisei aqui, me senti livre e decidi começar a vir com os personagens que eu gosto — disse o servidor federal Jonas de Souza, 59 anos, que foi de Batman no primeiro dia.

Nestas páginas, veja um retrato desse álbum de figuraças que levaram o show para a gramado no primeiro fim de semana do evento.

THAYSSA RIOS
Servidor público. Jonas de Souza, 59

ALEXANDRE CASSIANO
Vendedor. Murilo Silva, 22

LUCAS TAVARES
Cantora. Ariah Music, 24

LUCAS TAVARES
Body piercer. Marla, 24

RICARDO FERREIRA
Cosplayer. Lorena Santos, 27

LUCAS TAVARES
Músico. Lourenço Vasconcellos, 34

LUCAS TAVARES
Fotógrafo. Alex Victor, 39

BRENNO CARVALHO
Publicitários. Agata e Danilo

REBECCA MARIA
Empresária. Sônia Prato, 57

HERMES DE PAULA
Personal. Ivana Dias

REBECCA MARIA
Estudante. Lorraina Costa, 28

LUCAS TAVARES
Empresária. Graciele Ties, 41

REBECCA MARIA
Estudante. Marcelo Raphael, 17

LUCAS TAVARES
Cantor. Dave Natu, 31

REBECCA MARIA
Web designer. Karine Moraes, 32

LUCAS TAVARES

Ator. Tom Policarpo, 35

LUCAS TAVARES

Estudante. Milena Oliveira Pereira, 21

HERMES DE PAULA

Estudante. Gabriela Ribeiro

REBECCA MARIA

Estudante. Samuel Macena, 20

REBECCA MARIA

Estudante. Larissa Nascimento Vieira, 20

REBECCA MARIA

Cosplayer. Eduarda Russi, 23

REBECCA MARIA

Mercadóloga. Livia Paz, 21

REBECCA MARIA

Maquiadora. Bárbara de Sousa, 21

LUCAS TAVARES

Estudante. Stephanie Araújo, 21

LUCAS TAVARES

Produtor. Raphael Reynan, 20

REBECCA MARIA

Programadora. Luiza Rodrigues, 23

LUCAS TAVARES

Fisoterapeuta. Vinicius Amorim, 26

BRENNO CARVALHO

Dentista. Fernanda Oliveira, 22

REBECCA MARIA

Autônoma. Gabrielle Beatriz, 22

REBECCA MARIA

Tatuadora. Maiara Lima, 29

REBECCA MARIA

Modelo. Fernanda Alves Amaral, 40

LUCAS TAVARES

Produtora. Sabriana Alves, 23

REBECCA MARIA

Analista de finança. Juliana Leal, 30

REBECCA MARIA

Empresários. Pablo Corona, 29, e Isabella Oliveira, 30

ENTREVISTA PILAR DEL RÍO, JORNALISTA E ESCRITORA

‘JOSÉ SARAMAGO ERA ABSOLUTAMENTE FEMINISTA’

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@edglobo.com.br
SÃO PAULO

VIÚVA DO NOBEL DE LITERATURA LANÇA LIVRO SOBRE O COTIDIANO DO AUTOR EM LANZAROTE, ILHA ONDE ELES SE EXILARAM APÓS TENTATIVA DE CENSURA EM PORTUGAL

Certo dia, José Saramago provocou sua mulher, a jornalista espanhola Pilar del Río: “E se fôssemos morar em Lanzarote?” Era 1992, e o governo português ameaçava censurar “O evangelho segundo Jesus Cristo”, acusado de blasfêmia. Em Lanzarote, a mais oriental das Ilhas Canárias, arquipélago espanhol, onde viveu até a morte, em 2010, o único Nobel de Literatura lusófono escreveu obras-primas como “Ensaio sobre a cegueira” e recebeu visitas ilustres como o fotógrafo Sebastião Salgado, o cineasta Bernardo Bertolucci e María Kodama, viúva de Jorge Luis Borges, a quem ele perguntou como era o “amor” com o escritor argentino.

Presidente da Fundação José Saramago, Pilar costurou as recordações d’A Casa, como era chamada a residência canária dos dois, hoje convertida em museu, em “A intuição da ilha”, um dos lançamentos que marcam o centenário do escritor, comemorado em 16 de novembro deste ano. Em São Paulo, ela conversou com OGLOBO sobre o legado político do marido, o crescimento da extrema direita da Península Ibérica e por que devemos ler “Ensaio sobre a lucidez”, romance no qual a população vota em branco para protestar. E falou tudo isso em legítimo portunhol:

— Saramago me dizia: “Toda vez que tentas falar português, Portugal treme”.

Os romances de Saramago nasciam da pergunta “e se...?” E se todos ficássemos cegos? E se Jesus Cristo não fosse Deus? “A intuição da ilha” nasceu de um e se...?

É interessante pensar “e se...?” E se houvesse bondade onde há corrupção? E se fôssemos solidários? “A intuição da ilha” nasceu da proposta de Alba Cantón, que trabalha na Casa e fundou a magnífica editora Itineraria. Esse nome vem da epígrafe de “A viagem do elefante”, tirada do “Livro dos itinerários”, inventado por Saramago. Na tristeza da pandemia, ela me dizia: “Pilar, escreve sobre José, escreve sobre A Casa”.

Como Lanzarote influenciou a obra de Saramago?

Fomos para Lanzarote porque Saramago não queria conviver com a censura. A ilha não o isolou. Lá, ele pôde se conectar com o tempo e o universo inteiros. Sua obra se tornou menos portuguesa e mais universal. À ilha chegavam as vozes humanas, não o ruído social que dificultava seu trabalho em Lisboa, onde sempre havia um jantar para ir. Ele pôde respirar e escrever. No fundo, havia em Saramago um sentimento de ilha, uma vontade de navegar.

Escrito em Lanzarote, “Ensaio sobre a cegueira” ressurgiu durante a pandemia...

Reli “Ensaio sobre a cegueira” na pandemia. E li Machado de Assis com um grupo de amigas! Relendo “Ensaio sobre a cegueira”, senti muita compaixão por todos nós. Somos cegos que, vendo, não vemos. Provocamos a pandemia com nosso desrespeito ao meio ambiente e consumo voraz. A distopia de Saramago virou realidade. Em Madri, cadáveres eram empilhados em pistas de dança. Sobre o Brasil nem precisamos falar, né?

Como foi ler Machado na pandemia?

Maravilhoso! Nos esbaldamos com a ironia e a inteligência de Machado. Mas nem ele nem Jorge Amado conseguiriam inventar o Brasil de hoje, que não cabe na imaginação de nenhum escritor. Se algum autor escrevesse sobre a visita do coração em formol de um rei, o editor diria: “Dê-se ao respeito! Isso não é verossímil!”

Voltando a Saramago: depois da leitura pandêmica de “Ensaio sobre a cegueira”, o que ler para enfrentar o presente?

DIVULGAÇÃO/FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Memória. Saramago e Pilar em Lanzarote. “Relendo ‘Ensaio sobre a cegueira’, senti muita compaixão por todos nós”

“Ensaio sobre a lucidez” é absolutamente urgente. Não acho que os brasileiros devam votar em branco. Quero ver milhões dizendo *(bate no peito)*: “Este país é meu! Este povo é o meu povo! No meu país, ninguém vai passar fome! Quero outro orçamento! Quero outra política!”

Este ano está sendo divulgada a “Carta universal de deveres e obrigações dos seres humanos”, inspirada no discurso de Saramago ao receber o Nobel de Literatura. Por que destacar o legado político do autor em seu centenário?

Nos romances de Saramago, há um desejo de liberdade, felicidade e harmonia. Em 1948, aprovou-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tais direitos vêm sendo sistematicamente violados em países signatários do documento. Saramago acreditava que talvez os direitos humanos fossem desrespeitados porque nós, cidadãos, permitimos isso ao não assumir nossos deveres. É nosso dever exigir que os governos cumpram nossos direitos a salários justos, moradia. O conceito de dever é progressista. Implica que somos nós os donos do poder e o exercemos ao votar e exigir que se cumpra o programa do governo que elegemos.

> “Provocamos a pandemia com nosso desrespeito ao meio ambiente e consumo voraz. A distopia de Saramago virou realidade
>
> **Pilar del Río**
> Escritora

Embora Portugal e Espanha sejam governados pela esquerda, a extrema direita avança nos dois países. Em Portugal, crescem os episódios de xenofobia. Como você vê a situação?

Portugal e Espanha vieram de mais de 40 anos de ditadura fascista. Isso ficou no sangue de muita gente. As pessoas não se transformaram em outras no dia seguinte ao fim da ditadura. A extrema direita permaneceu calada, aguardando a oportunidade de emergir, que veio com a crise econômica. O fascismo e a xenofobia sempre existiram e foram sustentados por governos e pela Igreja. O fascismo é perigoso para os indivíduos e para a coletividade, como podemos ver aqui no Brasil. O fascismo mata, condena à ignorância e à pobreza, escraviza muitos para que uns poucos vivam bem.

Você é feminista. Saramago também era?

Antigamente, as mulheres não podiam ser artistas, escritoras ou governantes. Nosso único poder era o da observação. Saramago sabia disso e colocou em seus livros mulheres lúcidas: Blimunda (*“Memorial do convento”*) vê, a mulher do médico (*“Ensaio sobre a cegueira”*) vê, Maria Madalena (*“O Evangelho segundo Jesus Cristo”*) vê. Saramago era feminista. Falou sobre a indignidade dos homens que maltratam mulheres e que aqueles que não condenam a violência e não lutam pela igualdade são cúmplices. Era absolutamente feminista.

“A intuição da ilha”
Autora: Pilar del Río. **Editora:** Companhia das Letras. **Número de páginas:** 304. **Preço:** R$ 99,90.

Qual mensagem as comemorações do centenário de Saramago pretendem transmitir?

Ler Saramago nos oferece ajuda, nos dá força, nos transmite energia. Ele é nosso contemporâneo. Em “Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas”, livro em que trabalhava quando morreu, ele escreveu que se fabricamos armas, temos que fabricar conflitos. Ninguém fabrica tantas armas para matar a si próprio ou a seus filhos, mas para matar os filhos dos outros. Gostaria de sublinhar isso.

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 a 20/4) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Libra. **Regente:** Marte. **Sobre o signo:** Autoconfiança.
Seu espírito pioneiro estará desperto agora, e você enfrentará o desejo de desbravar novos territórios, mentais ou geográficos, ampliando as fronteiras do conhecimento. Invista na expansão da alma.

TOURO (21/4 a 20/5) Elemento: Terra. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Escorpião. **Regente:** Vênus. **Sobre o signo:** Sensatez.
Ainda que, por ora, você atravesse situações desafiadoras, agora será possível encará-las de maneira otimista, o que tornará seu processo tão potente quanto transformador. Ilumine seus sentimentos.

GÊMEOS (21/5 a 20/6) Elemento: Ar. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Sagitário. **Regente:** Mercúrio. **Sobre o signo:** Acordos.
Seus pensamentos se apresentarão mais assertivos, permitindo a conclusão de planos e ideias que estão pelo caminho. Confie no que sua mente decidir e se prepare para os próximos passos. Movimente-se.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Capricórnio. **Regente:** Lua. **Sobre o signo:** Afetividade.
O dia lhe apresentará empecilhos e o ideal será recorrer a quem lhe oferecerá orientações sensatas e promissoras. Assim, você cuidará do presente e do futuro. Valorize os conselhos de quem você confia.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Aquário. **Regente:** Sol. **Sobre o signo:** Poder.
Os encontros que você estabelecerá trarão tanto estímulos criativos quanto provocações, e será sensato estar atento à maneira como você expressará suas ideias, evitando a intolerância. Trabalhe a escuta.

VIRGEM (23/8 a 22/9) Elemento: Terra. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Peixes. **Regente:** Mercúrio. **Sobre o signo:** Minúcias.
O momento estimulará a curiosidade intelectual, e para aproveitá-lo você deverá se debruçar sobre estudos e pesquisas do seu interesse. Dedique-se ao que você deseja conhecer e aprofunde seu conhecimento.

LIBRA (23/9 a 22/10) Elemento: Ar. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Áries. **Regente:** Vênus. **Sobre o signo:** Justiça.
O dia lhe pedirá atenção especial para com os próprios sentimentos, e será preciso trabalhar um olhar criterioso e coerente para perceber tais emoções com clareza e discernimento. Busque compreensão.

ESCORPIÃO (23/10 a 21/11) Elemento: Água. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Touro. **Regente:** Plutão. **Sobre o signo:** Desapego.
Reações desproporcionais comprometerão a conquista dos resultados que você almeja. Para encontrar a medida certa, será preciso ter os dois pés firmes no chão. Observe a realidade ao redor com maturidade.

SAGITÁRIO (22/11 a 21/12) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Gêmeos. **Regente:** Júpiter. **Sobre o signo:** Fé.
Você perceberá a sua sensibilidade aflorar ao longo do dia e, em vez de conter ou limitar os sentimentos que virão à tona, permita-se viver o momento com liberdade. Dê vazão às suas verdadeiras emoções.

CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1) Elemento: Terra. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Câncer. **Regente:** Saturno. **Sobre o signo:** Segurança.
Boas alianças se mostrarão altamente potentes para a conquista de projetos que você tem em mente, e será proveitoso fazer contatos despretensiosos no seu tempo livre. Some forças com quem lhe engrandecerá.

AQUÁRIO (21/1 a 19/2) Elemento: Ar. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Leão. **Regente:** Urano. **Sobre o signo:** Alternativas.
O processo de renovação pelo qual você está passando contará agora com o auxílio de amigos que poderão lhe apresentar novos horizontes e realidades. Saia da zona de conforto e respire novos ares.

PEIXES (20/2 a 20/3) Elemento: Água. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Virgem. **Regente:** Netuno. **Sobre o signo:** Oração.
O desejo de se deixar levar pela imaginação e viajar por zonas desconhecidas será equilibrado pela necessidade de dar atenção aos encontros e demandas alheias. Lembre-se que cuidar do outro é cuidar de si.

SERIAIS

TALITA DUVANEL talita.duvanel@oglobo.com.br

'GENTE DE CORAGEM'
APPLE TV+, A PARTIR DE SEXTA-FEIRA

MULHERES DE FIBRA FRENTE A FRENTE

Hillary e Chelsea Clinton comandam esta série documental sobre mulheres pioneiras, com atuações que impactam comunidades no mundo inteiro. Em oito episódios, mãe e filha conversam com a primatologista Jane Goodall, a influenciadora Kim Kardashian, a rapper Megan Thee Stallion, a drag queen Symone e muitas outras.

'GRATIDÃO'
DISCOVERY+, A PARTIR DE SÁBADO

TIJOLOS E CIMENTO COM GRIFE DE HOLLYWOOD

Louca por design, a atriz Melissa McCarthy também é boa de reality show e se juntou à prima Jenna Perusich neste programa de TV que reforma casas e muda a vida de seus donos. "É uma extensão natural do que costumamos fazer para nossos amigos e familiares por anos", disse Melissa sobre os pitacos que costuma dar na obra dos outros.

'COBRA KAI'
NETFLIX, A PARTIR DE SEXTA-FEIRA

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

A LUTA CONTINUA NO TATAME

Difícil ter vivido os anos 1980 e passado incólume pelo sucesso do filme "Karatê Kid". Para fisgar o público que viveu esse momento (e a turma mais nova também, por que não?), "Cobra Kai" traz de volta o universo dos personagens Daniel LaRusso (Ralph Macchio) e Johnny Lawrence (William Zabka) 30 anos depois. A estratégia deu tão certo que a quinta temporada da série estreia na próxima sexta-feira, na Netflix.

A nova leva de dez episódios começa logo depois do último torneio de karatê do Vale, com Terry Silver (Thomas Ian Griffith) expandindo o império Cobra Kai pela Califórnia com seu estilo "sem compaixão". Após se concentrar muitos em seus pupilos adolescentes, a série agora volta o foco para os ex-rivais Johnny e Daniel, unidos para deter Silver. Para ajudar na empreitada, Daniel "importa" do Japão o antigo inimigo Chozen. A série foi indicada, em 2021, ao Emmy de melhor comédia, e na edição de 2022 a melhor edição de som.

'CRESCENDO'
DISNEY+, A PARTIR DE QUINTA-FEIRA

AMADURECER NÃO É FÁCIL, MAS TAMBÉM VIRA DOC

No Disney+ Day, dia com conteúdos especiais para fãs, a plataforma coloca no ar esta série documental sobre o processo de amadurecimento de dez jovens entre 18 e 22 anos. Produzida pela atriz Brie Larson, a obra narra as experiências da infância e adolescência dessas pessoas e os desafios da estrada até a vida adulta.

'CHEF'S TABLE: PIZZA'
NETFLIX, A PARTIR DE QUARTA-FEIRA

OBRAS DE ARTE FEITAS NO FORNO

A famosa série de culinária agora tem uma temporada de oito episódios totalmente destinada a pizzas. Os produtores foram atrás de pizzaiolos do mundo inteiro, da Itália ao Japão, passando pelos Estados Unidos. Todos são empenhados em criar as redondas perfeitas com sabores exclusivos.

Passatempo

CRUZADAS

Veículos que viajam entre sistemas solares / Modalidades como a maratona e a luta / Apelido de Alessandra / greco-romana / Argila colorida usada em pintura / A verdade sem rodeios / Autorização mais comum aos visitantes dos EUA / Sistema de freios / De maneira natural

Orígenes Lessa, escritor brasileiro / Mato verde (bras.) / Superior de convento / Partícula positiva do átomo (símbolo)

Prática própria de ditaduras

(?) Gaspari, jornalista brasileiro / Tecla de gravação / 56, em romanos / R E C / Top (?), ranking do tênis mundial

Deprecia a virtude / Habitat da truta / Ilha do Pacífico / Inteligência Artificial (abrev.)

Elemento mais básico do calendário

A Última Flor do (?): a língua portuguesa / "Abelha", em "apicultura" / Papel colorido jogado no folião / Mr. (?), cômico britânico

Lado maior do triângulo retângulo / (?)-stop: o voo sem escalas / Seu número de emergência é o 192

Modelo de saia muito curta / Fazem preces / Abrasei-me

Que se apresenta sem desvios / (?) King Cole: gravou "People" / Desenho japonês

"The (?)", tabloide britânico

Gato, em inglês / As gerações futuras / Doença como a gonorreia ou a sífilis / Certa régua usada em desenho

BANCO 3/abs — cat — non — sun — ten. 5/anime — caubi — lácio.

SOLUÇÃO

VERSOGRAMA

1 E	2 C	■	3 I	4 F	5 G	6 J	7 M	■	8 D
9 A	10 L	11 H	12 F	■	13 H	14 L	15 A	16 B	17 E
18 J	19 M	20 F	■	21 C	22 B	23 A	■	24 A	25 D
26 E	27 I	■	28 M	29 E	30 H	31 J	■	32 D	33 E
34 A	■	35 G	36 D	■	37 C	38 G	39 F	40 M	41 J
42 C	43 D	44 B	■	45 L	46 J	47 M	48 B	49 C	50 G
■	51 N	52 G	53 B	54 J	■	55 F	56 C	57 D	58 H
59 N	60 L	61 B	62 G	■	63 H	64 N	■	65 A	66 D
67 H	68 I	■	69 E	70 N	71 I	72 J	73 L	74 A	75 F
■	76 A	77 G	78 C	79 B	80 J	81 M	82 N	83 L	■

A 24 9 23 76 34 15 65 74 = que não permite demora
B 61 44 79 22 16 48 53 = estufa pequena
C 49 42 37 78 21 2 56 = (fig.) elegância, esmero
D 43 57 32 66 25 8 36 = urna cinerária
E 26 17 69 33 29 1 = qualquer cereal, no sertão
F 12 55 4 39 75 20 = contrário, inverso
G 5 52 35 77 38 50 62 = de menor valor que outro
H 13 30 11 63 58 67 = cova onde as tartarugas fazem ninho para desovar
I 71 68 3 27 = jumento
J 41 72 18 46 31 80 6 54 = traçado dentro
L 60 10 83 45 73 14 = misturado nas devidas proporções
M 7 19 40 47 81 28 = ríspida
N 64 59 51 70 82 = sagrada

POESIA: Eu, nesta trova, confesso / que, pelo amor que me inspiras, / aceito como verdades / as tuas grandes mentiras.
TÍTULO: PÉTALAS CAÍDAS
CONCEITOS: PREMENTE – ESTUFIM – TRINQUE – ARQUETE – LEGUME – AVESSO – SOMENOS – COVADA – ASNO – INSCRITO – DOSADO – ÁSPERA – SACRA

oglobo.com.br/cultura **Editora:** Gabriela Goulart (gab@oglobo.com.br). **Editor adjunto:** Marcelo Balbio (balbio@oglobo.com.br). **Editor assistente:** Eduardo Rodrigues (earodrigues@oglobo.com.br). **Diagramação:** Gustavo Amaral (gdamaral@edglobo.com.br) e Jacqueline Donola (jacque@oglobo.com.br). **Telefones:** Redação:2534-5703. **Publicidade:** 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br **Correspondência:** Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar. CEP 20.230-240

HUMOR

Sensacionalista

ISENTO DE VERDADE

Ciro bate o dedinho na quina da porta e culpa máquina de ódio petista

"E o Lula, hein? E o PT?", questionou o candidato Ciro Gomes ao ter que se explicar após sua fala desastrosa sobre a diferença entre um comício para "gente preparada" e para a "favela". Ciro culpou o PT e acusou Lula de ventriloquismo. Depois da fala, o próximo comício de Ciro poderá ser em Paris.

No dia seguinte, o pedetista foi visto mancando em um ato de campanha. Ele afirmou que bateu com o dedinho do pé em seu apartamento e disse que foi Gleisi Hoffmann quem teria colocado o vão da porta naquele lugar.

Mas a versão que corria entre apoiadores era que o candidato havia dado mais um Ciro no pé.

Auxílio Brasil não se reflete nas pesquisas, e Bolsonaro promete dinheiro vivo para compra de imóveis

CRISTIANO MARIZ/27-3-2022

O presidente Jair Bolsonaro vai anunciar nos próximos dias o De Pai Para Filho. O novo auxílio vai dar dinheiro vivo para todo brasileiro poder comprar sua mansão pagando em cash.

A Anvisa confirmou que o dinheiro usado pelos Bolsonaros para comprar imóveis tomou a vacina para a Covid. Por isso era vivo.

A comissão de cientistas que se reuniu para estudar por que brasileiros se indignaram com um tríplex, mas não se queixam de 107 imóveis, terminou seus trabalhos sem conclusão. Acredita-se que os doutores tenham levado uma grana do orçamento secreto.

Bolsonaro quer baixar imposto de carro-forte para cidadão de bem transportar milhões em espécie

O slogan "tradição, família e propriedade" nunca fez tanto sentido: virou tradição a família do presidente comprar muitas propriedades em dinheiro vivo. Trata-se do maior programa de transferência de renda da História para famílias com sobrenome Bolsonaro.

Especula-se que é por andar tanto com dinheiro vivo para lá e para cá que Bolsonaro defende o uso de armas de fogo. Sempre preocupado com o bem-estar das pessoas que transportam grandes valores de origem desconhecida, Jair vai zerar o imposto sobre carros-fortes e cortar em 50% o aluguel dos serviços de escolta feita por milicianos.

Em crise de abstinência por não poder derrubar mais árvores, Salles derruba motoboy e foge em SP

Ricardo Salles atropelou e derrubou a moto de um entregador em São Paulo. Ele diz que viu um sinal de trânsito verde e ficou muito irritado porque odeia tudo que é verde.

Segundo o ex-ministro, ele teria ouvido o barulho da moto e pensado ser uma motosserra: ao perceber que era uma motocicleta, ficou ainda mais irritado e teria tido um acesso de raiva.

Depois de derrubar o motociclista, Salles fugiu sem prestar socorro. "Quando ele falou que queria passar a boiada, não sabia que seria por cima de mim", disse o motoboy.

Jair Bolsonaro lamentou o ocorrido e comentou: "Salles não foi um grande ministro, mas quebrou muito galho".

UM TIPO SOLITÁRIO EM BUSCA DE REDENÇÃO

VENEZA CELEBRA OBRA DE PAUL SCHRADER COM EXIBIÇÃO DE 'MASTER GARDENER', QUE ECOA O DOENTIO PROTAGONISTA DE SEU CÉLEBRE 'TAXI DRIVER'

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA
Especial para O GLOBO
VENEZA

Diferentes gerações de Hollywood atravessaram ontem o tapete vermelho do 79º Festival de Veneza, para a sessão de gala de "Master gardener", exibido no pacote de hors concours. O filme é dirigido pelo lendário Paul Schrader — autor do roteiro de clássicos como "Taxi driver" (1976) e "O touro indomável" (1980), ambos de Martin Scorsese — e protagonizado por Sigourney Weaver, Joel Edgerton e Quintessa Swindell. Todos aproveitaram a ocasião para também celebrar o veterano realizador de "O gigolô americano" (1980) e "A marca da pantera" (1982), que recebeu o Leão Honorário, pelo conjunto de sua obra.

— Paul está por trás de vários filmes que ajudaram a moldar a minha decisão de virar ator — reconheceu Edgerton, o Owen Lars da série "Obi-Wan Kenobi". — Uma das coisas de que realmente gostei em "Master gardener" foi a ideia de que há coisas que você acha bonitas que precisam ser despedaçadas para continuar crescendo, e outras que precisam retroceder para ir adiante.

Sigourvey, a eterna Ripley de "Alien — O oitavo passageiro" (1979), de Ridley Scott, complementou:

— Sempre admirei os trabalhos de Paul, mas nunca sonhei em poder participar de seus filmes, porque não poderia ser nenhum daqueles seus homens solitários de suas histórias. Mas agora sou a velha luxuosa da casa de "Master gardener". Norma, a minha personagem, é um dos melhores papéis da minha vida.

"Master gardener" foi um dos mais aplaudidos do títulos do programa do dia, que ainda assistiu às estreias de "Argentina, 1985", de Santiago Mitre, que teve discreto protesto no tapete vermelho contra os desaparecidos na ditadura, e "Monica", de Andrea Pallaoro, ambos em competição. A trama do longa de Schrader acompanha Narvel Roth (Edgerton), jardineiro pacato da propriedade de Norma Haverhill (Sigourney), uma rica e arrogante viúva. Ele está terminando os preparativos para o próximo leilão beneficente de sua chefe, para quem trabalha há dez anos, quando recebe a incumbência de tomar como aprendiz a sobrinha-neta dela (Quintessa), que perdeu a mãe recentemente e tem problemas com drogas. O equilíbrio se desfaz e acaba revelando o passado obscuro e violento de Roth.

FOTOS DE MARCO BERTORELLO/AFP

Tapete vermelho. Joel Edgerton, Sigourney Weaver e Quintessa Swindell com o diretor e roteirista Paul Schrader, que recebeu Leão Honorário pelo conjunto da obra

Política. Na estreia de "Argentina, 1985", protesto por desaparecidos na ditadura

O personagem de Edgerton, um tipo solitário que esconde um mundo de crueldades sob um elaborado conjunto de rituais e regras, lembra Travis Bickle, o protagonista doentio de "Taxi driver".

— Não consigo evitar. Esse tipo de personagem continua aparecendo em meus filmes e envelhecendo comigo. Mas, ao mesmo tempo, ele evolui. No caso de Roth, ele é como um solitário sentado em uma sala, com uma máscara no rosto. Ou seja, trabalha com horticultura, mas sempre esperando que algo aconteça. E então, algo acontece — explicou Schrader. — Conheci esse tipo de personagem décadas atrás, na literatura europeia. Ele é como um herói existencialista de Dostoiévski ou de Sartre. E ele acabou se tornando um taxista no meu filme, que acabo revisitando de tempos em tempos.

FIM DE TRILOGIA

"Master gardener" é o derradeiro capítulo da trilogia iniciada com "Fé corrompida" (2017) e "O contador de cartas", exibido em Veneza ano passado, sobre esses heróis solitários e tortos. Se nos filmes anteriores ele perambulava pelos territórios da fé e do jogo, aqui ele caminha entre flores, plantas e hortaliças.

— É claro que, ao longo da história, fica claro que o jardim é uma metáfora. Tudo começa em um jardim, como o Éden — disse Schrader, que reforçou outro tema comum em quase todos os seus filmes, a redenção. — Minha geração cresceu com histórias de violência, agora são menos. A noção básica de como podemos participar de nossa própria redenção evoluiu.